

REVISTA DA SEMANA

N.º 41
13-10-1945
CR\$ 1,50



TONELAGEM AEREA



Breve, o "Clipper Express" lhe oferecerá um serviço ainda mais rápido e conveniente, para qualquer carga – desde alfinetes até casas desmontáveis.

SIM, não se passara muito tempo para que, eliminadas as últimas restrições impostas pelo esforço de guerra, esteja ao alcance de todos o transporte aéreo ainda mais rápido, mais frequente e econômico... graças ao "Clipper Express" da Pan American World Airways. Mas já há muitos anos que o "Clipper Express" da Pan American une centenas de lugares nas três Américas. Pioneira da abertura de novas rotas internacionais e do

CLIPPER EXPRESS *

* SERVIÇO RÁPIDO DE ENCOMENDAS AÉREAS PELOS "CLIPPERS" DA PAA

desenvolvimento de novas facilidades de voo, a Pan American World Airways pôde desempenhar a inteira satisfação as missões de guerra que lhe foram designadas, sem sacrificar os transportes civis. Utilize também, em seu proveito próprio, essa experiência extra adquirida pela Pan American Especifique "Clipper Express" em todas suas encomendas internacionais que necessitarem de transporte rápido. O representante local da Pan American World Airways lhe dará com prazer todas as informações sobre tarifas e horários do "Clipper Express"



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

A BOMBA E O EVANGELHO

O rapaz entrou alvoroçado e triunfante, brandindo o jornal com a "manchette" escandalosa, em letras de madeira, imensas e ameaçadoras. Estávamos em vésperas de uma nova guerra, maior que a anterior, agora com a bomba atômica, a grande e decisiva guerra da Humanidade, jogando novamente povos contra povos, para terminar de vez com uma raça maldita...

E o bom moço exultava. Não cabia em si de contente. Posado o exemplar sobre a primeira mesa, esfregava as mãos, ria com os olhos, com a boca, com toda a musculatura da face. Era chegada, enfim, a suprema hora do ajuste de contas. Estertorava:

— Agora, sim! Não lhes dizia? Eu sabia... Eles não se entenderiam... Eles acabariam brigando entre si...

Outros fizeram coro. Foi uma festa. Dis-se-lhe que não chegasse uma triste notícia de outra guerra em perspectiva, quando a anterior ainda não terminou realmente, mas uma auspiciosa nova, capaz de devolver aos homens de boa vontade um pouco de paz e sossego. O rapaz alvoroçado e triunfante era, no entanto, o mesmo que, meses atrás, exultava com idêntica vibração quando outras "manchettes" anunciavam o término da luta.

★

Horas mais tarde, circulavam as "finais" e não se falava na edição novíssima da guerra, que devia ser a guerra abençoada da bomba atômica. Pelo contrário: divulgavam-se as palavras bem intencionadas e puras de Truman:

— Lembrai-vos do Evangelho... Amai-vos uns aos outros...

E advertia, prudente:

— E' mais difícil vencer a paz que vencer a guerra...

O sucessor de Roosevelt prevenia o mundo dos perigos irreparáveis com uma nova luta. Ele tem a bomba atômica, mas nem por isso se entusiasma. E chega a afirmar que uma nova guerra será a destruição total do mundo que aí está, bom ou mau, mas ainda resistindo. E diz mais: que tal bomba deverá, antes, beneficiar a quantas nações se uniram no combate ao nazismo, enfileirando aos Estados Unidos a Inglaterra, a China, a Rússia, o Brasil, sem uma palavra ou um pensamento em divergência entre os vencedores. Porque a divergência será a desgraça para todos eles.

Foi o Presidente Truman quem falou, mesmo com a bomba. Principalmente conhecendo os horrores que a bomba pode dar ao mundo inteiro.

★

E todavia há brasileiros que se alvoroçam, batem palmas, impensada e totemente, ao se falar em reacender a fogueira ainda com as cinzas mornas. Há brasileiros que não pensam nas mulheres patricias cujos filhos, maridos, pais e noivos ficaram entre os mil e quinhentos bravos de Pistola. Há brasileiros que não pensam em outros milhares de noivos, pais, maridos e filhos fatalmente imolados se vier a nova guerra. Há brasileiros que talvez pensem em novos benefícios materiais com esse repontar da luta.

Há brasileiros que pensam de mais. Ou que não pensam.

★

A bomba atômica! Ninguém sabe como se irá referir o mundo ao descobrimento maior deste fim de guerra de 1945, dentro de quinze ou vinte anos. Muitos que hoje se ufam com a sua aparição, podem ter sido os primeiros imolados se a bomba for posta em funcionamento. E o mundo não será melhor nem pior enquanto persistirem ambições desmedidas, cérebros que gravitam em seu raciocínio elementar, dentro de um círculo de giz traçado pelas suas conveniências particulares, seus interesses momentâneos.

A bomba atômica! Infinitamente boa ou terrivelmente má, ninguém hoje sabe.

★

Um ilustre cavalheiro de indústria já considerou a bomba atômica um lucrativo negócio, o mais compensador. Ela provocará discórdias entre os homens, haverá novos racionamentos, novas altas de preços, novos "câmbios negros" ainda mais negros.

E a sua conta bancária terá aumentado. Aumentará na proporção dos novos cemitérios militares, em Pistola ou em outra qualquer parte deste pobre mundo louco.

★

Foi Truman, todavia, quem citou o Evangelho:

— Amai-vos uns aos outros...

Mas, senhores, como se poderá pensar em sentimentos fraternais com tanta gente ululando de felicidade só porque a "manchette" de jornalzinho mentiroso admitiu a possibilidade de nova luta?

Só mesmo criando um novo exército. E mandando para as linhas de frente, nesse exército, contingentes desses entusiastas que pensam em tudo, inclusive nos lucros materiais da guerra, menos em manejar o fuzil.

Decididamente a bomba atômica subiu à cabeça de muita gente "fan" da guerra, mas "fan" de palanque, a distância, com os bolsos cheios.

CELESTINO SILVEIRA

13 10 1945
ANO XLVI- N. 41

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

A arte reditiva da França	9/15
Ensaia os Comediantes	16/17
Figuras e Fatos	24/25
Jockey Club Mundial	40

LITERATURA

A Bomba e o Evangelho (Celestino Silveira)	3
A fuga de Mr. Charles (Robert Lee Son)	23
Poetas Irmãos (Eseragnelle Doria)	26
A Vingança (Sébas Moreira)	28/29
Perdão, meu bem (Edgar Wallace)	34
Livros Novos (J. L.)	35/37
Os concursos literários da REVISTA DA SEMANA	7

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Música (Roberto Lyra Filho)	19
Artes Plásticas	32
A REVISTA em Hollywood	38/39
Esporte (Levy Kleinman) e Cinema (C.)	42/43

FEMININAS

Copa e Cozinha	18
Home, sweet home (Jesy Barbosa)	27
Vestidos e Chapéus	30/31
Outros Modelos	44 e 46

CURIOSIDADES

China, velha China... ..	4/5
Voltam a brincar as crianças da Europa	20/21
Paris	33
Lilli Marlene (A. Migueis)	35

NOVELA

"Ressurreição"	49/50
----------------------	-------

CARICATURA

Esportes (Luiz Sá)	8
De Bom Humor	22
"Charge" de Raul	58

TEATRO

"O Costa do Castelo"	55/57
----------------------------	-------



Uma jovem e bonita "estrela" de Hollywood, que também pode ser incluída entre as "new-faces" de 1945: Dusty Anderson, da Columbia. Pertence à legião da gente moça, das artistas que estão ainda aguardando sua grande "chance".

NA
CAPA

CHINA

VELHA CHINA

Os longos anos de guerra, as privações das sêcas longas e das inundações caudalosas passaram sobre a China, cobriram os velhos templos com a lama das caudais, encheram de cadáveres os caminhos tristes das estradas áridas, espalharam cinzas pelos campos desolados. Mas das ruínas dessa hecatombe nasceu uma nova pátria. Pelas estradas milenares, à sombra dos sincomoros antiquíssimos que pendem sobre rios barrentos, passaram os "tanks" dos invasores batidos pelos patriotas que se refugiaram nas montanhas à aproximação dos exércitos nipônicos.

Durante mais de dez anos lutou a China contra a sanha dos inimigos cruéis, sozinha em seu isolamento asiático. Vieram-lhe de pois em auxílio as potências ocidentais. E foi então descoberto um novo país. Da velha China do banditismo bárbaro e do caudilhismo retrógrado, nasceu uma nação nova, unida e indivizível, cheia de esperança e cheia de fé. Os guerrilheiros, que se espalhavam da Grande Muralha aos confins da Mongólia, eram portadores de uma mensagem de solidariedade de todos os chineses ao Exército da nova China. Veio a Vitória. O invasor foi derrotado e expulso do território chinês.

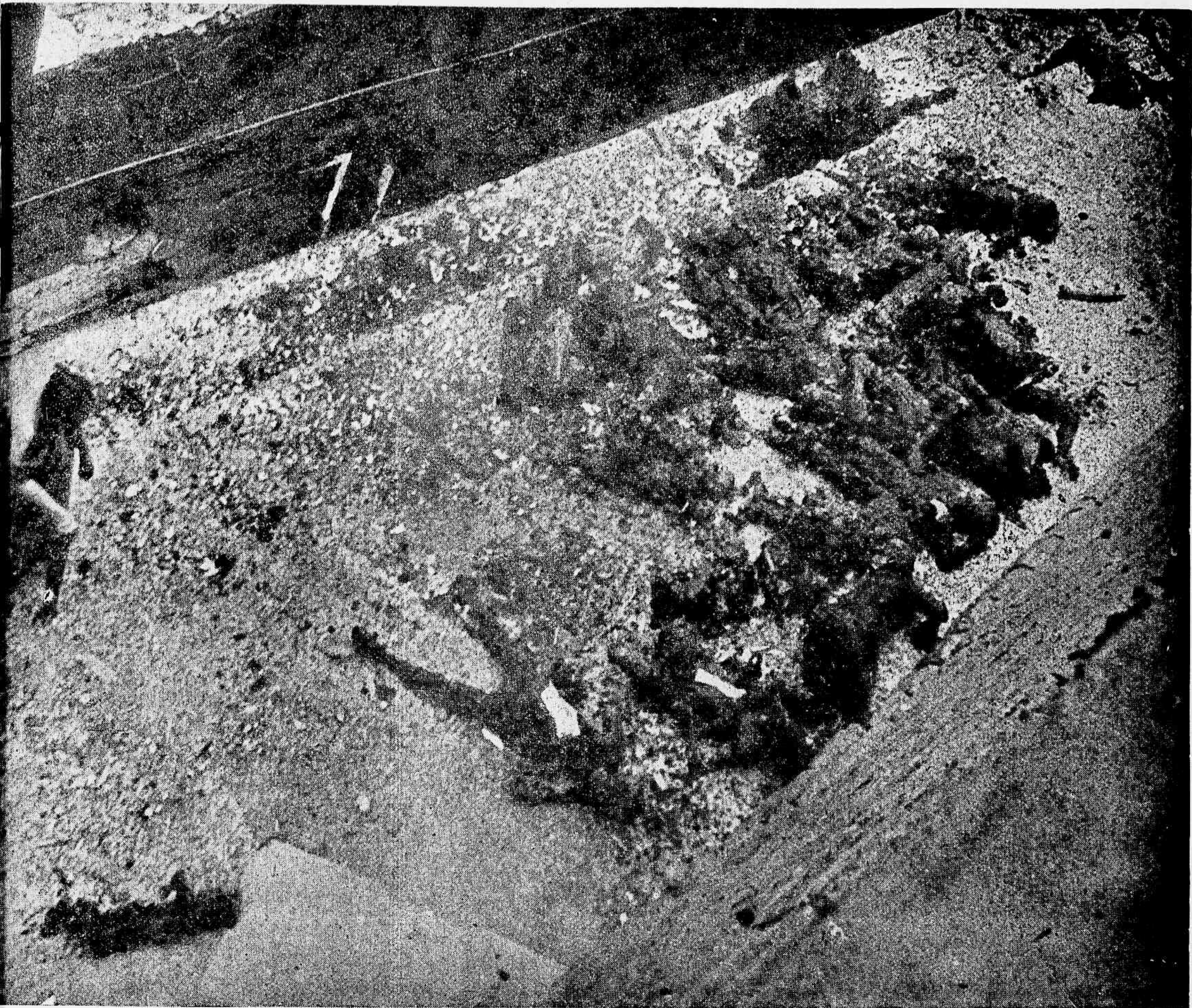
Agora surge a China progressista e trabalhadora, disposta a prosseguir na paz a tarefa iniciada na guerra. O governo de Chiang Kai-Shek levou a término o trabalho de unificação, fazendo um acôrdo entre todos os chefes militares e políticos da República, que agora agem em conjunto, com um único ponto de vista: o progresso da China.

Mecanizada, industrializada, a China de hoje caminha para a frente sem olhar para trás. A tarefa de reconstrução é árdua; muito duro será o trabalho de levantar de novo os edifícios derrocados e abrir novamente as estradas intransitáveis. Mas tudo se fará, pois a vontade férrea dos chineses que logrou vencer o Japão, saberá também vencer as intempéries e os flagelos.

TOMADA EM "CLOSE-UP", a fisionomia deste jovem guerrilheiro nos mostra a vontade firme de vencer. Hoje ele é mais um lavrador a serviço da nova China.

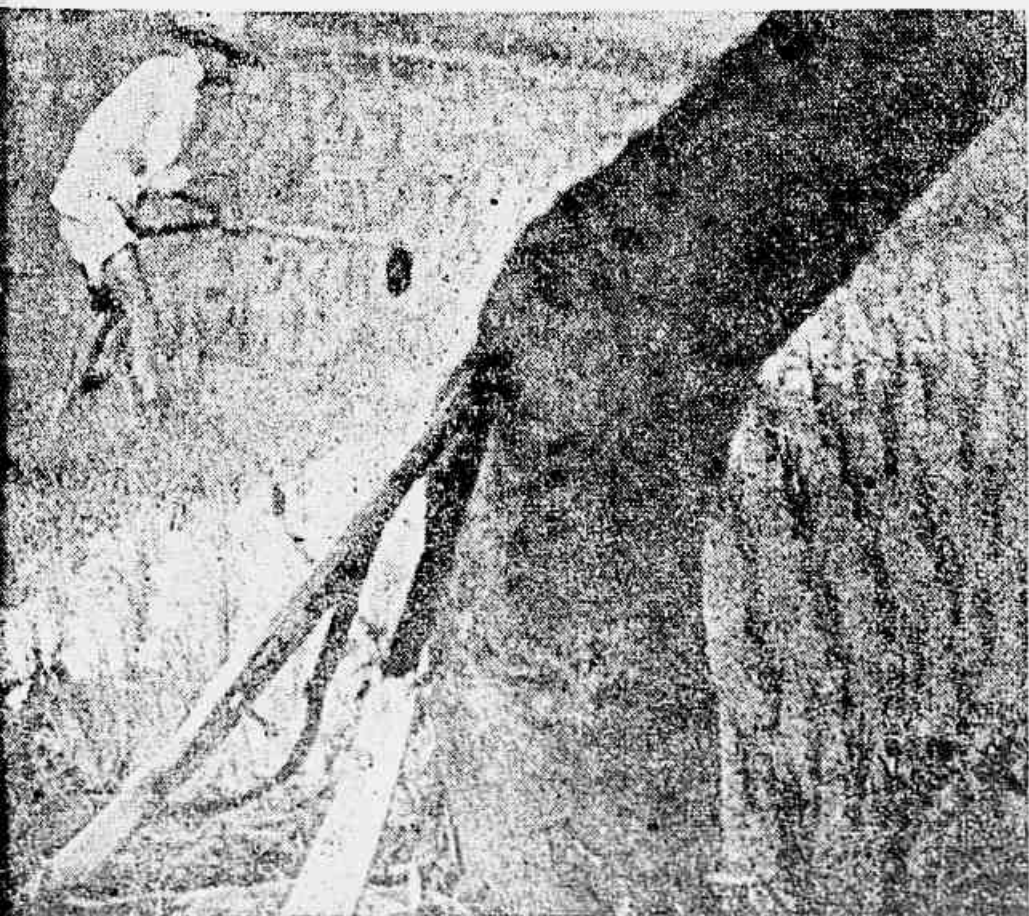
PASSOU A GUERRA, levando o séquito de misérias. Hoje já perambulam pelas ruas das cidades chinesas as multidões de desabrigados.





SOB AS CINZAS DE SHA-PEI, o bairro chinês de Shangai, estavam escondidos os mortos. Carbonizados e informes, estes cadáveres são o testemunho mudo da barbárie nipônica. Passou porém a hecatombe, e a China, rejuvenescida, surge agora das cidades bombardeadas, trabalhando na paz com o mesmo esforço generoso e nobre com que soube lutar na guerra.

O CHINÊS NA PAZ E NA GUERRA — Era um povo pacífico, que vivia na vastidão de seus campos de arroz filosofando como Confúcio, amando as mulheres e apascentando o gado. Pouco sabiam do mundo que se escondia atrás das montanhas que cercavam os seus vales encharcados. Um dia as hordas invasoras lhes confiscaram a terra e lhes rapinaram os grãos. Vieram os seus irmãos da cidade e lhes ensinaram a manejar os fuzis de repetição e as metralhadoras "Colt". E eles passaram a trabalhar armados. Enquanto a enxada rústica revolvía os pântanos, o fuzil dormia encostado à árvore. Mal o alarme soava, avisando a presença do invasor, o camponês transformava-se em soldado e corria para a batalha. Foram homens como estes, heróis anônimos dos arrozais da China do Meio, que escreveram, com o seu sangue e o seu suor, a epopéia grandiosa da resistência asiática contra a opressão nipônica. Diante destes fuzis pequeninos emudeceram os canhões de grosso calibre da arrogante artilharia do Mikado. Em frente a estas enxadas pararam os "tanks" dos generais japoneses.



A SEMANA EM REVISTA

"BOCA DE SIRI"



Os americanos ainda não perderam a sua velha mania de concurso. Uma vez terminada a guerra, voltaram todos na terra de Tio Sam para os campos das competições internas. O "rugby" ganha novamente prestígio. O "base-ball" leva aos campos milhões e milhões de "fans". E há ainda os concursos de toda natureza, concursos de beleza, de pernas perfeitas, de dentes brancos, de capacidade estomacal, etc.

Mas agora, numa cidade do interior dos Estados Unidos acaba de acontecer algo mais sensacional que a realização de todos os concursos anteriormente feitos para premiar o maior comedor de chocolate da União. Vamos ao fato:

Diz um telegrama de New York que se realizou recentemente naquele Estado uma grande prova, da qual participaram centenas de pessoas, e que tinha o fim de premiar aquele que fosse capaz de permanecer mais tempo sem falar. Era uma prova dura, não havia dúvida. Em torno de uma mesa imensa colocaram-se os disputantes, todos prontos a tornarem-se mudos durante quanto tempo fosse necessário para alcançar o prêmio. Parece que todos julgaram muito fácil a conquista do laurel. Mas o que é certo é que duas horas depois já um dos concorrentes falava, sendo imitado por outro quinze minutos mais tarde. Doze horas após o "largar", apenas vinte e três disputantes continuavam a manter silêncio absoluto. Entre esses estava uma mulher, que entrara no páreo apenas para pôr abaixo a velha crença de que as mulheres falam muito. Chama-se Conchita de la Torre. E foi ela a campeã do silêncio. Conseguir ficar durante oito dias, nem menos um segundo, muda como um bom lusitano em dia de derrota do Vasco. Nem um pie soltou. Nem sequer um suspiro. O homem que fez jus ao segundo lugar perdeu a "ponta" por ter falado enquanto dormia, um dia antes da grande vitória. Assim, Conchita foi aclamada. Logo que correu a nova, dos mais remotos pontos dos quarenta e oito Estados começaram a chegar telegramas de felicitações e pedidos de casamento de velhos solteirões, que mantinham o celibato por medo da língua feminina. Conchita recebeu os telegramas, olhou-os, leu-os em silêncio. Depois soltou um berro e começou a cantar. Ficou louca, louca varrida, atacada da mania de oratória. Está, agora, presa da megalomania, crente que é "speaker" da N.B.C. Os juizes do concurso haviam-na apelidado "Boca de Siri". Mas no manicômio, para onde foi levada, as colegas lhe dão o nome "Vitrola Sem Freio". Talvez alguma das nossas emissoras pudesse contratá-la...

O ESPÍRITO DA PAZ E OS "ESPÍRITOS DE PORCO"



Voltou a paz. Voltaram para os homens os dias felizes de esperança e sossego. Nunca mais, pensam os ex-combatentes, os canhões tornarão a troar nas noites frias da Europa. Nunca mais, nas madrugadas frias das planícies da Ucrânia, as nuvenzinhas das granadas de mão assinalarão a morte dos bravos. Não será mais quebrado o silêncio comovedor do Piemonte pelo ladrar metálico e bárbaro das metralhadoras de cadência rápida. Onde passaram ontem os exércitos libertadores, com as baionetas dos infantis brilhando à luz mortífera do sel de inverno, os raios de luz farão rebrilhar amanhã as pentas das cegadoras e das foices dos camponeses alegres que, despidos e dólman e atirado para um canto o capacete de aço, lá se vão, em longa fila, a caminho da seara larí. Nunca mais, dentro das fábricas vastas, os martelos elétricos baterão os rebites dos carros de combate. E os campos replantados, de onde as chuvas benéficas apagaram os sulcos dos "tanks" de grande tonelagem, serão rasgados pelas cremalheiras dos tratores possantes que, num canto de paz e de trabalho, passarão entre as vinhas e os pinheirais.

Assim esperam todos os homens de boa vontade. Assim esperam os que pagaram a paz pelo preço de seu sacrifício, lutando de armas na mão contra o nazismo opressor. Assim esperam todos os ex-combatentes da Grande Muralha aos Apeninos, das estepes da Rússia Branca às areias do Oriente Médio. E assim se fará. Falando ao povo dos Estados Unidos, o Presidente Truman afirmou que a Paz era mais difícil que a Vitória, mas que ela seria mantida, pois assim queriam todos. A fala do Presidente teve o poder de desanuviar o horizonte, coberto pelos nimbo pesados dos boatos alarmistas. Há muito que andavam os jornais suspeitos, de todo o mundo, a tecer intrigas e forjar mal-entendidos entre as grandes potências, pretendendo fazer a confusão, afim de que dela se aproveitassem os seus patrões ocultos, que outros não são que os remanescentes do nefando fascismo, espalhados pelo mundo para sabotar a vitória. Mas os povos do mundo livre saberão repelir à altura essas manobras sinistras. Todos continuam unidos e unidos saberão lutar até o fim pela libertação total da humanidade e pelo extermínio integral do fascismo. É preciso que todos os homens realmente honestos e sinceros estejam alertas contra a manobra dos provocadores. Que o espírito da paz não seja prejudicado por esses "espíritos de porco".

A GALINHA FANTASMA



Em Los Angeles, na Califórnia, onde as "estrélas" de cinema passeiam nas ruas de sonho os seus cães de luxo, aconteceu um caso extraordinário, nunca antes aparecido nem mesmo num desenho de Disney. Em Los Angeles, na Califórnia, vive hoje uma galinha que, pelas suas características físicas, barra todas as galinhas com cara de gente de Belo Horizonte. Isso porque a ave da terra do Cinema, além de não ter cara de gente, não tem cara de galinha nem coisa nenhuma: é extraordinário galináceo não tem cabeça. Acreditem ou não, a galinha vive perfeitamente, come, dorme, anda e faz tudo o mais que uma galinha normal pode fazer. A sua originalidade está apenas no fato de não ter cabeça. O telegrama que nos conta o ocorrido esclarece que a ave pertencia a um criador residente nas proximidades da cidade do Cinema. Era então uma galinha perfeita. Na véspera de uma festa, o criador resolveu sacrificar a penosa em holocausto à gula dos convidados. Munido de uma faca incisiva e bateu para a galinha. O pobre animalzinho, vendo a lâmina assassina brilhar à sua frente em reverberos sinistros, pôs-se a dar voltas junto à cerca, numa tentativa desesperada para escapar ao destino cruel que a aguardava. Mas o homem agarrou-lhe a perna e colou-a de encontro a um tóco. O aço da faca silvou e desceu sobre o pescoço da bicharoca. A cabeça da galinha voou a distância, deu três pulos macabros na terra batida e ficou jogada a um canto. Mas pensam os leitores que a galinha ficou morta? Nem nada! Continuou vivinha da silva, como qualquer mula-sem-cabeça de Sexta-Feira da Paixão. O homem, de cabelos arrepiados, fugiu correndo. Voltou depois, já mais familiarizado com a galinha fantasma. E, como todo bom americano, viu no caso um ótimo negócio. Pôs o estranho bicho em exposição, começou a alimentá-lo pelo buraco do pescoço. A galinha ainda vive e vai muito bem de saúde. Tem sido visitada diariamente por uma multidão de curiosos, cientistas e reporters. O seu dono está se enchendo de dinheiro. Em todos os Estados Unidos, das savanas do Texas aos prados de Washington State, causa sensação esse animal sem cabeça. É o único exemplo, um espécime que não encontra par. Nós, entretanto, que vivemos na santa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, já nos acostumamos a tais fenômenos. Vemos tantas galinhas e tantos outros animais sem cabeça, diariamente, que não nos causaria espanto mais uma. Aqui, o homem que se propusesse a explorar a exposição de um animal acéfalo seria um negociante fracassado. Ou então teria que se ver forçado, no fim de contas, a montar um jardim zoológico fantasma, povoado de animais sem cabeça.

OS "MAQUIS" DA ARTE



Um telegrama chegado de Londres dá notícia de que começam a emergir dos subterrâneos as obras de arte célebres, pertencentes à coleção do Louvre e de outros museus famosos da Europa libertada. Durante inco longos anos a famosa "Gioconda" de Da Vinci esteve trancada num subterrâneo, para onde a levaram, juntamente com obras-primas de Rembrandt, Cézanne e outros mestres, os guerrilheiros franceses. Homens criados no amor ao belo, tão pronto se aproximaram de Paris os alemães, antes mesmo de procurarem salvar as próprias vidas, com o risco da liberdade e mesmo da existência, puseram-se em campo, conduzindo para abrigos seguros as maravilhosas obras de arte dos museus franceses, afim de salvá-las da fúria vandálica das S. S. e da rapinagem gananciosa de Goering. Muitas "baldas" efetuaram os camisas negras de Hitler nas águas-furtadas dos artistas, à busca das obras escondidas. Talvez tenha sido mesmo posta a prêmio a cabeça de Mona Liza. Mas foram baldados todos os esforços dos esbirros para capturar as grandes criações da arte universal, que o mundo confiara à custódia dos franceses. Pelos territórios da França espalhavam-se 60 esconderijos, onde os lutadores subterrâneos guardavam pelo preço da própria vida as maravilhosas obras de arte retiradas de seus museus. Os ataques aéreos dos aliados punham em perigo a integridade das telas e das esculturas. Os "maquis" da arte construíram abrigos subterrâneos, trabalhando dia e noite, para pôr os seus tesouros a salvo das bombas. E hoje, passado o perigo, quando a França celebra em festa o advento de uma era, voltam para os seus antigos lugares as pinturas e os mármores famosos. Vênus de Milo, após estar escondida durante todo esse tempo no subterrâneo de um castelo à margem do Loire, foi de novo conduzida ao Louvre, onde pode ser de novo admirada por todo o mundo. É oportuno lembrar agora o trabalho anônimo dos heróis da arte, que durante esses cinco anos de terror, enquanto pelas ruas de Paris passavam as patrulhas motorizadas alemãs, tudo fizeram para que o mundo pudesse ver ainda, pelos séculos afora, a obra de Da Vinci e a de Cézanne. A eles a gratidão do mundo. A eles a glória de continuarem a ser os guardiões da "Gioconda" e da Vênus de Milo. Estamos certos de que o Louvre, guardado pelos "maquis", jamais será visitado novamente pelos oficiais prussianos.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 89,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00.
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1012; Portaria: 22-5002.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7556.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Co Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução original, mesmo quando não publicadas.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERARIOS

Como noticiámos em nossa edição anterior, obteve o mais completo sucesso a primeira fase do Concurso Permanente de Contos aberto pela REVISTA DA SEMANA. Os concorrentes premiados poderão receber os prêmios de Cr\$ 100,00, na Caixa da Companhia Editora Americana, tão pronto sejam publicados os seus trabalhos. Damos abaixo a lista dos trabalhos julgados na primeira apuração do "Prêmio Aureliano Machado", bem como as bases que dirigem o Concurso Permanente de Contos, que continua aberto para os que queiram participar da segunda apuração, a realizar-se no dia 2 de janeiro de 1946.

Por absoluta falta de espaço deixamos de divulgar hoje as bases dos concursos de romance e peças teatrais, "Prêmio REVISTA DA SEMANA" e "Prêmio Apolônia Pinto", respectivamente. Essas bases já foram aliás publicadas repetidamente em números anteriores e serão novamente dadas a público em nossa próxima edição.

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

Do três em três meses, seleção de doze contos literários que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado.

A REVISTA DA SEMANA mantém um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

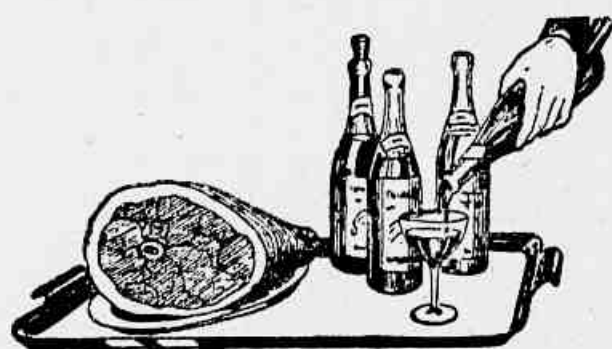
- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 1 de dezembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, **ênredo, estilo e unidade de ação** no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

OS TRABALHOS JULGADOS NA PRIMEIRA APURAÇÃO

Foram os seguintes os originais julgados na primeira apuração do nosso "Concurso Permanente de Contos":

"Suave Milagre", de Stelio Effrena; "Desditoso Herói", de Erasto de Freitas; "Fôrça do Destino", de De Freitas Filho; "O Túmulo de Ouro", de Cesar Guimarães; "Geraldo", de Veritas; "O Canto da Araponga", de Francisco Jorge; "Vende-se uma Senhorita", de Merise Santos; "Sic Transit", de Maria Isaura Pereira de Queiroz; "O Maltrapilho", de Alberto de Moraes Cardoso; "O Grande Susto de Pacífico", de Alberto de Moraes Cardoso; "Enigma", de Elza Bianchi Cerante; "O Casquinho Verde", de Rui Rebêlo Pinho; "Asclepiades, o Julgador de Contos", de Homero Lobo; "O Noivo do Ministério", de Aldo Pardini; "Vira-Lata", de João Martins; "A Gramática e a Resistência", de Valério Hofili; "Drama Antigo", de Mme. Godinho; "A Escrava", de Lourdes F. Melo; "Era Tarde", de Carlota Xavier; "Nunca, Nunca, Nunca Mais!", de Ari Vasconcelos; "Tragédia no Circo", de Luiz Lós; "Pelo Tempo da Sêca", de Renard Q. Perez; "Tudo Passa... Menos o Passado", de Corinha Caminha; "O Pesadelo de Sua Senhorita", de Delio H. Coragera; "Restinho de Vida", de E. G. Garstero; "Menti Para Meu Marido", de M. L. Medeiros; "Fruto da Noqueira", de João de Queiroz; "A Desventura do Malaquias", de Altino Bondesan; "O Lugar Vazio", de Januário D'Assunção e Silva; "A Negra Bã", de Fabio Fabiano; "Ao Crepitar da Fogueira", de Braz de Mendonça; "História em 2 Quadros", de Florzinha; "A Imagem Perdida", de José Escobar Faria; "A Cheia", de Pedro Carvalhosa; "A Sentinela", de Valério Hofili; "O Diário da Morfética", de Elora; "A Espôsa do dr. Foerster", de Dragão; "Sinfonia Inacabada", de Naylor Vilas Boas; "Águas Negras", de Danilo Florivaldo Gomes; "O Cheiro", de Piauí de Souza; "Talvez Assim Te Ofenda Menos", de Joe Picadilly; "Contraste", de Renato Francisco de Paula Andrade; "A Volta do Expedicionário", de Ida Vervloet Finamore; "Feia", de Lucília Figueiredo; "Os Alegres Passeios da Família Sila", de Cléa de Almeida; "Um Simples Drama de Amor", de José Medeiros; "Bolas de Vidal", de Nancyr Nabuco de Araújo; "Tia Verônica", de Ary Prado; "Superstição", de E. A. Henning; "Mariposa", de José Meira Filho; "Um Dia de Felicidade", de Alberto Barroca; "Plágio", de Paulino Silva; "Febo e Artemis", de Wilson Flório Ferreira; "Pesadelo", de

Comer Muito! Beber Demais!



Todas as vezes que praticar alguma imprudência ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licores ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convem muito tomar à noite, quando fôr dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar esses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrôtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem!

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca:

Ventre-Livre não é purgante

Wilson Pereira Barbosa; "E as Flores Murcharam", de José de Medeiros Cavalcanti; "Duas Vozes Semelhantes", de Maria da Conceição Sales Coimbra; "Um Paranóico", de Nabor Fernandes; "Satisfação", de Nelson do Amaral; "Rumo", de Oity Silva; "Amélia", de Sinésio Pires Cavalcanti; "A Aventura Interrompida", de Théo Sanchez; "Algumas Notas e Um Certo Sr. Destini", de F. da Rocha Filho; "Educação Cívica", de Carlos Casado; "Uma História Banal", de Geir Campos; "A Vitória do Coração", de Adauto Araújo Dourado; "Ainda Não Sei Viver", de Alvaro Lourenço dos Santos; "O Padrinho", de Romeu Cruzó; "A Mesma Hora", de Lucília Helena de Carvalho; "Mariana", de Nancyr Nabuco de Araújo; "Adolescência", de Lya; "O Perdão", de Conchita Cid; "Copacabana", de Henrique Oscar; "História da Mala", de Christiana de Navarra; "Promessa", de Estandislau Vera; "Mera Coincidência", de Estandislau Vera; "Coincidências", de Estandislau Vera; "Rua Paula Matos", de Cilinéa; "Natal", de Ascânio Ribeiro; "Um Vaso de Espírito", de Francisco Jorge; "Assombração", de Newton Libertador; "Como é Triste Recordar", de Violeta Benedetti; "Uma História em Duas Cartas", de Solange; "Renúncias", de Odette Serpa Loevy; "Duas Cartas", de Oswaldo; "A Pensão Sempre-Viva", de Vasconcelos Maia; "Conquista Difícil", de Marilza dos Santos Leite; "Consciência Manchada", de Harry Laus; "Entre uma Cincada e um Cochilo", de Rovi; "Rendição Incondicional", de Maria Teresa Melo; "O Demolidor de Convenções", de Maria Teresa Melo; "O Diabo", de Francisco Augusto; "Apenas Um Cão", de Pessoa Esteves; "Lodo Humano", de Medeiros Guleme; "Uma Triste História", de Aloisio Calazans da Silva; "A Montanha Atraente", de Hello Bittencourt; "Disgraça Pôca é Bobage...", de J. T. Castanheira; "Janjão", de José Etcheverry; "Era a Voz da Consciência", de José Etcheverry; "O Beijo", de Isaac Soares; "Um Drama de Espionagem", de Maria de Lourdes Santos; "Um Tombo", de Epaminondas Ramos Souto; "A Tragédia do Ribeiro", de Romeu Panaro Dias; "O Velho Professor", de Galba Emilio de Lima; "Feitiço", de Vitória Helena; "A Máguia da Solteirona", de Maria Lúcia

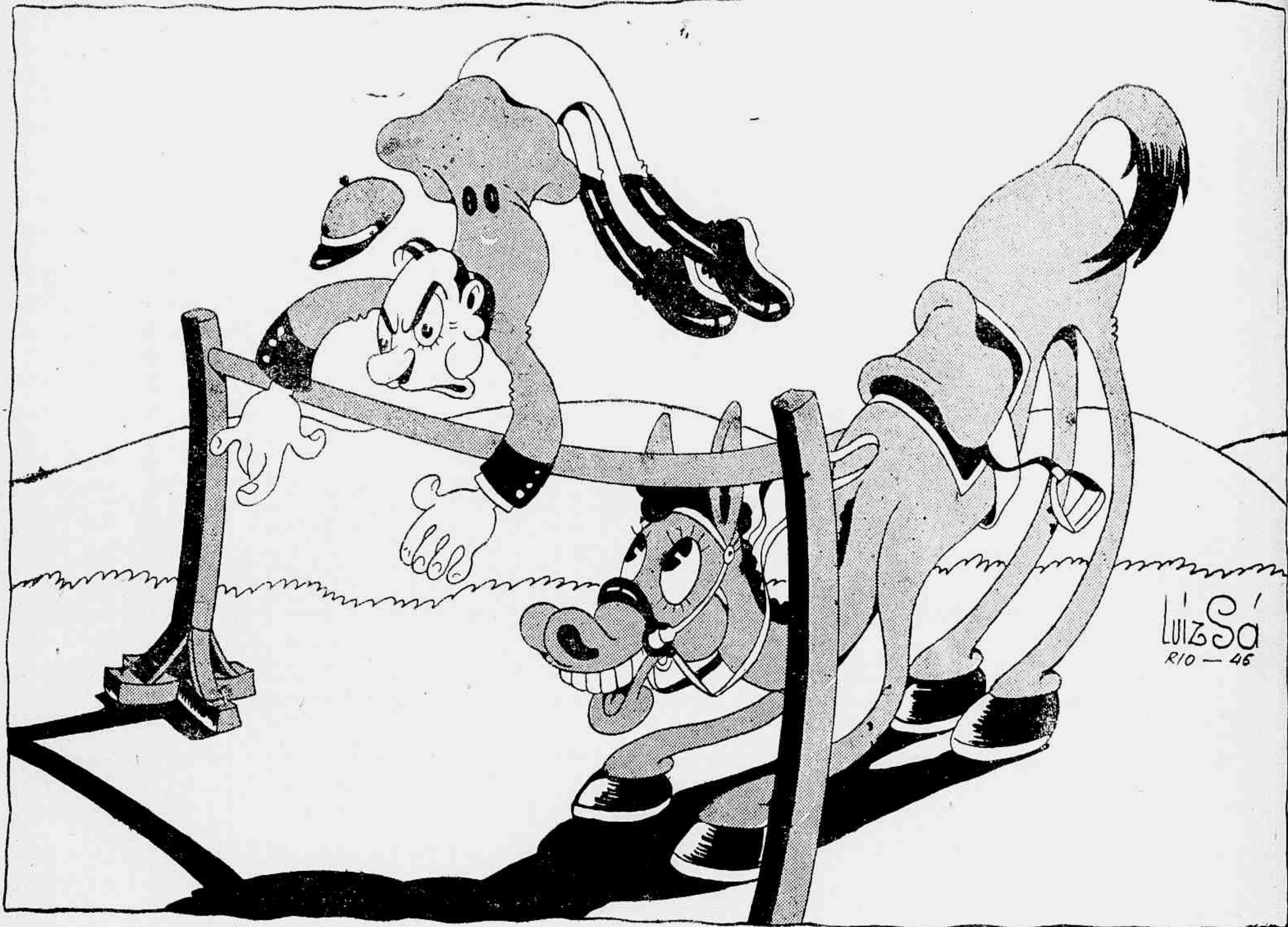
(Continua na pág. 31)

Um calçado de moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 32
Fone 22-5587 — RIO

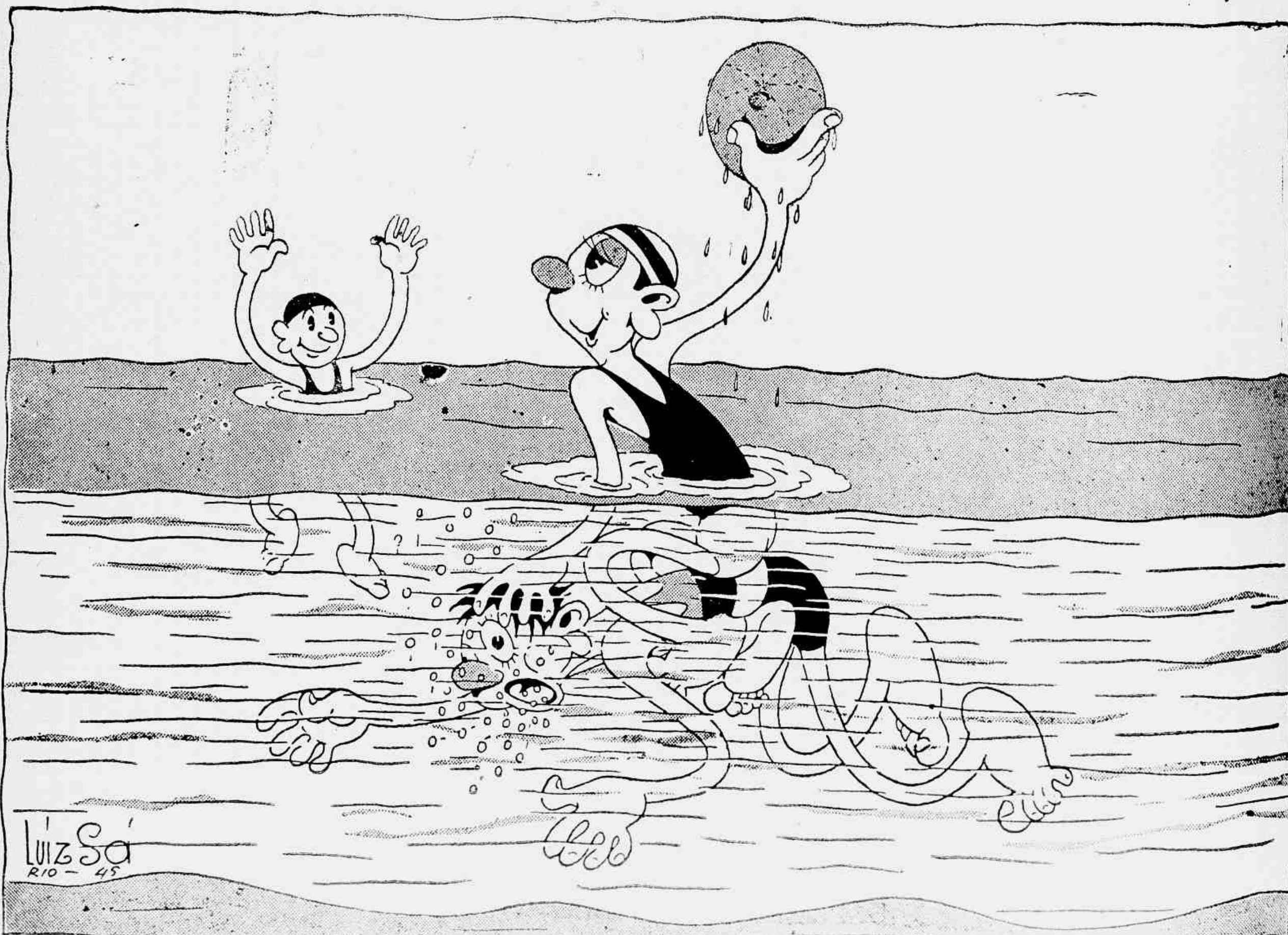
ESPORTES...



Luiz Sá
RIO - 45

HIPISMO ↗

WATER-POLO ↘



Luiz Sá
RIO - 45



No primeiro andar está a parte da exposição onde se mostram objetos de arte decorativa, numismática, instrumentos musicais, perfumaria e modas. Logo no topo da larga escadaria que dá acesso ao grande salão, está colocado o maravilhoso bronze de Maillol, "Ile de France". Esta é a magnífica visão que se tem na entrada da Exposição de Arte e Indústrias da França. Ao fundo aparece uma vitrine com medalhas e moedas, artisticamente decorada.

A ARTE REDIVIVA DA FRANÇA

EXPOSTAS NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO OBRAS-PRIMAS DOS MESTRES MODERNISTAS — O QUE FIZERAM OS ARTÍFICES FRANCESES NESTES ÚLTIMOS ANOS — A INDÚSTRIA A SERVIÇO DA ARTE — "ILE DE FRANCE" E "REPUBLIQUE"

"Republique", de Yencesse, outra magnífica escultura que figura na Exposição de Arte Francesa, aberta no Ministério da Educação.

DENTRO do vasto salão que ocupa toda a ala direita do segundo pavimento do edifício do Ministério da Educação, perdemos-nos num mundo maravilhoso e desconhecido, feito de sedas vaporosas, povoado de figuras de sonho. Aqui estão armazenadas, em vitrines e mostruários, as obras de arte da indústria francesa, que renasce hoje, liberta e grandiosa, dentro do mundo livre do após-guerra. Na Exposição de Arte Francesa, agora aberta ao público do Rio de Janeiro, estão reunidas obras de arte das coleções do Louvre, objetos decorativos produzidos pela indústria de Paris, trabalhos dos mais hábeis costureiros da Cidade-Luz, que voltam agora, terminada a guerra, a ditar a moda ao mundo.

Durante muitos anos, enquanto os "junks" prussianos passeavam pelos Campos Eliseos e bebiam nas "terrasses" dos cafés que abrem para os "boulevards" arborizados, o espírito francês trabalhou na sombra, clandestinamente, ocultando-se dos olhos ativos da Gestapo. A ocupação era um fato consumado, a França estava subjugada. Não havia mais lugar para as manifestações artísticas do povo dentro do território metropolitano. Os pintores passaram a trabalhar na penumbra das

águas furtadas de Montmartre envoltos pela cortina de fumaça da indiferença. Já não podiam revelar ao mundo as suas obras, pois toda a manifestação de inteligência e de inspiração passara a ser controlada pelas camisas negras da polícia de Himmler. Mesmo assim a arte continuou a viver dentro de Paris, subterraneamente, simulada mas ativa. A poesia era posta em circulação pelos seus autores através dos encontros fortuitos nos cafés escuros. Os óleos eram admirados pelos amigos íntimos dos pintores como frutos proibidos pela táboa das leis bárbaras da Gestapo.

A ARTE REDIVIVA DA FRANÇA ETERNA

Mas reagiu o mundo contra os algozes da França. Os "maquis" gloriosos reedificaram nas ruas de Paris as barricadas de 1830.

E arte renasceu. Surgiram do fundo dos subterrâneos da ilegalidade novas obras-primas que assombraram o mundo. Viu-se então que durante os anos de treva e de escravidão Paris inteira trabalhara, sem descanso, para perpetuar o seu nome de cidade padrão da arte e da ciência.

Agora, rediviva a França eterna, a sua





Entre os muitos "panneaux" que figuram na Exposição de Arte Francesa figura este magnífico trabalho modernista, que nos mostra, em linhas magistrais e figuras impressionistas, uma notável obra moderna de tapeçaria, baseada num motivo camponês. As figuras humanas parecem viver pela força de suas expressões. E os detalhes e o colorido revelam o gênio do artista que criou esta obra.

A Exposição de Arte e Indústrias da França não revelou apenas os novos artistas do renascimento francês. Foi também uma mostra de quanto têm produzido os artifices de Paris e das outras cidades da grande nação, durante a guerra e nos primeiros dias posteriores à vitória. Pelas artísticas vitrines espalhavam-se os novos modelos de chapéus e a estampanaria parisiense. Em lugar de destaque, está a "maquette" de um hotel, obra de Jansen. E' essa grande "maquette" ornamental que aparece na foto abaixo, admirada por duas elegantes.



arte imortal volta a iluminar o mundo, e a glória de suas obras se espalha por todos os continentes. A moda parisiense, produto da própria evolução artística da gente de França, também está exposta aqui.

Com essa mostra de arte, mais não pretendiam os franceses que apresentar aos brasileiros as criações de sua arte e de suas indústrias renascidas agora para um mundo livre e decente.

Os dois andares do Ministério da Educação, convertidos num pedaço da França, nos mostra em toda a sua plenitude toda a alma de povo imortal, todo o espírito de uma nacionalidade que não se deixou vencer pela corrupção e pela tirania.

Através dos poucos séculos de nossa existência sempre estivemos com os olhos fitos na França, observando os seus passos e seguindo os seus exemplos grandiosos. Mostrámo-nos sempre, em nossas lutas e em nossas vitórias, que eram nossas também todas as grandes conquistas da França, como nossos eram ainda as suas dores e os seus pezares.

Era lá que iam beber o exemplo divino dos heróis os mártires da nossa liberdade. Era ali que Castro Alves buscava inspiração, cantando as belezas da vida livre com o sangue que enxarcava as barricadas do "Quartier Latin". E quando a heróica França, traida e vilipendiada, caiu por terra, o pranto dos franceses encontrou eco em toda a América. E o Brasil se cobriu de luto.

Agora, diante da Exposição de Arte e Indústria da França, a grande nação nos mostra que durante a humilhante ocupação, mesmo sob o "black-out" pesado, mesmo sob a espionagem da Gestapo, o coração da França pal-

pitou sempre e o cérebro francês não parou de pensar.

E agora vem a gloriosa França nos dar conta do que fez nos últimos anos. Não eram apenas os exércitos franceses, não eram as F. F. I. que representavam a França Eterna. Era, antes de tudo, o espírito de um povo civilizado de artistas e pensadores que simbolizava a grandeza dessa nação. E o espírito de um povo livre não se consegue trancar num campo de concentração. O instinto inato que vive nos artistas não pode ser jamais levado a um muro, diante do pelotão de fuzilamento.

Aí está para prová-lo a Exposição de Arte Francesa. Ela serve sobretudo para nos mostrar que ainda existe a França, e que sempre existirá enquanto as chamas da guerra não queimarem a última tela do Louvre, enquanto os dogmas da intransigência não eliminarem o último conceito filosófico. Sim, pois a França não vive só pelos seus filhos heróicos. Vive também pela obra de seus artistas.

"ILE DE FRANCE" E "REPUBLIQUE"

No primeiro andar do Edifício do Ministério da Educação estão expostos os objetos de arte industrializada, em ambientes ornamentados pelos mais hábeis artistas de Paris, que aqui vieram exclusivamente para tal fim. Embora seja uma decoração moderna, não se nota aqui o colorido vivo que caracteriza a técnica ornamental moderna. As paredes, revestidas de seda clara e vaporosa, dão a tudo um aspecto irreal de um cenário cinematográfico.

No tópo da escada larga, que se abre num patamar amplo e claro, está posta sobre um pedestal a magnífica escultura de Aristide Maillol: "Ile de France". É um nú admirável, representando uma virgem de formas serenas, natural e expressiva, bela e humana como o próprio espírito da França. Essa é uma das duas esculturas da exposição. Além dela, apenas uma cabeça de gesso, coberta com barrete frígio, uma obra característica do nova arte francesa, a arte que afirmou a imortalidade do gênio latino após o renascimento da França Eterna.

Essa cabeça, magistral, trabalho de Yencesse, representa a cabeça simbólica da República, coberta com o barrete frígio. É um gesso perfeito, de uma expressão magnífica, que tem sido admirado por todos os que amam em verdade a escultura.

MARAVILHAS DE TAPEÇARIA

A arte da tapeçaria, mesmo durante a ocupação alemã na França, desenvolveu-se em ritmo vertiginoso, empregando milhares de artífices e constituindo uma grande fonte de renda para a nação. Uma vez libertada a França, o mundo surpreendeu-se com o seu rápido renascimento, pois que as suas indústrias manufatureiras voltaram a ocupar em poucos meses o lugar de destaque que sempre lhes foi reservado no mercado internacional. A tapeçaria estava entre elas. Os artífices franceses nos revelam a sua habilidade e a sua inspiração nas magníficas peças agora expostas no Ministério da Educação.

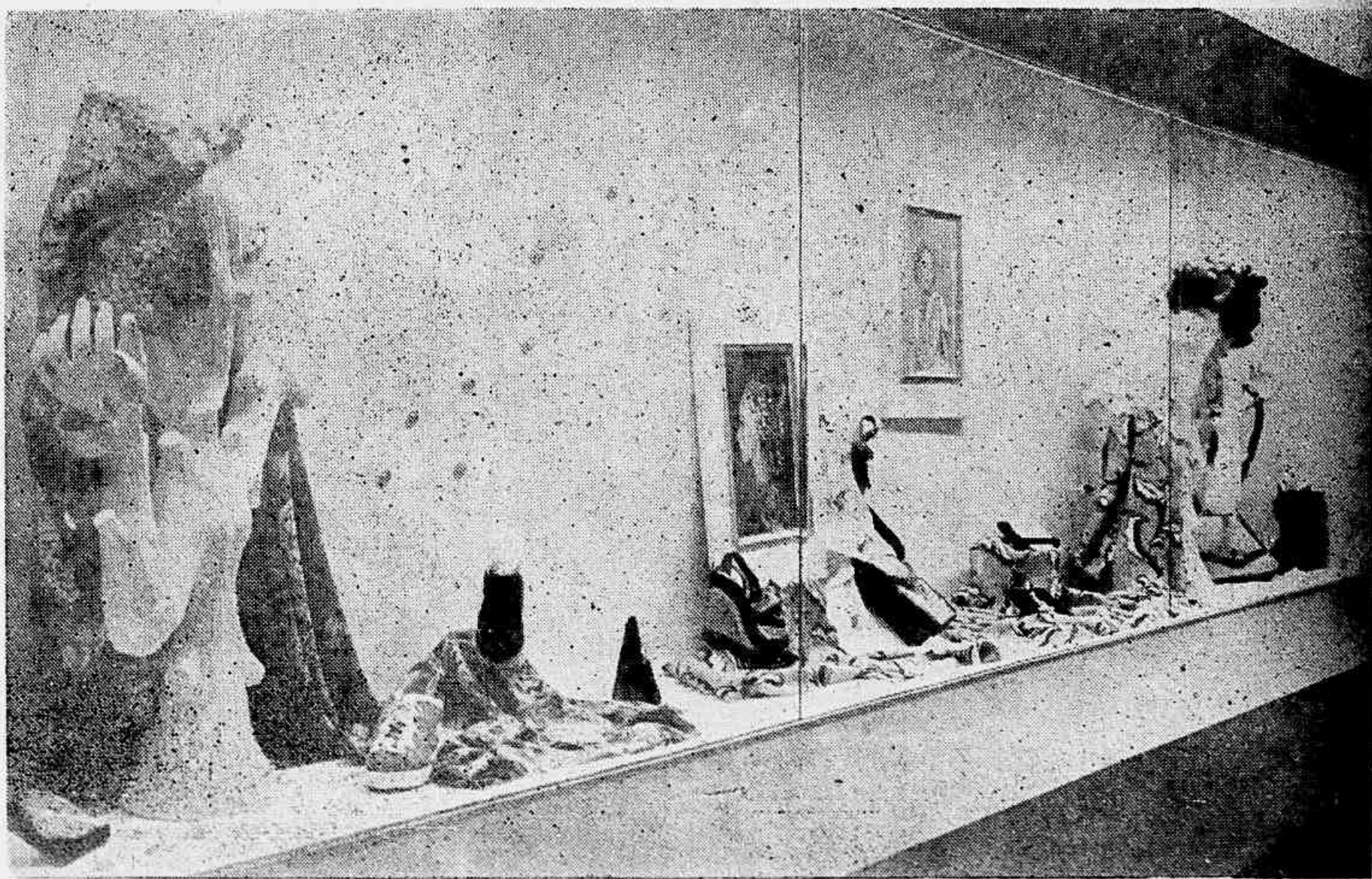
Entre os "paneaux" expostos salientam-se os magníficos trabalhos de Lechevalier e Couteau. Dêste ultimo é o notável trabalho "Le pluie e le beau temps", representando, num expressivo motivo campesino, a tempestade e o estio. Lechevalier nos apresenta uma tapeçaria sacra, com figuras impressionistas notáveis representando a Natividade.

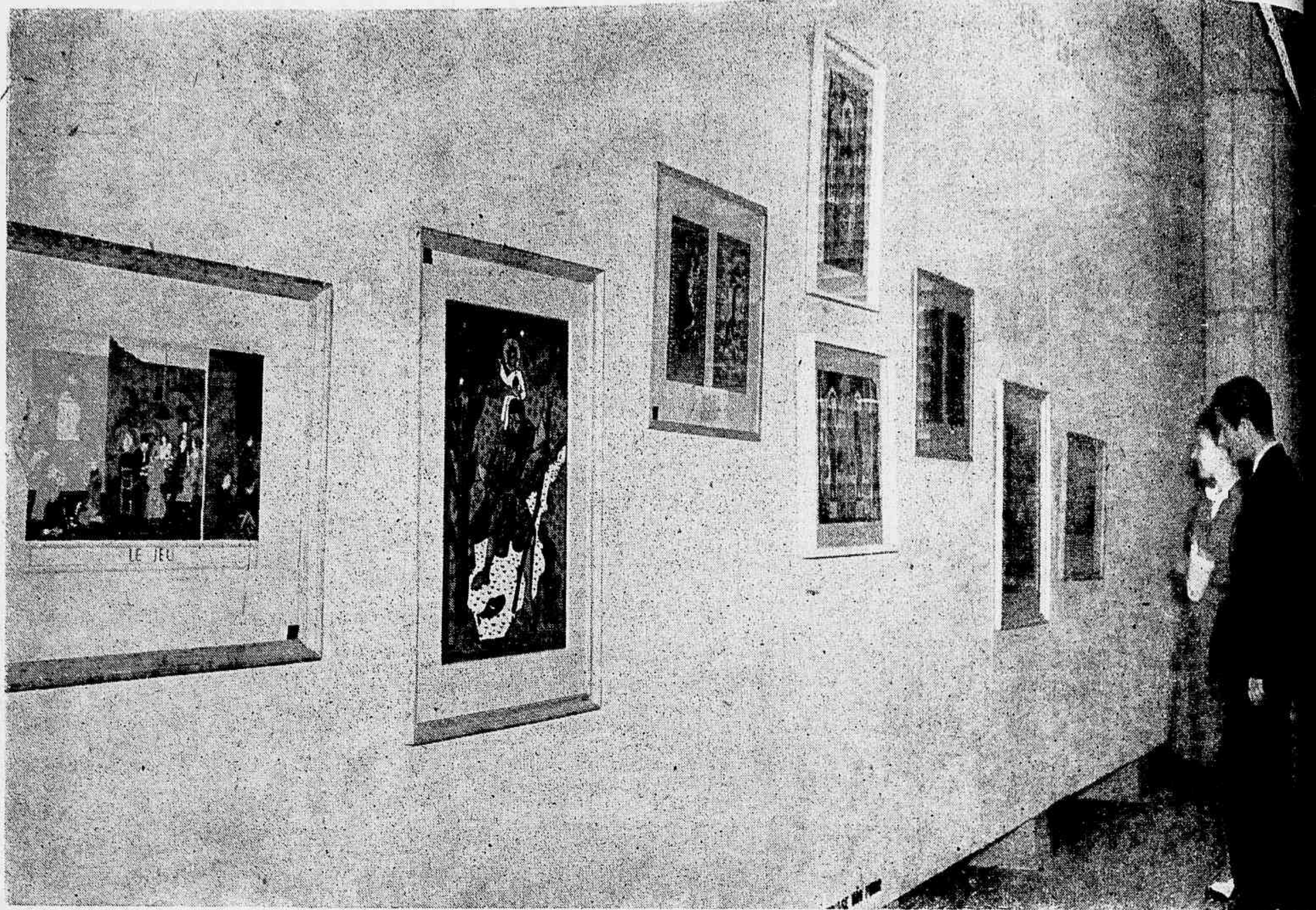
Os traços modernistas se mostram em todas essas admiráveis tapeçarias, e um colorido expressivo e magnífico caracteriza as peças admiráveis que os organizadores da exposição lograram trazer ao Brasil, no intuito de mostrar-nos o que têm feito na França ultimamente. E a grandiosa montra vem provar que se tem trabalhado intensamente na terra de Cézane nestes últimos anos.



Entre os quadros que figuram na exposição contam-se trabalhos dos grandes mestres do modernismo, entre os quais Picasso, Pizzarro e Matisse. Na foto vemos um famoso Picasso, uma das obras que maior interesse têm despertado entre os visitantes da notável mostra de arte. Uma senhorita admira o colorido do mestre, observando detalhe por detalhe da grande obra de arte.

A vitrine de um costureiro de Paris. A Capital da França luta para reaver o título de ditadora da moda mundial. Nesta vitrine estão expostos tecidos finíssimos, obras de hábeis artífices que trabalham para as maiores casas de modas do mundo. Os manequins, representando galhos de árvores estilizados, com mãos humanas, dão uma nota de grande originalidade aos mostruários.





No andar térreo estão expostas as obras de pintura. Modernos e clássicos se confundem na comunhão da montra coletiva. Um labirinto de biombo de madeira comporta centenas de telas e "panneaux", criados pelos artistas franceses das escolas mais diversas e divergentes. Aqui vemos um detalhe da exposição de pintura, que tem sido visitada por todos os que admiram a arte francesa, isto é por todos os que amam verdadeiramente a arte.

Um fabricante de instrumentos musicais expôs vários modelos. Um grupo formado por piano, violino e flautas está arranjado no centro da exposição, artisticamente decorado. E uma grande harpa figura também em seu pequeno "stand".



É interessante notar que em todas as tapeçarias, que em sua quase totalidade estampam trabalhos produzidos durante a ocupação pelos artistas e artífices franceses, apresentam todas motivos campesinos, glorificações da primavera e do outono, notando-se por isto mesmo nos "panneaux" expostos o sentimento recalcado pelos seus autores.

"La pluie e le beau temps", por exemplo, simboliza perfeitamente a França ocupada e o renascimento da Pátria. De um lado, a tapeçaria nos mostra a tristeza e a desolação de um campo batido por um temporal devastador. De outro, é o bom tempo que volta, abençoando as terras férteis e cobrindo de fartura as searas vastas.

Assim trabalharam os artistas em todas as cidades francesas, mostrando, durante os dias negros da derrota temporária, que alma da França, imutável e eterna, vivia ainda sob os escombros dos bairros bombardeados e que o seu grande coração ainda pulsava sereno e firme entre as ruínas e a desolação.

PICASSO, GEORGES BRACQUE E MATISSE

Os organizadores da Exposição de Arte Francesa tiveram a intenção de mostrar aos brasileiros, em toda a sua extensão, o verdadeiro papel que representam no seu país as artes e as indústrias que a servem. Os franceses vivem em função da arte e revelam-se artistas nas mínimas atitudes e em todas as suas criações.

E, levados por esse sentimento inato de estética, que se pronuncia em todos os habitantes da França, eles sabem, mais do que outro povo, dar à arte o verdadeiro valor e dar ao artista o seu verdadeiro lugar.

Os maiores mestres do modernismo e do surrealismo estão representados na grande montra por notáveis trabalhos, tomados à co-

leção do Louvre ou mesmo cedidos por colecionadores brasileiros. Entre estes últimos está uma admirável figura de Matisse, uma das obras-primas do modernismo universal.

E ali está também Georges Bracque, com ainda Picasso, o grande e imortal Picasso. Picasso, o homem que com a magia de seu colorido e de suas formas impressionistas tratou um século.

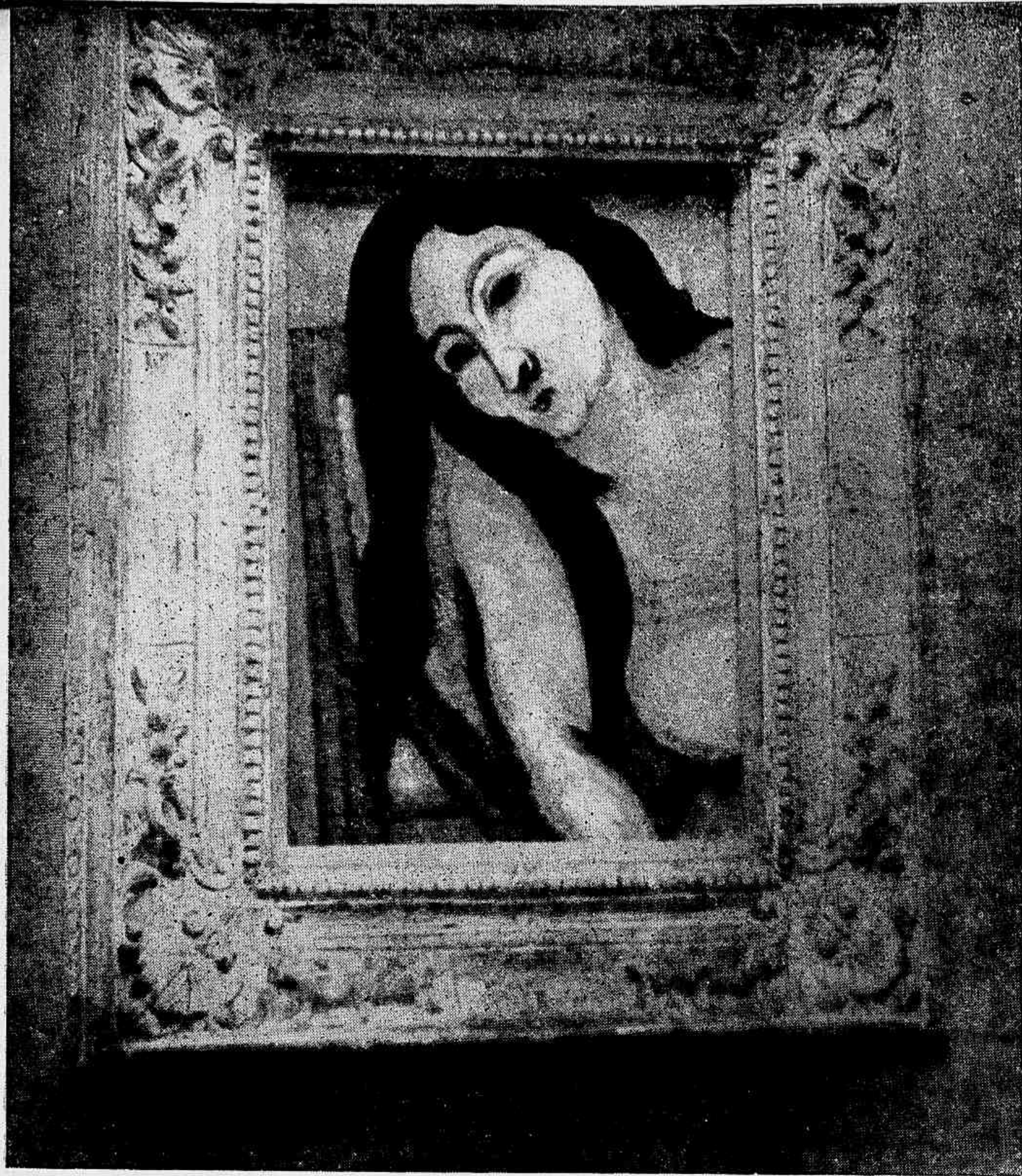
Ele ali está, representado por uma obra apenas, um quadro que nos mostra o ambiente de um quarto pobre, onde uma cadeira, um jarro com flores e um espelho constituem todo o mobiliário. São objetos inanimados que ganharam vida pelo colorido genial. Apenas alguns móveis tristes metidos numa água-fortada, mas que, vistos pela inspiração gigantesca de Picasso, assumem as proporções de um mundo.

Assim é Picasso: um artista que não tenta dar aos seres e às coisas uma forma arbitrária. Um pintor que põe na tela, com as cores fortes do impressionismo, tudo o que os seus olhos vêem. E as paisagens e os homens pintados por ele nos mostram o seu íntimo na própria forma, nos revelam sua alma no colorido mesmo.

Um dia o mestre pintou uma paisagem espanhola, coberta pela desolação da guerra. Os fascistas vieram depois alcançá-lo em seu atelier. E, inimigos inatos da arte, não podiam tolerar o gênio de Picasso, pôsto em contacto com a sua brutalidade e a sua estupidez. Tentaram acumular provas contra ele. E o quadro da Espanha devastada pelo nazismo era uma prova evidente do radicalismo do pintor. Então os agentes da Gestapo lhe perguntaram, apontando a tela comprometedora:

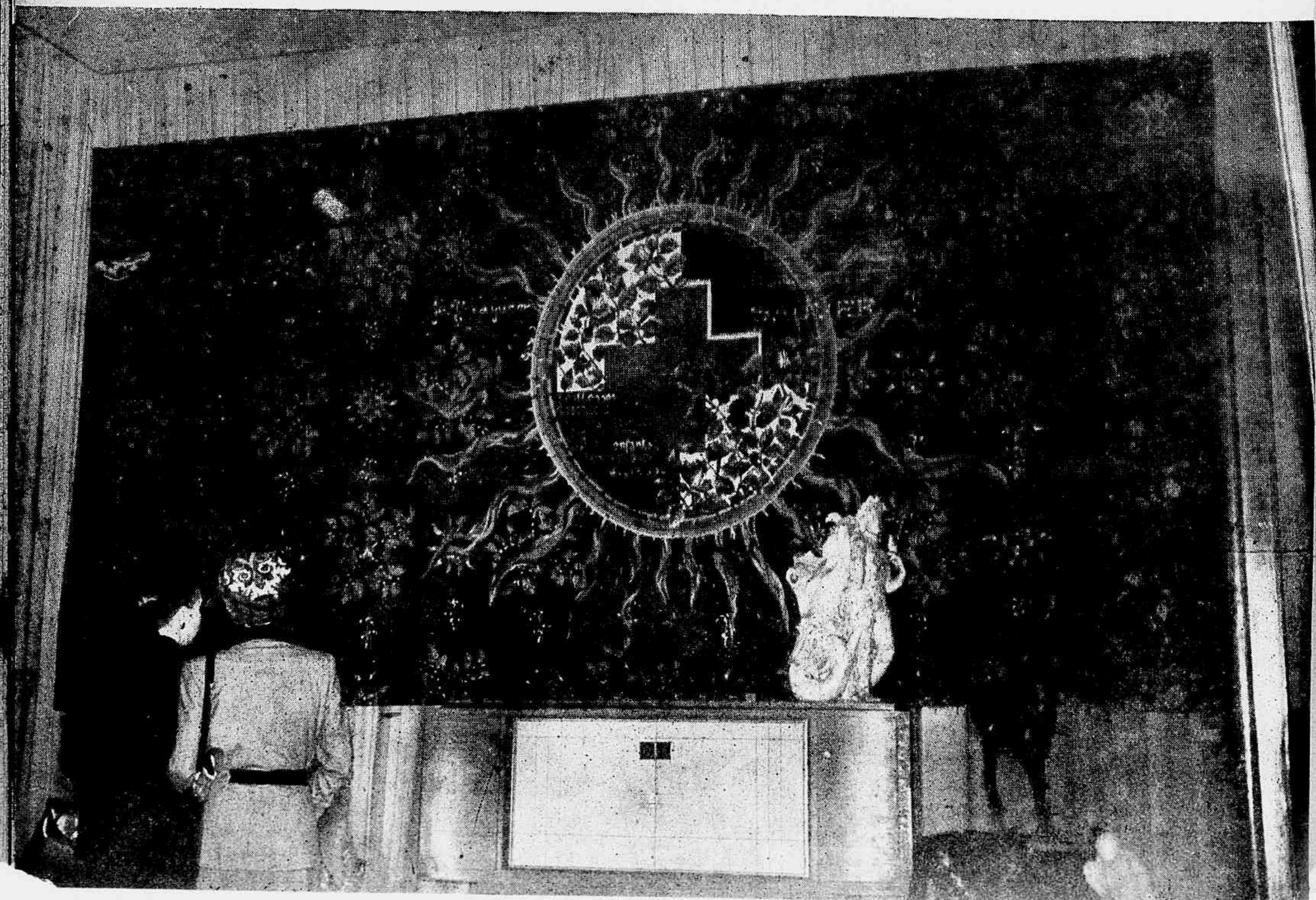
O gênio dos decoradores franceses assim fez: uma harpa exposta por uma fábrica de instrumentos musicais, ganhando vida graças às mãos de gesso que o decorador colocou junto às cordas. Elas parecem ter vida e, vendo-as, admiramos de que não sata do instrumento o som dos harpejos.





Muitos dos quadros dos grandes mestres do modernismo francês estão sendo esperados de França, pelo navio "Bangkok". Nos lugares a eles reservados figuram suas fotografias. Há entretanto na mostra, já expostos, trabalhos de Picasso e Matisse. Esta figura é deste último e foi cedida à exposição pela proprietária de uma pinacoteca particular do Rio de Janeiro.

Outra magnífica obra de tapeçaria, uma glória da indústria de ornamentos da nova França. Duas senhoras da alta sociedade carioca admiram a notável tapeçaria exposta na mostra do Ministério da Educação. Em baixo aparece um magnífico móvel moderno, além de estatuetas de bronze e mármore, também já industrializadas. Na foto abaixo podemos observar o fino e vaporoso cortinado que cobre todas as paredes do recinto onde funciona a grande mostra de arte e indústria.



— Foi você quem fez isto?

— Não — respondeu o artista — Foram vocês.

E assim era em verdade. E assim continua sendo. Picasso não faz isto ou aquilo. Ele pinta o que vêem seus olhos de artista e a sua inspiração de poeta. Pinta a alma das coisas e o coração dos homens. Se a sua pintura é melancólica, triste, a culpa não lhe pertence. A vida é a única culpada. E se a alguém não agradam as suas formas arrojadadas, é porque elas não foram feitas para agradar. Foram feitas para mostrar a vida, tal como ela é. Mas elas não nos mostraram apenas a vida. Mostraram-nos também a afirmação de um gênio.

A Exposição de Arte Francesa, não fôsem os maravilhosos "stands" de pintura, tapeçaria, decorações e objetos ornamentais, teria sido um grande acontecimento apenas por haver mostrado ao Rio de Janeiro um quadro de Picasso.

VISÃO DE PARIS

Talvez, em toda a história da humanidade, nunca se tenha um povo aproximado do bem e do belo quanto o povo de França. Os próprios gregos, se bem que o senso estético e a educação artística hajam atingido um grau superior em Atenas, podem ser hoje postos em confronto com os franceses, justamente porque agora a indústria, a política e a economia, trabalhando em função da arte, põem-na a serviço do povo, e dela fazem o principal derivativo do espírito humano, a suprema embelezadora da vida.

A Exposição Francesa outro objetivo não teve que mostrar aos brasileiros que as misé-

rias de
pazes
aproxim
buscan
piraçã
Ho
mundo
ao cor
nunca
vida f
finos
zação
Louv
apare
produ
lho e
A
são de
de su
dade-
mínim
sente
todas
C
cadas
azare
ram c
não s
tarist
A
dos m
a inte
as pa
a ma
mava
da re
C
se re
dispo
apres
I
os in
de P
quer
trum
meio
tanto
grup
cou
duas
repo
harp
apar
viol
vista
fran
dos
pela
que
torn
anos
sem
nos
que
mos
nem
de s

rias dos longos anos de guerra não foram capazes de abater o amor do povo pela arte, aproximando-o, antes, mais ainda do belo, buscando nele a própria fuga, a própria inspiração para a luta.

Hoje, Paris libertada presta contas ao mundo: a sua arte não morreu, continuando, ao contrário, mais viva e presente do que nunca. Ela se revela em todos os setores da vida francesa, desde a mesa onde os manjares finos e os vinhos suaves revelam uma civilização requintada e culta, até as galerias do Louvre, onde os mestres de muitas gerações aparecem representados pelas obras-primas produzidas durante muitos séculos de trabalho e estudo.

A Exposição de Arte Francesa é uma visão de Paris posta no Rio de Janeiro. Dentro de suas salas respira-se o próprio ar da Cidade-Luz. O espírito francês revela-se nos mínimos detalhes de sua decoração, está presente em todos os mostradores, aparece em todas as vitrines.

Os perfumes expostos nas vitrines delicadas são um atestado de que, através dos azares e das misérias, os franceses continuaram os mesmos estetas e a sua elegância fina não se deixou vencer pela brutalidade militarista das hordas prussianas.

As edições clandestinas e os livros lançados no após-guerra servem para mostrar que a inteligência trabalhou ativamente em todas as partes da França. Esta literatura é hoje a mais eloquente resposta àqueles que afirmavam a decomposição da França e a queda da república.

O apurado senso estético dos franceses se revela na delicadeza das decorações, na disposição das vitrines, no próprio modo de apresentar os artefatos de sua indústria.

Em um pequeno "stand", onde se expõem os instrumentos de música de um fabricante de Paris, aparece uma harpa. Em outra qualquer mostra seria apenas uma harpa, um instrumento inexpressivo e mudo colocado no meio de uma exposição. O decorador é entretanto um artista. Daquele instrumento fez um grupo ornamental perfeito e sugestivo. Colocou ao lado uma fina tapeçaria, da qual saem duas mãos humanas, finas e bem feitas, que repousam os dedos delicados nas cordas da harpa. Esse arranjo deu vida ao grupo e fez aparecer em evidência o piano, a flauta e o violino, que completam o encantador "stand".

E tudo o mais na exposição encanta a vista e deslumbra a sensibilidade. A arte francesa está ali, representada pelo requinte dos bordados, pela fragrância dos perfumes, pela delicadeza dos cristais, por tudo enfim que a educação dos franceses produziu, para tornar a vida mais amena e alegre nesses anos de desespero e de dor.

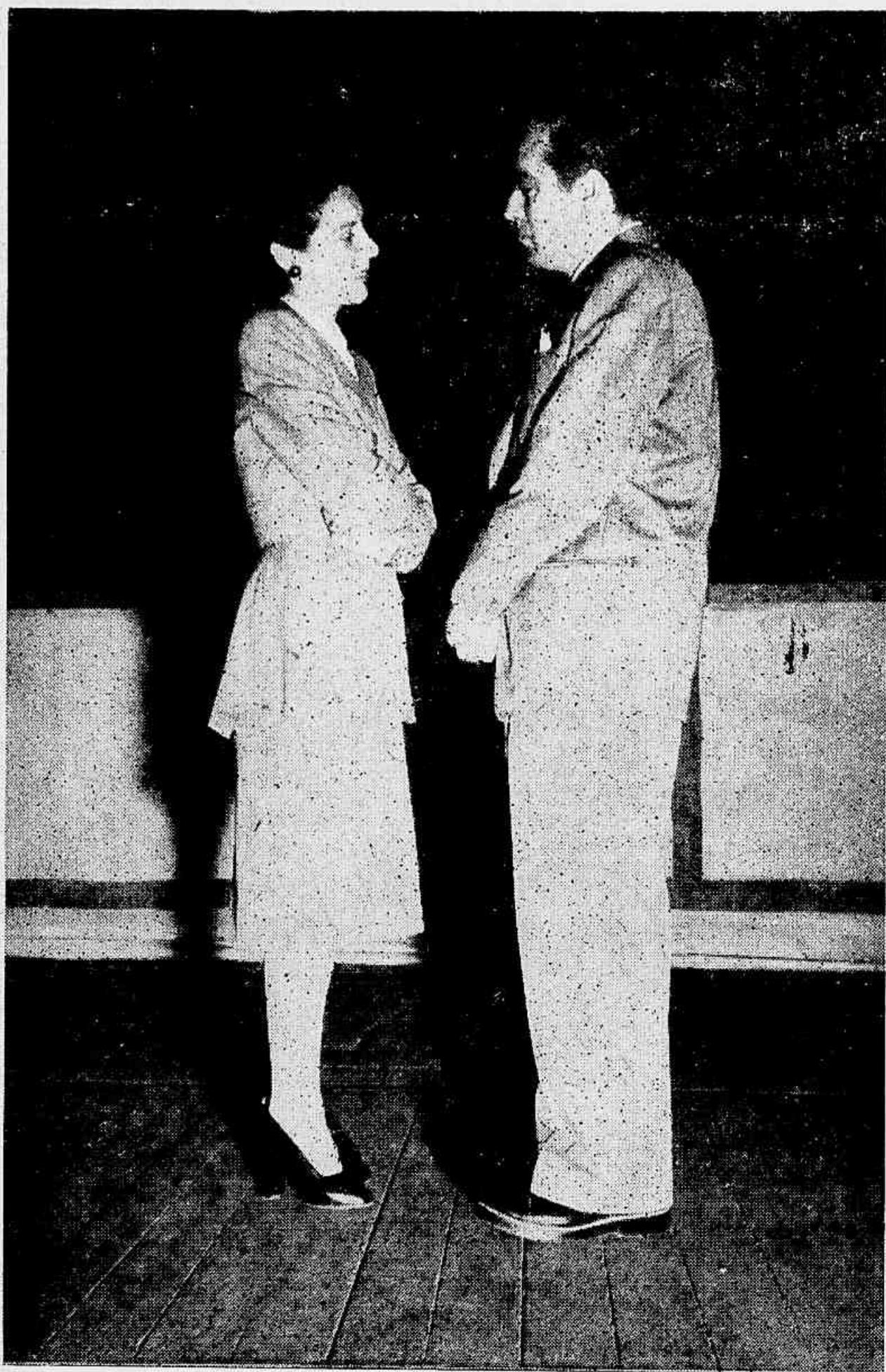
E estamos certos de que eles continuarão sempre trabalhando, no fundo das oficinas, nos ateliers, nos campos ou nos estaleiros, para que não nos falem nunca, na casa onde moramos, no local de trabalho, no teatro ou no cinema em que nos distraímos à noite, a graça de sua arte e a beleza de sua força creadora.



A exposição, onde se encontravam objetos de arte ornamental e modelos de chapéus e vestidos, está sendo, por estes mesmos motivos, muito visitada pelas elegantes do Rio. Acima vemos duas moças olhando o último modelo de sombrinha chegado de Paris. Em baixo, senhoritas contemplam a tapeçaria que reproduz a pintura "La nativité", de Lechevallier.



ENSAIAM "OS COMEDIANTES"



A "ESTRELA" E O AUTOR — Maria Sampaio, que vem realizando uma brilhante temporada com o Teatro das Segundas-Feiras, será a protagonista de "Vestido de Noiva", a discutida peça de Nelson Rodrigues. No primeiro ensaio, a "estrela" e o autor trocam impressões e analisam a psicologia da personagem estranha e inquieta da peça com que os Comediantes vão reaparecer, este ano.

TRES INTERPRETES — "Vestido de Noiva" já foi apresentada, em temporada anterior, no Rio e em São Paulo. Mas terá, agora, alguns intérpretes novos. Aqui estão, da esquerda para a direita, Stella Perry, Carlos Perry e Maria Sampaio, num ligeiro estudo de inflexões. Os dois primeiros tomaram parte nas primitivas representações, enquanto a comediantista portuguesa vai agora, pela primeira vez, dar a sua valiosa participação artística ao empreendimento de "Os Comediantes".

Se existe um empreendimento artístico, de teatro, no Brasil, que tenha realmente despertado interesse, e cuja repercussão de suas atividades venha a espalhar-se além das fronteiras do Brasil, é sem dúvida aquele denominado "Os Comediantes". Podem divergir as opiniões em relação a esse grupo, cujas primeiras audições, no palco do Teatro Municipal, em temporadas anteriores, deram que falar, e bastante, mas, quaisquer que sejam essas opiniões, elas reconhecem fundamentalmente, a bem intencionada capacidade de trabalho de seus realizadores e, ainda mais, o requintado cunho de arte que eles sabem dar aos seus espetáculos.

De fato, já no estrangeiro se alude a esse elenco constituído primeiro de moças e rapazes da nossa sociedade, cujo ideal de teatro os impelia para um cometimento tão exaustivo, para depois, gradativamente, ir assimilando a experiência e o talento de outros valores, inclusive os profissionais, até incluir no seu "cast", na temporada ora em preparativos, o nome festejado de Maria Sampaio. Patrícios nossos procedentes das repúblicas vizinhas e mesmo dos Estados Unidos aludem à curiosidade dos teatrólogos de fora em saber as diretrizes as reais finalidades de arte dos Comediantes, interessando-se, ao vivo, pelas suas atividades destes últimos dois anos. E' que o repertório de "Os Comediantes" destaca-se pelo ineditismo, pelo arrôjo da idéia e da composição dos tipos, a explanação de seus dramas interiores traduzidos em cena pelas modalidades mais apuradas e modernas da arte teatral.

Uma das peças que maiores discussões têm provocado é justamente aquela com que o citado elenco vai, dentro de um mês, fazer a sua **rentrée**: "Vestido de Noiva", original do nosso confrade Nelson Rodrigues. De resto, admite-se que a temporada dos Comediantes, a iniciar-se em novembro, no Fenix, seja quase, senão inteiramente, constituída de peças do mesmo autor.

Mas não repousa apenas na complexidade do tema e no desenvolvimento da idéia inicial o toque audacioso de "Vestido de Noiva". Também a encenação que lhe foi dada, o modo por que a história é relatada ao público, dentro de uma série de avançados processos de carpintaria e de iluminação, fazem que o espetáculo resulte ainda mais original e curioso. O mesmo fenômeno de apreciação deve repetir-se este ano, com a remontagem desse original brasileiro, agora feita em outro teatro.



A influência dos Comediantes sobre o teatro profissional no Brasil passa a ser indiscutível desde quando as companhias regularmente funcionando no País, ou melhor, as principais, pouco a pouco foram modificando a seleção de seus repertórios, passando também a iniciativas de maior arrôjo. Já foi publicado que as companhias Dulcina-





O DIRETOR LÊ A PEÇA — Ziembinski, inegavelmente um elemento precioso na temporada dos Comediantes, dá o melhor de sua atenção aos ensaios para a nova série de espetáculos. Na gravura à esquerda Ziembinski lê e anota passagens da peça de estréia, ladeado por Maria Sampaio, Stella Perry e Stinsky. À direita, as três referidas artistas em um intervalo do primeiro ensaio dos que se realizam apuradamente no Fenix. O início da temporada dos Comediantes deve dar-se ainda dentro de um mês.

Odilon e Bibi Ferreira deram arremetidas maiores, nestes dois anos, sob a influência, mesmo indireta, dos empreendimentos anuais dos Comediantes. E alguns valores esparsos, intérpretes e diretores que, até serem por eles aproveitados, não encontravam "chance" para o desenvolvimento de suas atividades em nosso teatro foram, vez por outra, requisitados para elencos de profissionais, com funcionamento permanente.

Este ano, porém, sucederá exatamente o contrário: se nas temporadas anteriores foram os Comediantes que forneceram gente nova, ou pouco aproveitada, para os outros, agora será uma atriz de nome sólido no profissionalismo que vem de ser recrutada para os domínios de Nelson Rodrigues. Referimo-nos a Maria Sampaio, artista portuguesa há muito residindo no Brasil e cuja participação na Sociedade dos Amigos de Teatro muito fez para o êxito dessa temporada das segundas-feiras, sem querer desmerecer, no mínimo, os demais participantes dessa iniciativa. Pois Maria Sampaio fará, agora, uma das figuras centrais de "Vestido de Noiva". A adesão de tão conceituada atriz aos Comediantes, longe de diminuir-lhe o mérito, ainda mais o aprimora. De resto, os Comediantes têm contado sempre com a colaboração de eminentes figuras do teatro estrangeiro, a começar por Zigmund Turcow e Ziembinski.



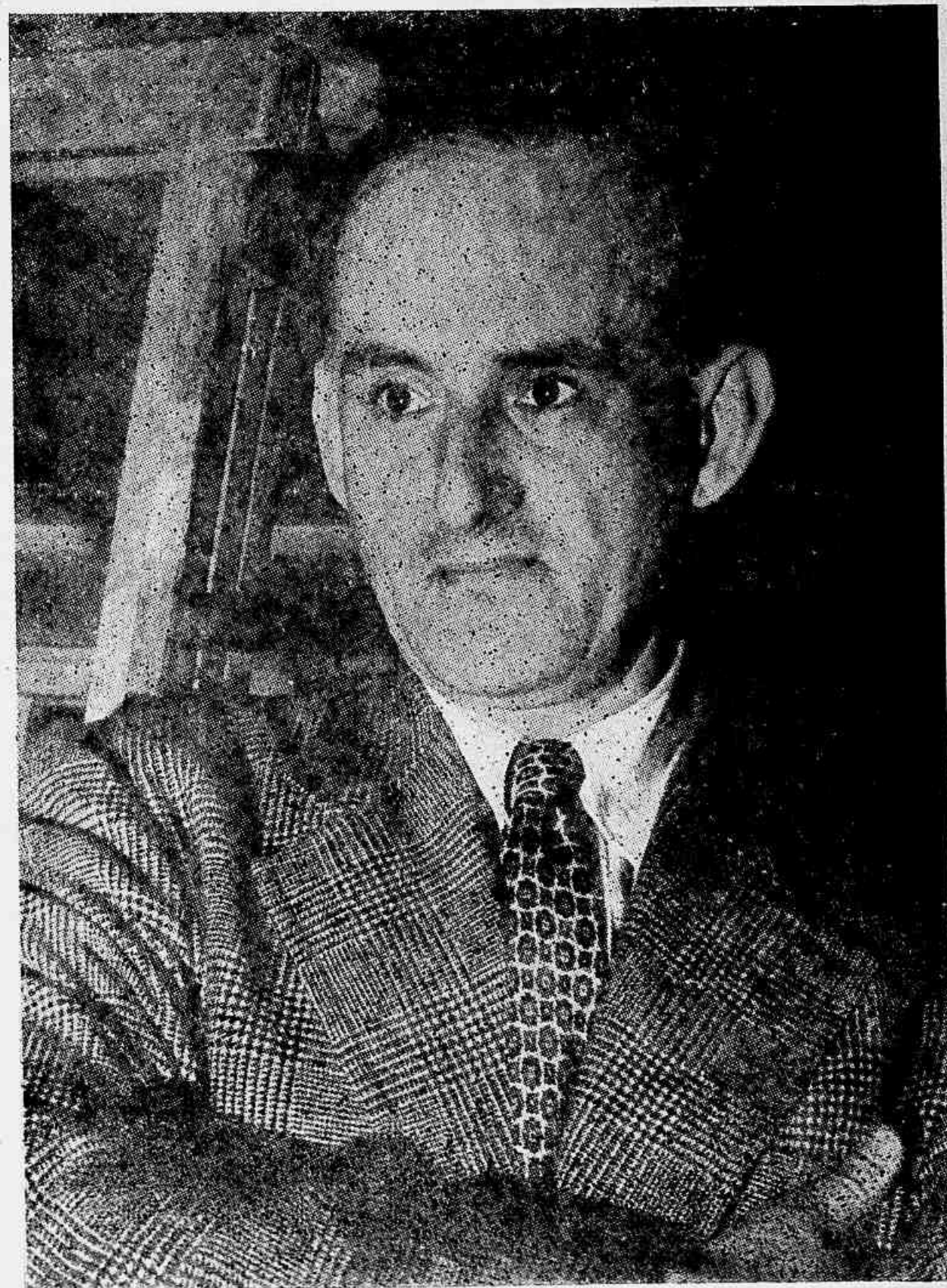
Nelson Rodrigues falando à nossa reportagem, quando, por ocasião do primeiro ensaio no Fenix, foi a REVISTA DA SEMANA bater as chapas que ilustram estas páginas, não escondeu a sua satisfação. Está confiante no sucesso deste novo capítulo dos Comediantes, aos quais hipotecou sua incondicional solidariedade de autor, até porque no convívio dos Comediantes foi que ele encontrou a sua grande oportunidade de revelação.

— Será uma grande e vitoriosa série de espetáculos — disse-nos então — e se nas vészes anteriores os Comediantes agradaram, apesar de todos os contras, este ano só existem razões ponderáveis para que esse agrado venha a ser maior, muito maior. Temos um teatro de categoria, artistas e diretores, cenógrafos e colaboradores especializados em os mínimos detalhes. Fazemos teatro com a preocupação superior de agradar, sem transigências mas caminhando sempre para a frente e para cima.

Nelson Rodrigues tem os olhos postos no espaço. Aquêles seu sorriso discreto, impenetrável, define-se desta vez:

— E assim são "Os Comediantes", meu amigo — rematou. — Uma iniciativa que nasceu do quase nada para alcançar o máximo. Estamos a caminho desse objetivo!

TURCOW — O empreendimento artístico dos Comediantes, que tem gerado as mais renhidas controvérsias, impõe-se pela associação de um grupo de colaboradores de classe e absoluta responsabilidade artística. Entre eles avulta o nome de Zigmund Turcow, também diretor e intérprete. O experimentado homem de teatro polonês tem sido outro dos esteios com que conta a larga repercussão artística dos Comediantes.



**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



**DÔRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

COPA E COSINHA

Modo de arrumar cerejas ou morangos em morrinhos — É tanto vagaroso, mas fácil. Tome uma tigela com fundo redondo, o tamanho depende da quantidade de frutas que se vai usar. As bonitas frutas são colocadas uma ao lado da outra, os talos para dentro em toda a volta da tigela. Coloque depois, até encher a tigela, num prato raso, e leve para o refrigerador, para gelar bastante. Na hora de servir, virar sobre um prato coberto de folhas de parreira, ficando como um bôlo de cerejas.

Salsa frita para peixe — Escolha folhas de salsa bem verdes, lave-as em água fria. Escóe e ponha a secar num pano. Coloque numa peneira de arame, mergulhando-a em gordura bem quente (azeite, de preferência). Ficarás cripada num ou dois segundos. Ponha em papel absorvente, polvilhado com um pouco de sal. Cuidado para que não se partam, pois são muito frágeis.

Bolas de salsa — Lave uma grande quantidade de salsa em várias águas, para retirar todo o suco. Tome galho por galho, segurando com uma das mãos e trabalhando com a outra, de maneira que fique como um "bouquet" bem apertado. Amarre então com um barbante. Com uma tesoura bem afiada, corte em feitiço de bola. Embrulhe em pano úmido e leve para o refrigerador.

Salsa picada — Lave bem a salsa e tire todas as folhas, pois não se empregam os talos. Enxugue no pano de prato e ponha na tábua de carne. Empregue um facão bem afiado. Com a mão esquerda segure a tábua e com a direita a faca, para cortar a salsa. A salsa deve ficar quase reduzida a pó. Ponha num prato e cubra, ou cubra com um pano úmido ou papel, para que não queime.

Adele Jergens (Columbia)



Hidrex

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO

PAN-LUX

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA
"SERVE" Ltda.

LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ
FORNECER TODOS OS
APARELHOS ELÉTRICOS
INDISPENSÁVEIS NUMA
RESIDÊNCIA MODERNA

MUSICA

BAILADO

O "Lago dos Cisnes" forneceu a oportunidade que os bailarinos da companhia organizada por Schwesoff estavam esperando. Sem o nervosismo que quebrou o equilíbrio das "Sílides" no dia da estréia, o bailado de Tchaikowski foi admiravelmente bem dançado. Coordenação de movimentos, segurança, precisão, graça e leveza, tôdas as qualidades do bailado clássico.

★

Confirmou-se, por outro lado, a opinião de que Schwesoff é um excelente diretor e um bailarino simplesmente discreto. No papel de Príncipe, êle dava a impressão de estar em cena menos para interpretá-lo do que para observar de perto as evoluções de seus pupilos, como um mestre vigilante.

★

E' preciso destacar sobretudo, nesse primeiro bailado da segunda récita, Nathaniel Stoudenmire e Julia Horwath, ambos magníficos como o Amigo do Príncipe e a Rainha dos Cisnes, respectivamente. Muito bem, também, o "pas-de-quatre" dançado por Berta Rosanova, Oneide Rodrigues, Jacqueline Fonseca e Vilma Lemos.

★

A partitura de Tchaikowski continua a servir de veículo para demonstração de técnica. Música despretensiosa, no gênero do banalíssimo Delibes, de quem Tchaikowski era grande admirador.

★

Passando para a "Bacanal", estamos noutro clima. Não é mais a técnica, a precisão de movimentos, mas a dança viva, carregada de sugestão. A coreografia assume outra importância. Não é mais a combinação de passos, mas a expressão plástica da "Bacanal". Schwesoff inventou uma coreografia interessantíssima, perfeitamente de acôrdo com o espírito da música, tanto na dança frenética como nos grupos imóveis.

★

Salientaram-se na "Bacanal", além de Edith Pudenko e Wilson Morelli, novamente Stoudenmire, que é realmente um elemento valiosíssimo. Tamara Capeller, Berta Rosanova e Wilma Lemos destacaram-se como "As Três Graças".

★

(Continua na pág. 51)

Tamara Capeller, uma das mais talentosas bailarinas brasileiras



OS PERFUMES DE

ROGER & GALLET

PARIS - RIO

fleurs d'amour EXTRATO - LOÇÃO - PÓ DE ARRÔS - BRILHANTINA.

pavots d'argent PÓ DE ARRÔS - LOÇÃO - EXTRATO - BRILHANTINA.

vera violeta LOÇÃO

anthea PÓ DE ARRÔS CRAVO - HELIOTROPE - VIOLETA.

santal PÓ DE ARRÔS

jean marie farina AGUA DA COLONIA A GRANDE MARCA FRANCEZA

ROUGE & BATON

Niura

DOIS SEGRÊDOS de BELÉZA

PÍLULAS DE BRISTOL

Vegetais e açucaradas

Combatem suavemente a preguiça intestinal.

VINHO DA MADEIRA

H.M. BORGES, SUCCS. LTDA

Estabelecido desde 1871 - Alta da Madeira

VOLTAM A BRINCAR AS CRIANÇAS DA EUROPA

(Do B. N. S., especial para a REVISTA DA SEMANA)

O brinquedo é uma arte sob o seu aspecto formal ou de fabricação, no qual procuramos imprimir-lhe formas atrativas e harmoniosas, maximé quando se trata de objetos isolados para fins "construtivos" — brinquedos de armar, na sua acepção mais vulgar. Podemos porém, encará-lo como uma verdadeira ciência, dadas as suas profundas repercussões pedagógicas.

O desenvolvimento do brinquedo infantil, como é fácil de prever, vem acompanhando a evolução natural da técnica e dos novos aspectos criados pela vida moderna. As novas atividades correspondem a novas "imitações" ingênuas. Os materiais descobertos pela ciência contribuem largamente para esse aperfeiçoamento e, sob um tal aspecto, a invenção e o progresso das matérias plásticas, de que a Grã-Bretanha tem sido pioneira, desempenham um papel muito relevante no que diz respeito aos novos brinquedos, sobretudo no tocante àquelles que, como os que são apresentados pelas fotografias ilustrativas das presentes notas, pertencem à categoria entre os londrinos chamada "sensible toys", ou sejam brinquedos especialmente destinados ao treino e ao desenvolvimento das faculdades infantis de raciocínio.

O moderno fabricante de brinquedos — particularmente dos que se situam na aludida categoria — devem atentar para vários fatores primordiais e referentes à psicologia normal das crianças.

Preliminarmente, é preciso não esquecer que as crianças adoram as cores. Superfícies polidas, brilhantes e policrômicas constituem elementos sem dúvida essenciais. No tocante ao próprio ato de "brincar"

Anéis plásticos e coloridos, cujas circunferências vão se reduzindo pouco a pouco até formarem uma espécie de cone ao serem enfiados numa haste vertical, constituem um novo passatempo para as crianças inglesas. Servem de treinos de paciência, após as crises nervosas da guerra.

Armando uma torre de pequenos copos coloridos, esta garotinha poderá esquecer-se dos sofrimentos por que passou durante os tempos do grande conflito. Os papais ingleses procuram fazer que seus filhos esqueçam, depressa, os quadros trágicos da guerra. E tudo se esquecerá melhor brincando...

O "posting box", ou seja um pequeno barril de matéria plástica com buracos de formas diferentes que devem ser preenchidos pelas correspondentes peças separadas, é outro brinquedo de após-guerra, com o qual as crianças da Europa vão despertando para um novo mundo de paz e de trabalho...





Pequenos barrilêtes policrômicos, nas mãos de uma criança, servem para várias "construções". Meninas que passaram semanas inteiras no sub-solo de suas residências, ouvindo o metralhar dos bombardeiros inimigos, agora distraem-se com brinquedos que seriam desinteressantes em outros tempos...

car" entram em jogo fatores os mais interessantes. As crianças adoram os brinquedos simples, e isto explica a preferência infantil pelos brinquedos de "armar" ou pelos "sensible toys". E não se trata apenas de simplicidade. As crianças gostam da "monotonia" ou da "repetição" de operações. Tais são os principais aspectos de ordem psicológica infantil que vêm por um lado motivando a nova técnica de brinquedos, e por outro resultando na predominância das categorias dos chamados "sensible toys".

As fotografias que acompanham estas linhas exibem vários tipos desses brinquedos, hoje fabricados em grandes quantidades para as crianças britânicas e cuja fabricação tornou-se incomparavelmente mais fácil e interessante em seguida ao advento e à crescente vulgarização dos novos materiais plásticos.

Entre esses brinquedos "construtivos" ou destinados ao desenvolvimento do raciocínio infantil, os cubos de armar continuam a gozar o antigo prestígio. Todos, porém, se caracterizam pela sua simplicidade, mesmo nos casos menos vulgares como seja o de pequenas porcas coloridas para serem adaptadas a uma haste em espiral. Esse brinquedo é muito útil, não obstante o seu aparente "sem propósito". Mais uma vez aplica-se aqui o princípio de que as crianças gostam da "repetição" ou das operações demoradas. Uma vez ajustadas as porcas à haste espiralada, o conjunto pode apresentar uma variedade infinita de sequências coloridas. Trata-se, igualmente, de um magnífico processo pedagógico para o ensino ou o treinamento do controle dos dedos.

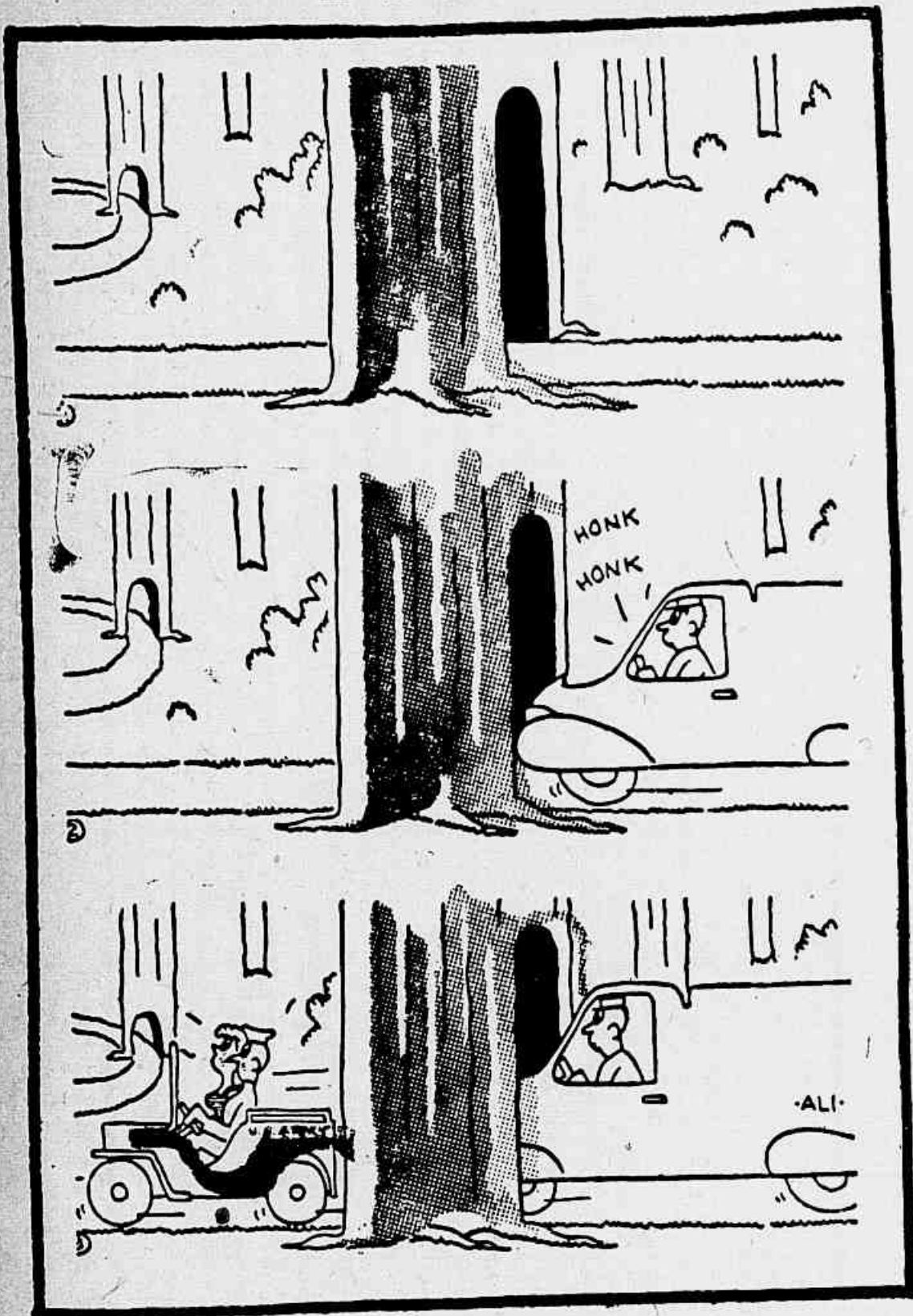
Uma outra novidade é o chamado "posting box", hoje um dos brinquedos mais populares entre as crianças inglesas. Trata-se de uma espécie de barril, de proporções regulares, que se abre no meio apresentando na parte superior buracos de contornos diferentes. A criança compete aprender a colocar as peças isoladas nos respectivos lugares de acordo com as formas que devem ser apreendidas separadamente. Essa modalidade é também fabricada com matéria plástica, e pode ser encontrada a preços muito baixos. As dimensões, jogo de cores e seleções de formas das peças separadas variam conforme se queira.



A fisionomia da menina deixa transparecer a sua satisfação, preocupada com esse passatempo. No fim de contas, ela nada mais está fazendo senão desenvolver as faculdades infantis de raciocínio. As crianças adoram os brinquedos simples, gostam da "monotonia" e da "repetição". Mas um adulto ficaria nervoso em dois minutos!

Os cubos coloridos mantêm o seu antigo prestígio entre as crianças do mundo inteiro. Outras gerações de garotos já se divertiram com esse mesmo processo, mas os garotos de 1945 conheceram a tragédia de uma guerra de quase seis anos. Eles precisam ser mais e melhor distraídos. Têm pensamentos de adulto...

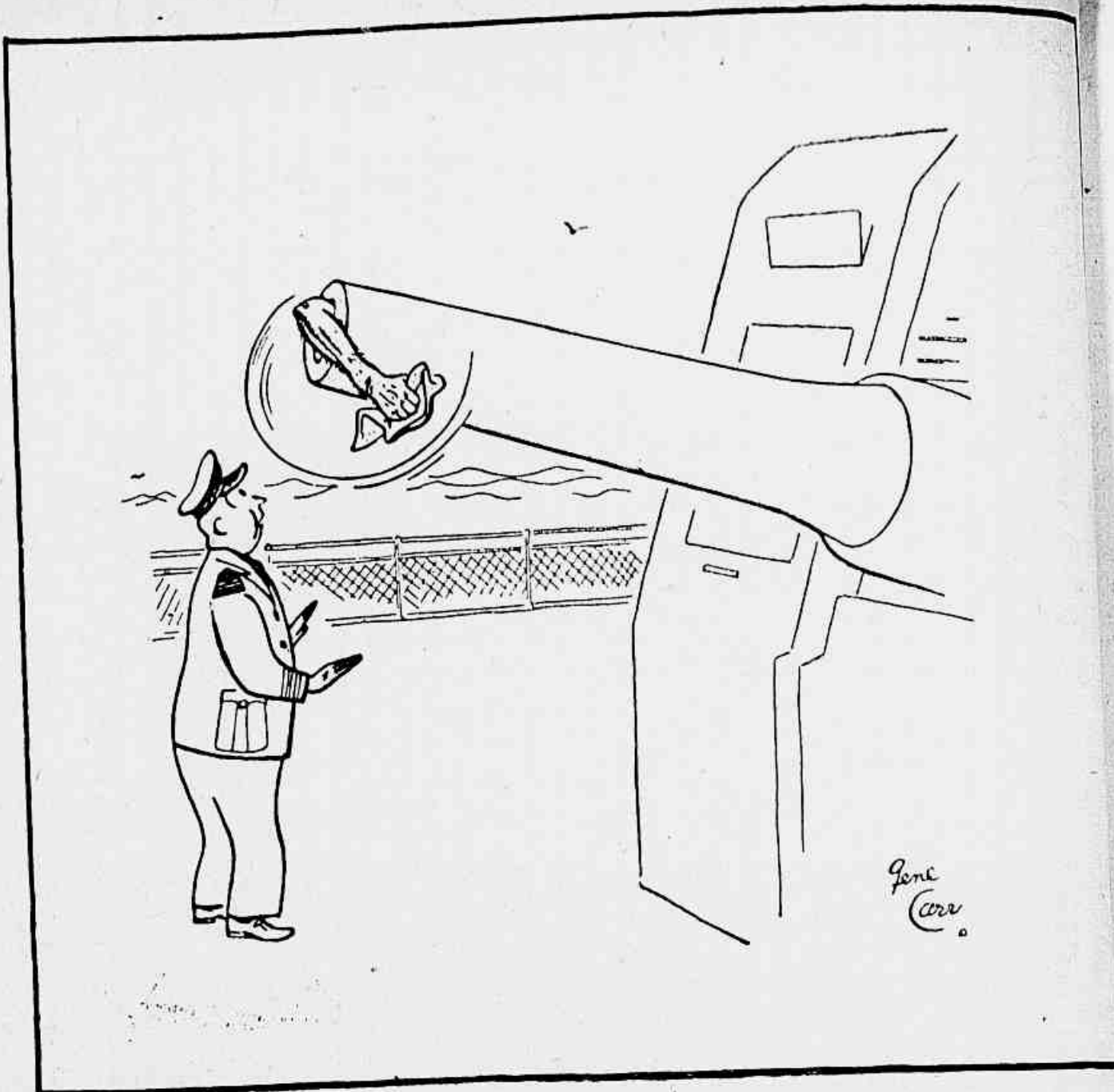




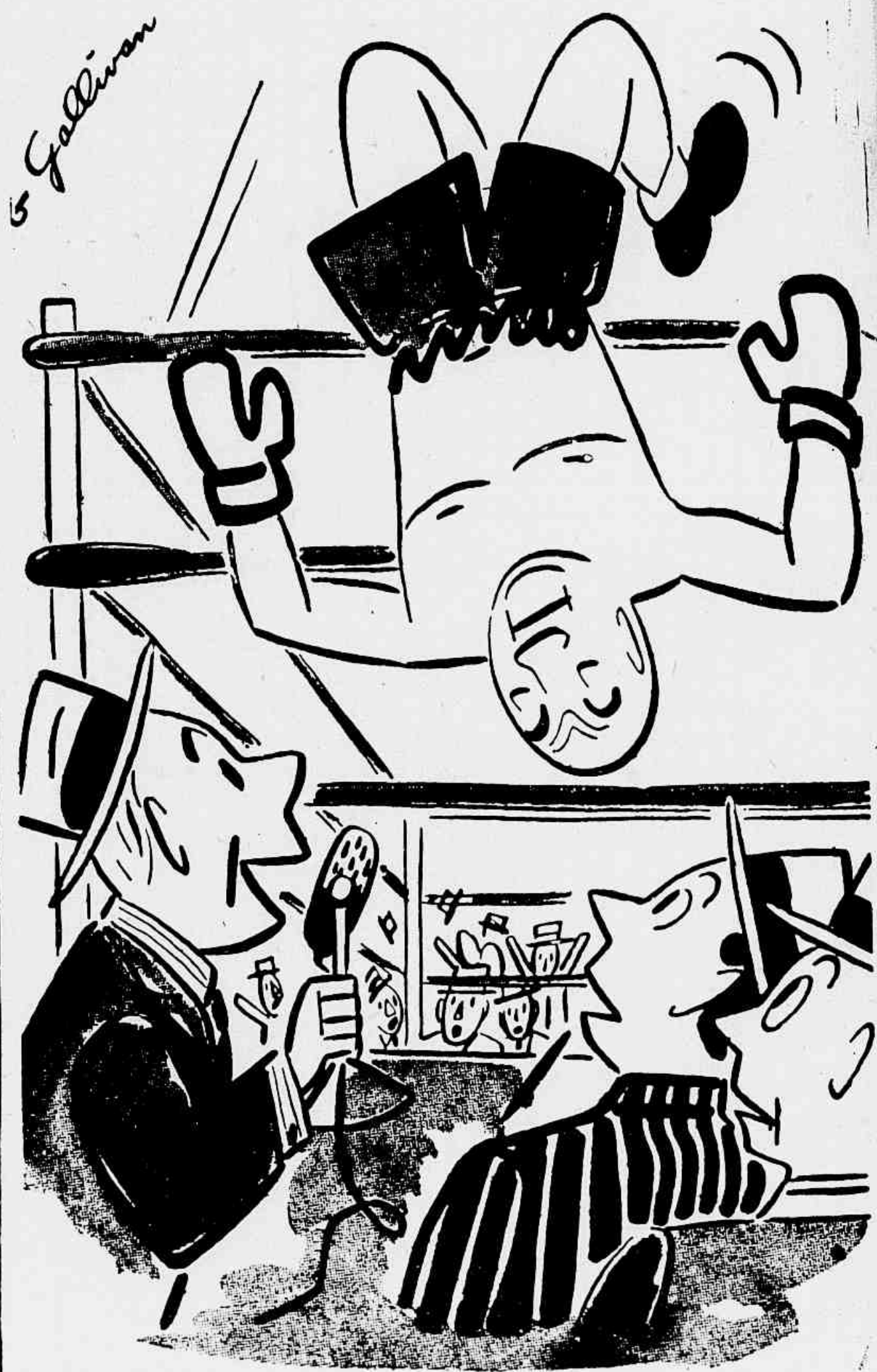
DE BOM HUMOR



— Engraçado! Parece-me ouvir o miado de um gatinho!



— Neste momento o campeão está caindo! Vou pedir-lhe para nos dar as suas impressões do espaço!



A FUGA DE MR. CHARLES

Conto de ROBERT LEE SON

CEOFFREY CHARLES assinou na última linha. Depois colocou a caneta no bolso e suspirou. Era, muito provavelmente, a última vez que assinava aquele nome. Se as coisas continuassem naquele pé, seria preciso pôr em prática o plano há muito arquitetado. Na realidade, não havia motivos para inquietação, pois sua fuga já estava assegurada (a polícia nunca o encontraria); entretanto, Mr. Charles não podia deixar de sentir uma certa tristeza. Quando começara a vida novamente, após a última trapaça, pensava que seria para instalar-se definitivamente. Arranjara a fuga mais por hábito do que por necessidade. Não tencionava continuar a roubar. Porém viera logo o caso Ponsonby, aquelas ações que lhe tinham sido confiadas; e, depois, outro caso, a seguir, um outro. Não pudera conter seu temperamento e o resultado fôra dois processos. Escapara por um milagre, ou melhor, porque sempre tomava as suas precauções. Entretanto, o ambiente não era favorável a ele, agora que tinham descoberto que era um ladrão. A melhor sociedade já não o recebia, e na última festa ele tivera a impressão distinta de que estava sendo examinado como uma curiosidade. "Então este é que é o famoso trapaçeiro?", pareciam dizer os olhares dos convidados. Mr. Charles não se preocupava indevidamente com a atitude dos outros, mas, esgotada a curiosidade de examinar de perto um bandido, os convites tinham cessado. E Mr. Charles era uma pessoa essencialmente sociável, gostava de festas, reuniões... Enfim, viver sozinho, livre mas conhecido; como um indesejável não era agradável. Talvez, depois de terminar o caso de Fay Endicott, ele desaparecesse. Já não seria a primeira vez. Entretanto estava ficando velho, sentindo necessidade de descansar... "Enfim, já desta vez não pode ser". Na próxima moradia... Sim, na próxima moradia ele apareceria (como era mesmo que ficara resolvido? Ah, sim, como um francês. Teria oportunidade de mostrar o seu conhecimento da língua) como um homem honesto, e honesto permaneceria nem que isso significasse perder ótimas oportunidades. Essa decisão era heróica, porque Mr. Charles não gostava de perder "oportunidades", mas o desejo de tornar-se sedentário era maior: já não suportava a vida agitada da sua mocidade, quando de seis em seis meses — ou em menos tempo — mudava de residência, conforme aumentassem as suspeitas da polícia com respeito às suas atividades.

Bateram, subitamente, à porta. Ele estremeceu.

— Meu Deus! Devo estar ficando velho mesmo! Antigamente enfrentava o perigo com sangue frio...

A verdade, porém, era que nenhum perigo especial o ameaçava. Não tinham provas contra ele... Além do caso de Fay, não tinha mais negócio algum em suas mãos.

— Quem é?

— Seu eu, Ray. Abra logo.

Mr. Charles desta vez estremeceu mais fortemente. Ray Endicott? Que desejaria ele?

— Um momento.

Rapidamente, escondeu tudo o que estava sobre a mesa na gaveta, trancou-a e foi abrir a porta.

— Entre, Ray.

O rapaz estava nervoso.

— Mr. Charles, eu vim buscar o dinheiro de Fay.

— Mas meu caro Ray, eu...

— Não adianta protestar, Mr. Charles.

Ela quer o dinheiro e eu tenho que devolver.

— Vamos com calma, meu amigo. Por que essa decisão brusca?

— Escute, Mr. Charles, eu sou um homem franco.

— Uma qualidade extremamente louvável, meu caro Ray.

— Pois bem. Vou retirar o dinheiro porque Fay assim o exigiu... a conselho de Mark.

— Ah! Era aí que eu queria chegar. Sua irmã deixa-se dominar por esse jovem que só quer o dinheiro dela e...

— Mark é mais rico que Fay.

— Não seja ingênuo! Esses milionários estão sempre querendo mais...

— Bem, de qualquer forma, Mr. Charles, o dinheiro é dela, e se ela prefere empregá-lo de outra forma, tenho que obedecer.

— Um momento. Ainda há o caso do contrato.

— Mark disse que o contrato não tem valor. Eu estava agindo em nome de Fay, porque ela é minha irmã, sem ter uma procuração. Minha assinatura naquele contrato é, portanto, sem o menor valor.

— Você quer me fazer acreditar que agiu sem procuração?

— Foi isso mesmo. Eu... eu pensei que não fôsse necessário.

— Mentira! Eu já estou percebendo. Mark persuadiu Fay a pedir o dinheiro e persuadiu você a destruir a procuração, afim de que eu não pudesse invocar o contrato.

Ray sempre fôra dominado por Mr. Charles. Deixava-se convencer. Agora, porém, teve um momento de rebeldia.

— E por que é que o senhor faz tanta questão de ficar com o dinheiro? Será que o gastou? Devolva logo, que não há outro remédio!

Mr. Charles sabia quando uma partida estava perdida. Era essa uma de suas qualidades.

— Meu caro amigo. Não esconderei que estou muito desapontado, muito desapontado mesmo. Pensei que você fôsse um rapaz direito. Entretanto, você se presta a servir de títere de um capitalista desonesto.

— Peço-lhe que não fale mais de Mark. O senhor pode se arrepender depois.

— Eis uma coisa que eu raramente faço: arrepender-me. Em todo caso, devolvo-lhe o dinheiro cobijado. Passe aqui amanhã...

— Preciso obtê-lo agora.

— Meu caro amigo não acredita, com certeza, que o tenho em casa.

— Vá buscá-lo onde ele estiver.

— Francamente, meu caro Ray, você é impossível! Por que não pode esperar até amanhã?

— Porque Fay quer o dinheiro hoje.

— Você quer dizer, sem dúvida, que Mark quer o dinheiro hoje. Pois bem, há de esperar até amanhã.

— Posso ir à polícia, Mr. Charles!

— Mas só amanhã eles virão reclamar o dinheiro, Ray, e amanhã eu já estarei pronto para entregá-lo. E' só isso que você tinha a dizer? Então boa noite.

O rapaz hesitou. Depois apanhou bruscamente o chapéu e saiu, dizendo ainda:

— Estarei aqui amanhã de manhã.

Mr. Charles riu:

— Será meu despertador. Muito bem. Até amanhã. Estimo que seu amigo Mark durma mal, pensando na fortuna que ainda não está em suas mãos.

(Continua na pág. 52)





Grupo de alunos do Colégio São Bento desta Capital, pertencentes à 5.ª série do curso de admissão, fotografados no portão daquele estabelecimento de ensino, ladeando os seus professores D. André e D. Hildebrando.



Missa solene na catedral do Salvador, mandada celebrar pela Associação Baiana de Imprensa, no Dia do Jornalista, vendo-se ao centro o seu presidente, dr. Raulpho Oliveira, rodeado pelos srs. general Candido Caldas, comandante da Região, capitão do Pôrto, representante do Interventor, altas autoridades do Estado e jornalistas.



O ROTARY AOS HERÓIS DA PÁTRIA — Sob a presidência do sr. Carlos Brandão de Oliveira, realizou-se a 14 de setembro p. passado, durante o almoço do Rotary Club desta Capital, tocante homenagem às nobres Forças Armadas de terra, mar e ar. A saudação aos heróis brasileiros esteve a cargo do sr. Rodrigo Olavio Filho, tendo o almirante Dodsworth Martins agradecido em nome do Ministério da Marinha. Falou, agradecendo em nome do general Mascarenhas de Moraes, o coronel Floriano de Lima Bravner. E de significativa lembrança o flagrantíssimo acima, quando o presidente do Rotary era abraçado pelo brigadeiro Francisco de Paula.



Geraldina Max, festejada escritora patriciã, que vem de editar o seu novo romance, intitulado "Meu marido voa", publicado pela "Revista da Veterinária", em Belém do Pará.



A tra. Flavia Carney Deane, da sociedade carioca, que veio para cá em viagem de negócios, no dia 24 de setembro.



Maby Daniels, conhecida regente de orquestra, cantora e pianista, que vem de concluir uma "tourn  e" pelos Estados do Norte, cantando para os soldados americanos e brasileiros. Encontra-se atualmente em São Paulo, onde vem registrando grande sucesso.



Realizou-se no dia 29 de setembro último o enlace matrimonial da sta. Maria José Macedo de Souza, filha do sr. João Rodrigues de Souza e d. Laura Macedo de Souza, com o sr. José Coelho Pereira, filho do sr. José Coelho Pereira Junior e d. Raquel Coelho Pereira. No ato civil foram testemunhas por parte da noiva o casal José Coelho Pereira Junior, e pelo noivo o sr. Ruy Coelho Pereira e a sra. Anita Esther Coutinho. Na cerim  nia religiosa, celebrada na igreja de São Sebastião às 17 horas, serviram de padrinhos por parte da noiva o sr. João Rodrigues de Souza e d. Maria Macedo, e pelo noivo o sr. José Coelho Pereira Junior e senhora.

Figuras e Fatos

Flagrantes tomados no dia 26 do mês p. findo, na Alfândega desta Capital, por ocasião da brilhante homenagem ao conferente Elias Souto, ali realizada sob a presidência do inspetor sr. Xisto Vieira Filho. Na primeira foto abaixo v  -se o sr. Orlando Vilela, entre a grande assistência, saudando o homenageado, que vem de encerrar sua carreira pública. A seguir, o sr. Elias Souto agradecendo.



CASIMIRO DE ABREU e GONÇALVES CRESPO — poetas de inspiração e arte diversas pareceram-se na vida e na sorte.

Ambos filhos de pais portugueses de mediana condição. Ambos filhos de mães brasileiras, a mãe de Crespo mais humilde que a de Casimiro, igualadas pelo amor dos filhos memorando-as estes.

José Joaquim Marques de Abreu, pai de Casimiro, agricultor talvez depois de mercador, emparelha com Antonio José Gonçalves Crespo, o pai do segundo Crespo no desejo da elevação social dos filhos, ante ela resgatando secretamente culpas de irregular paternidade.

Marques de Abreu fadou Casimiro ao comércio, a seu vício profissional lucrativa; a estudos de grão superior Gonçalves Crespo pai destinou o filho, no seu sentir aqueles estudos recomendando na sociedade.

No internato do Colégio Freese, em Nova Friburgo, Casimiro cursou preparatórios. No Rio de Janeiro — como? onde? — deve tê-los iniciado Crespo Filho.

Versos de Casimiro mostram-o afeito a vida roçeira; versos de Gonçalves Crespo pintam cenas e figuras de vida rural repassada de escravidão negra.

Casimiro deixaria o Brasil por algum tempo, Crespo também o deixaria, mas para sempre. Obedecendo à vontade paterna, praticando comércio em Portugal, Casimiro também obedeceria à sua vontade, poetando e conseguindo num teatro do Porto a representação de cena dramática, *Camões e o Jão*.

Obediente à vontade paterna, Crespo estudante em Coimbra começaria a poetar, logo de fama na sua geração académica. Tornado ao Brasil, Casimiro entrava na roda literária juvenil, na qual Machado de Assis reunida no escritório do dr. Caetano Filgueiras, advogado de trato com a poesia no descanso de Razões e Provarás.

Pouco depois, quando tudo parecia começar a sorrir a Casimiro eil-o próximo de lágrimas. Morre-lhe o pai deixando-lhe alguns recursos para firmar-se na vida. Era justo quando ela lhe ia faltar e o mesmo, vinte e três anos após, sucederia a Crespo.

Em 1860, no aparecimento do sonhado primeiro livro, Casimiro morria aos vinte anos. Crespo teria tempo de a primeiro livro ajuntar segundo.

Nas obras dos dois poetas seriam exaltados o amor por mãe e por irmã, sentimentos que no afeto se completam. De mãe estivera Casimiro duas vezes separado quando no internato e no estrangeiro; de mãe separou-se Crespo, de vez, para que no soneto *Mater Dolorosa* descrevesse mãe à partida de filho, assim:

Quando se fez ao largo a nave escura
Na praia essa mulher ficou chorando.

Sumida a nave escura, merece atenção o adjetivo, morto o sol, despontante o luar, que faz a pobre mãe aflita, sem dar tento de nada?

Embebe a vista na amplidão das vagas.

Quem nos diz que os versos de *Mater Dolorosa* não sejam exalar de dor, a de Crespo despedindo-se de mãe e da cena de adolescência se recordando em idade viril?

Possível é acreditar-o para ajuntar à dor de *Mater Dolorosa* a saudade expressa no *Alguem das Miniaturas*, poesia de hino à mãe que "alem dos mares", chorava filho ausente, que bem claro indicou quem dos seus dias era "explendente aurora"

E's tu, doce velhinha, oh! minha mãe!

Bôa parte de vida teve Casimiro junto da mãe e ao memorial-a na sua obra escapou à necessidade de fazê-lo com a dor de ausencia eterna a pungir Crespo; a mãe de Casimiro embora no cruciar de assistir à morte do filho, alvo de todas as suas esperanças.

O amor por irmã irmanou Casimiro e Crespo. Quanto ao primeiro venha prova no prefácio em prosa de *As Primaveras* ao descrever-se o poeta menino colegial:

"Um dia — alem dos Orgãos, na poetica Friburgo — isolado de meus companheiros de estudo, tive saudades da casa materna e chorei."

Casa materna em vez de paterna mostra preferencias de coração.

Casimiro põe presente a cena de Friburgo.

"Era de tarde, o crepusculo descia sobre a crista das montanhas, um cair de cachoeiras tornava mais solenne o silencio. Era a hora da Merenda em nossa

ESCRAGNOLLE DORIA P O E T A S IRMANADOS

casa e pareceu-me ouvir o ecco das risadas infantis de minha irmã pequena". Então as lagrimas afluíram ao collegial dentro em pouco a escrever seus primeiros versos e a intitular-os *As Ave Marias*, e certo o escolar não iria mostrar-los a Freese, o director britânico do Instituto de Nova Friburgo.

Na obra de Gonçalves Crespo encontra-se lembrança sororal. Compondo uma série de sonetinhos, dedicou-os todos o poeta dando-lhes singela dedicatória — *A Minha Irmã* e título expressivo — *Modesta*.

O título, quem sabe se de nome batismal, representa homenagem de saudade fraterna talvez rendida a uma dessas vidas apagadas, mas suaves, tantas vezes entanto e luz nos lares.

Sem sair deles sabe-se que Casimiro principiou um noivado. Gonçalves Crespo, não sem peripecias devidas a preconceitos, desposou uma senhora portuguesa de escol, integrando-se na vida portuguesa social e politica.

Da politica participou de começo obtendo o emprego de redator de debates na Camara dos Pares ou o Senado de Portugal.

De redator passaria Gonçalves Crespo a legislador, deputado por Goa, representando pois India lusitana um nascido no Rio de Janeiro.

Português a esse ponto, Crespo se não alheiou do Brasil bastante recordado na cinzelada obra do poeta por cenas e saudades da infancia e da adolescência.

Quando D. Pedro II, o nosso porque Portugal tem o seu, pela primeira vez visitou a Europa, em fim de viagem para retorno à patria passou por Coimbra.

Na cidade universitária foi-lhe ao encontro uma comissão de estudantes brasileiros de curso nas aulas maiores coimbrãs.

Gonçalves Crespo e Bernardino Machado figuravam na comissão, tendo subscrito a mensagem de felicitação

ANTONIO CANDIDO GONÇALVES CRESPO

(Rio de Janeiro 1846 — Lisboa 1883)



e respeito levada pelos academicos brasileiros ao soberano patricio. Na sua mensagem diziam os moços ao imperador do Brasil:

"Senhor — Entre as grandes manifestações de toda Europa compete-nos um lugar como subditos de Vossa Magestade e como filhos da sciencia".

Não se contentou Gonçalves Crespo em subscrever mensagem de nascidos no Brasil. Levou a sua Musa à presença da Imperatriz de trono brasileiro, a ela a Musa apresentando o seguinte soneto:

Chegas, Senhora, de viagem gloriosa,
Viste Londres, Paris, a Hespanha, a Italia, o Oriente,
Em todo o teu caminho o povo sorridente
Abençoou teu nome, imperatriz virtuosa.

Mas quando a tua vista immersa em luz saudosa
Teu paiz avistou, Parthenope indolente,
Que se espelha no golpho indolente
A tua alma, Senhora, ergueu-se lacrymosa.

Inclinada um momento a fronte seismadora
Mas vendo ao lado teu o Esposo que te adora
Na luz do teu olhar nascia outra saudade.

Viste ao longe o Brasil e as benções que te chamam
E presentiste o amor dos que hoje em ti aclamam
Na Imperatriz modesta a flôr da caridade.

Coimbra.

A. C. Gonçalves Crespo

D. Tereza Cristina conhecia português, no caso pois de apreciar toda a homenagem do estudante nascido no Brasil, que com tanta espontaneidade sobre delicadeza evocava a vida e as virtudes da caridosa Bourbon.

O soneto dedicado por Gonçalves Crespo a D. Tereza bem pode entrar na coletanea dos apurados versos do poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*.

Alem do mérito poetico, o soneto de 1872 prova em Crespo a persistencia de sua brasilidade.

Em reforço desta, como temos revivido continuemos a reviver. Vai ajudar-nos carta de Gonçalves Crespo a Araújo Porto Alegre, que em Portugal consularmente nos representou.

"Coimbra, 11 de Maio de 1871.

Exmo. Snr — Pego-lhe mil desculpas de ha mais tempo não ter respondido à sua benevola e animadora carta. V. Ex.^a já me desculpou de certo porque sabe como nós todos somos indolentes.

Apertos de mão tão sinceros como aquelle com que me honra raro se encontram neste doloroso caminho das letras tão cheio de pequenos odios como de pequenas invejas. Por isto agradeço o seu aperto de mão tanto pela sinceridade como por vir de um de nossos primeiros homens litterarios.

Aproveito a occasião para lhe pedir indicações que desejava. Tendo vindo bem criança do Brazil, não conheço nem estou ao facto do novo mundo litterario do meu paiz. Dahi vem eu sómente conhecer os nomes dos principais escriptores brasileiros, desses que toda a gente conhece em Portugal. Emquanto à geração que lá se deve levantar tão cheia de vida e de esperanças tenho vergonha dizer-lhe: a não ser dous ou tres nem de leve conheço o resto. Pego para que me faça o especialissimo obsequio de me apontar os nomes principaes para que eu lhes envie o meu livro.

Agora um conselho: devo mandar transcrever nos jornaes do Rio as lisonjeiras apreciações que a imprensa desse paiz fez a respeito do meu volume?

Desculpe todas estas ousadas impertinencias filhas de sua carta tão franca, tão aberta e cheia de bonhomia. Gratissimo patricio e am. de V. Excia.

G. Crespo.

Resta-nos lamentar não poder contrapor à missiva de Gonçalves Crespo a missiva "tão franca, tão aberta e cheia de bonhomia," este ultimo sentimento não muito do missivista. Emfim uma vez não é costume.

O leitor da carta significativa de Gonçalves Crespo, por ocasião do aparecimento de *Miniaturas*, dar-se-á conta do que por varias de suas expressões representa de brasilidade. Não é preciso pôr mais na carta, como se diz quando se não precisa acrescentar



HOME, SWEET HOME

De JESY BARBOSA

NÃO troque a sua casa, o seu cantinho sossegado pelo bulício das ruas. Aprenda a ficar em casa. Mesmo que a sua criadagem ou a organização da sua vida lhe tornem fácil uma fugida cotidiana até à cidade, evite o hábito mau de sair diariamente, de fugir ao ambiente sereno de seu lar, onde você é rainha, para confundir-se no anonimato e no borborinho da multidão. Procure um bom livro, entretenha-se com uma boa leitura; escreva aos amigos distantes; arrume os seus lenços; dê uma olhadela nas suas roupas e nas roupas de seu marido; veja se não será preciso fazer alguma reforma no seu guarda-roupa ou se o estoque de meias e de gravatas do seu espóso não está necessitando de um reforço; deite-se alguns quartos de hora no seu divãzinho macio, num repouso que só lhe pode fazer bem ao espírito e à beleza física; em fim, procure ocupar-se com os pequeninos na casa que uma boa dona de casa encontra sempre dentro de seu lar, e você verá que as horas fogem embaladas de quietude neste ambiente a que você não deve jamais preferir um outro qualquer. E à noite, à hora sempre festiva do regresso de seu marido, ele a encontrará bem humorada e achará, na sua fisionomia de traços repousados, um encanto ainda maior. Ame o seu lar e faça de sua casa não apenas uma hospedaria onde você durma e tome as refeições, mas sim um recanto onde você viva na mais completa e profunda concepção da vida. Deixe que o mundo lá fora lhe acene com os seus encantos fictícios; deixe que a mentira dourada das ruas lhe estenda o seu convite falaz; prefira sempre o aconchego singelo de sua casinha; permaneça o mais possível dentro das quatro paredes benditas de sua casa velando, cultivando, defendendo e saboreando a sua felicidade!

EVELYN KEYES (Columbia)

A VINGANÇA

Conto de
SÉBAS MOREIRA
Ilustração de
ARMANDO MOURA



CLASSIFICADO NO CONCURSO
DA "REVISTA DA SEMANA"

TODOS aqueles que conhecem o Olavo (Olavo Câmara, vinte e oito anos, solteiro, "astro" em evidência em Copacabana e constelações adjacentes, e dono de famosa baratinha azul, que se conservou com o gasogênio quando faltou a gasolina) estarão surpreendidos, agora que lhes conto que, ontem, à noite, encontrei-o em uma das suas residências (a dos seus pais) indeciso entre comparecer ou não ao encontro marcado com certa mulher que sorria no retrato que ele me apresentou. E um sorriso que era o pretexto de um desafio — e essa mulher não era apenas êsse sorriso: era muito mais, era, toda ela, uma provocação irrecusável. Na fotografia fora focalizado um pedaço de praia sem nada mais que não fôsse areia: areia, areia e essa mulher; no entanto eu cometeria uma injustiça inútil se não reconhecesse que poucas vezes terá um fotógrafo alcançado efeitos tão sugestivos dispondo apenas de areia, um punhado de areia que era da praia de Copacabana, mas que poderia ser de uma praia qualquer, ou do deserto do Saara, ou de outro lugar arenoso, natural ou artificialmente (haverá areia no Paraíso?).

— Se a mulher tinha atributos físicos, é um absurdo isso de Olavo não ter decidido, na menor fração de tempo, o que fazer! — já argumentam os que lhe conhecem as exigências selecionadoras.

Ah, não é? — folgarei eu. No primeiro momento não se pode admitir essa atitude desnorteante. Pois não têm sido as mulheres a

única preocupação da vida folgada desse rapaz que nasceu feliz? E preocupação constante, porque ele está sempre cuidando do enriquecimento da sua coleção, coleção que já é, no gênero, uma das mais invejáveis e invejadas. E o mais hábil dos colecionadores de outras preferências (autógrafos, fivelas de sapato, pneus velhos, etc., etc.) não deixaria, se se detivesse a observar o método do colecionador Olavo, de admirar-lhe os recursos, a habilidade e o cuidado com que ele evita que cada novo exemplar deixe de vir às suas mãos. Porque, nesse particular, Olavo é realmente mestre. Ainda que a inveja dos incapazes acrescente ao mestre um atributo pejorativo, insistindo em não admitir as suas atividades amorosas como um simples caso de vocação e possibilidades. Há homens que dedicam todo o seu amor aos selos; Olavo prefere as mulheres. E ninguém, justo, poderá deixar de reconhecer que não bastariam a estampa cinematográfica do rapaz e o seu prestimoso livro de cheques para conquistar-lhe todas as mulheres já inscritas na sua galeria. Há muitos exemplares que lhe exigiram alguma coisa mais, alguma coisa de excepcional em certo sentido: revelar-se nem um gênio nem um imbecil, mas apenas medíocre e o suficiente para ser suportável na intimidade por uma mulher. E nisso está um motivo de orgulho para o Olavo: haver tido o bom senso de impedir que o interesse dos seus pais e o esforço de famosos educadores o corrompessem durante a sua juventude, impedindo-o de ser apenas o brilhante medíocre que é hoje.

Bem, ajustados êsses pontos, deixem que lhes conte o que presenciei ontem, a história da indecisão do Olavo, que, se não compromete o seu passado, nos faz pelo menos temer pelo seu futuro.

— Fale-me dessa mulher, Olavo — disse-lhe eu, após a primeira surpresa. — Para conseguir perturbá-lo desas forma, o que não me lembro jamais haver outra conseguido, essa mulher deve ter alguma coisa de extraordinário, se é que as mulheres são capazes de tal.

— E tem, sim, muito de extraordinário: uma invulgar e desnorteante maneira de proceder, de dizer coisas que ninguém diria, de tratar desinteressadamente, mas sem premeditação, o homem por que se interessa.

— Você?



— Sim, eu.

— E como sabe que ela se interessa por você?

— Pela minha experiência.

— Oh, sim: a sua experiência... mente ela merece a confiança de nós. Ainda que falhe um dia pela primeira vez.

— Que está você pretendendo? Que ela não gosta de mim? Não é isso?

— Eu também acho, sem conhecê-la.

— Pois é. E então?... E depois, ela está cercada pela sua corte de homens, o que infelizmente acontece sempre, quem ela prefere entre todos para suas atenções de nada.

— Mas sem lhe conceder exclusividade, não é?

— Claro. E isso é irritante!

A irritação de Olavo era honesta, veí-lhe, então:

— Mas nessa coisa de uma mulher ferir a corte de muitos homens não há



de surpreendente. Você, com sua experiência...

— Você diz isso porque não a conhece. Meu caro, ela não procede assim por cálculo, para me irritar. Nem pelo prazer comum que a maioria das mulheres encontra em ser requestada por muitos homens. Ela é assim porque nasceu assim, por ser fiel a si mesma. Zomba da nossa presença e das nossas propostas com a naturalidade com que respira. E vai dizendo coisas absurdas, sorrindo, e nos desarmando. Usa a sua natureza fútil para nos afastar e se tornar inacessível. Quando ela afirma, por exemplo, que as mulheres não são volúveis, mas que os homens é que nunca satisfazem plenamente ao ideal feminino: que a dificuldade de uma mulher é encontrar o homem que possua todas as qualidades de todos os tipos que a impressionam — ninguém estranha!... Mas isso é apenas um absurdo, um absurdo irritante!

Esperci que Olavo se acalmasse um pouco antes de indagar-lhe:

— E o amor? Tera ela conseguido real-

mente excluí-lo de suas preocupações? Embora isto seja pouco feminino, confesso que gostaria de ser amado por uma mulher assim.

— Amor? Ela diz que o amor é uma maçada, e uma maçada infrutífera, porque os homens já não se matam mais pela mulher amada...

— Oh! Ela diz isso?

Olavo não percebeu que eu estava satisfeito.

— E se a convidar para irmos a um lugar qualquer, a um cinema, por exemplo, ela me aparece com uma legião de homens.

— E você?

— Eu? Que posso fazer senão aproveitar para irritar-me inutilmente, e bem depressa, antes que ela me desarme, justificando-se: "Oh, queridinho, que tem isso? Eu vim com o Carlinhos, o Pedrinho, o Joãozinho, o Paulinho (imagine você todos os inhos que é possível) porque eles estavam com vontade de ver a mesma fita"...

Após um gesto largo de desabafo, Olavo retornou

— E' sempre isso! Sempre! Ainda outro dia, planejei atraí-la ao meu apartamento que você conhece. E para ter um pretêxo perguntei-lhe se gostava de livros. Sabe qual foi a sua resposta?

— Qual?

— Exclamar, como se estivesse dizendo a coisa mais natural deste mundo: "Oh, eu gosto muito de livros!... Há encadernações maravilhosas, não acha?..."

— Oh...

— Diante disso eu esqueci até que ia convidá-la... E é sempre assim! Sempre! Um dia cheguei a aventar a possibilidade de um casamento entre nós, só para experimentá-la.

— Oh, você já foi longe, mais longe do que eu poderia supor... E ela, que respondeu?

— Ela declarou que não lhe desagradaria casar comigo, mas que me prezava de mais para perder a minha amizade... Veja você! E é sempre assim! Sempre!

(Conclui na pág. 54)



V E

Ao alto, da es-
Harker, da W-
oferece às m-
modelo em s-
dissima renda
do rosa pálido
um botão, co-
completam a
crepe "rayon"



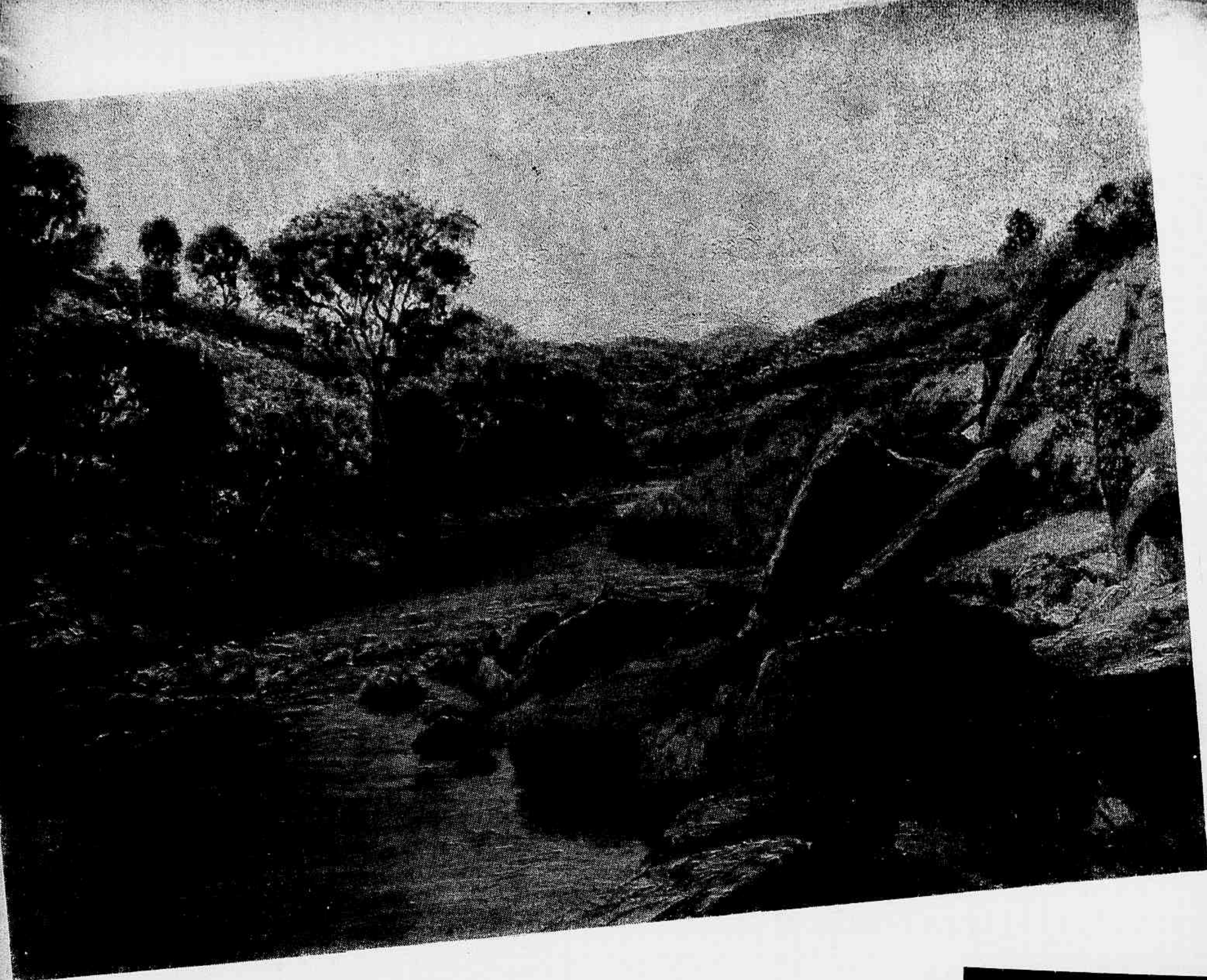
ETIDOS E

Chapeol

para a direita — Jane
ros., coroada de rosas,
itoras este esplendido
gra, cuja pala em lin-
se destaca sobre o fun-
nbinação. Uma rosa e
ao centro do decote,
nia do conjunto. Em
co suavemente estam-

pado com desenhos em azul marinho, este
conjunto em duas peças apresentado por La-
raine Day, da Metro, é um belíssimo modê-
lo para as tardes claras do Rio, para uma
ida ao cinema ou para um chá na Cinelân-
dia. Em lãzinha fina e escura, este vestido
apresentado pela graciosíssima Donna Reed,
da Metro, tem como nota original o cinto,
cujo fêcho executado em passamanaria ter-

mina por um conjunto de borlas que lhe dá
uma graça especial. Ao lado: Joan Craw-
ford aparece-nos originalíssima nesta foto-
grafia, com os seus grandes olhos sombrea-
dos pelas abas do seu chapéu deliciosamen-
te extravagante, confeccionado em palha
finíssima, tôda em pregas, e adornado com
enormes rosas de seda.

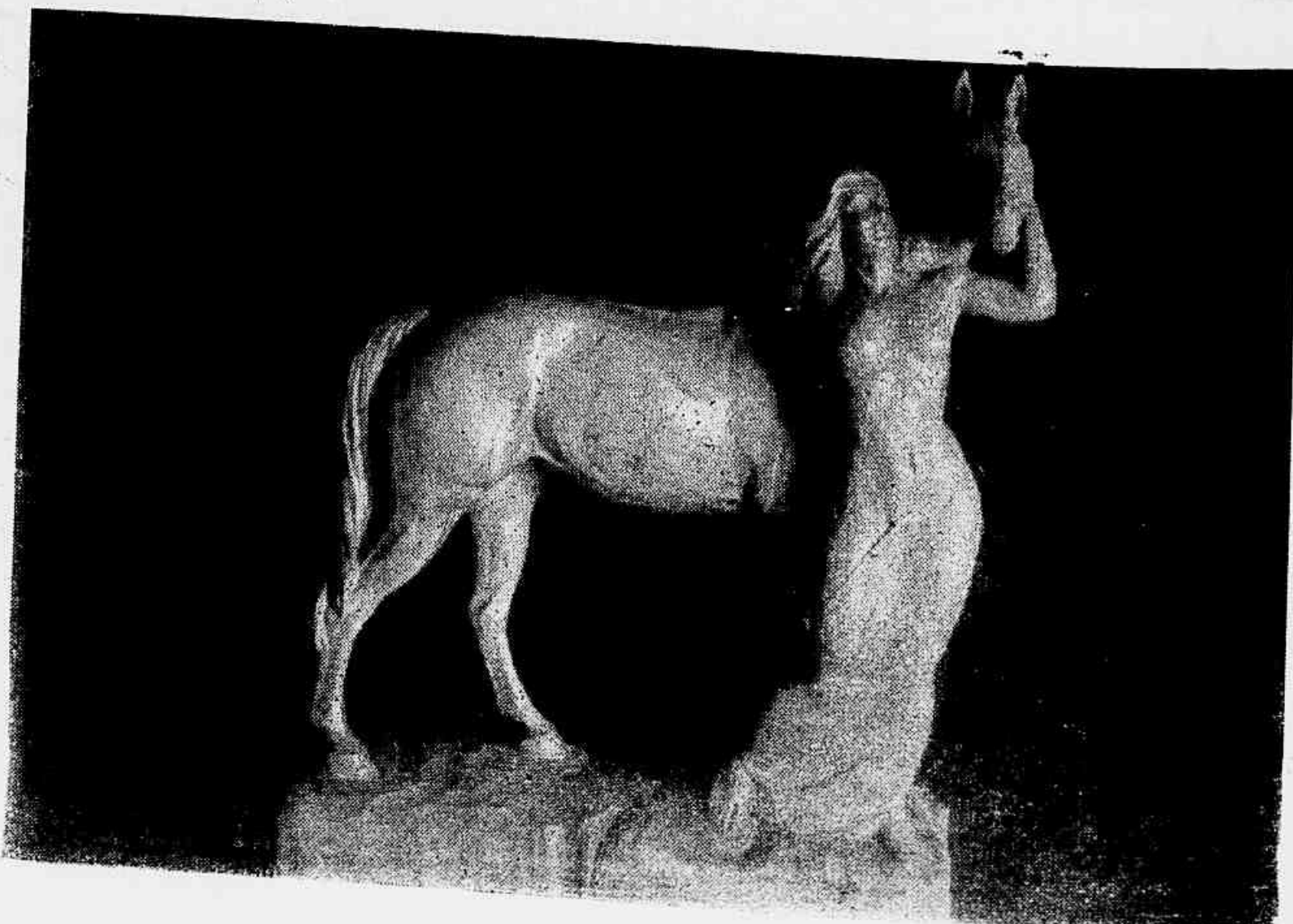
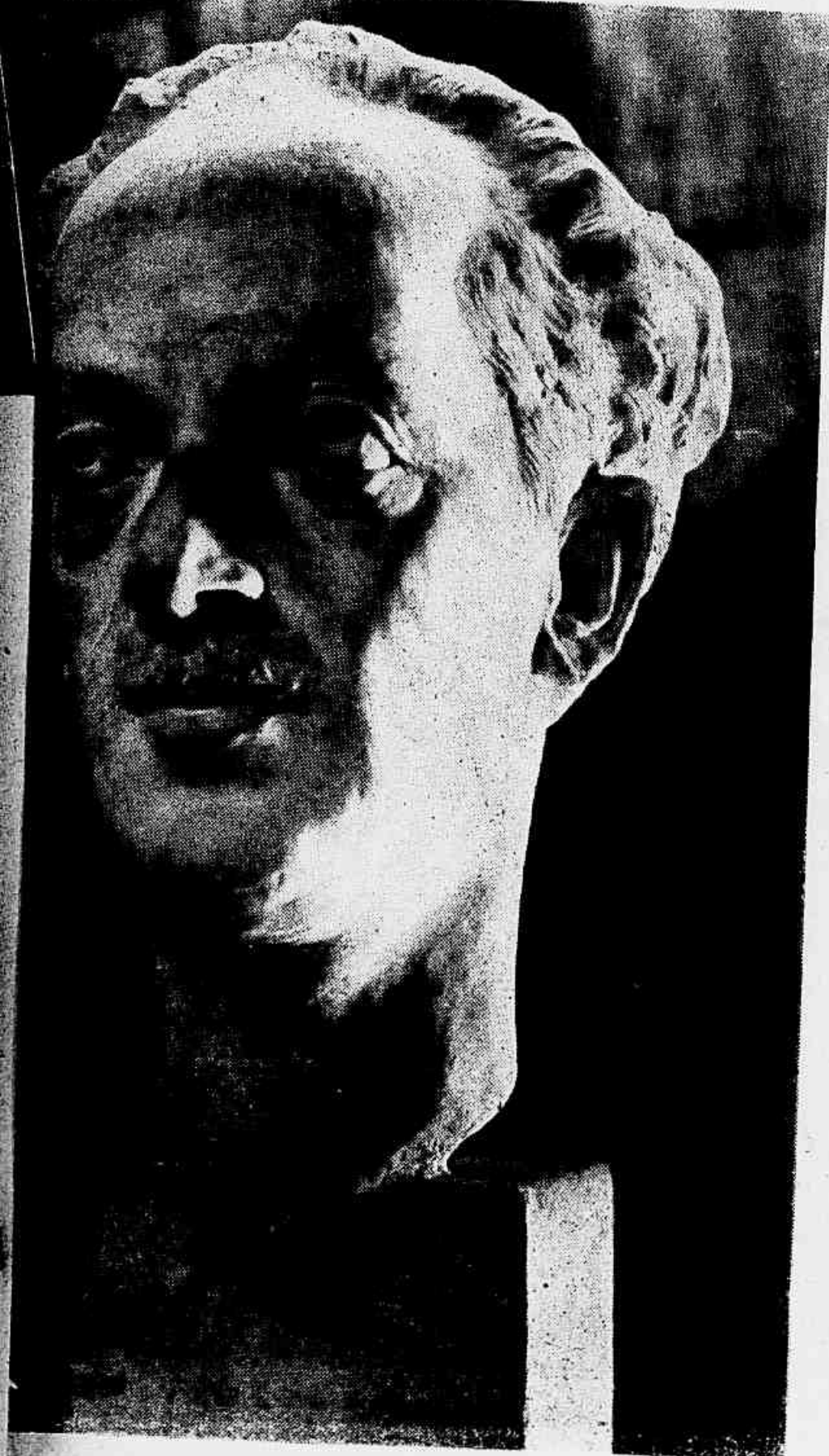


ARTES PLASTICAS

O Salão oficial de 1945, a abrir-se no dia 15 do corrente, apresentará ao público, além das obras de artistas já consagrados, muitos trabalhos de novos escultores e pintores, que revelam valores jovens das nossas artes plásticas. Nesta página apresentamos a cabeça do escultor Aristocher B. Meschessi, magnífico trabalho do jovem artista José Batista de Novais, que concorre ao Salão de 1945.

Ao alto, reprodução de "Pedras de Piabanha", óleo do pintor Manuel Faria, que também figura no Salão.

Em baixo e à direita, respectivamente, "Árabe" e "Minha filha", esculturas em madeira que aparecem na exposição de Erwin Feichmann, aberta na Escola Nacional de Belas Artes.

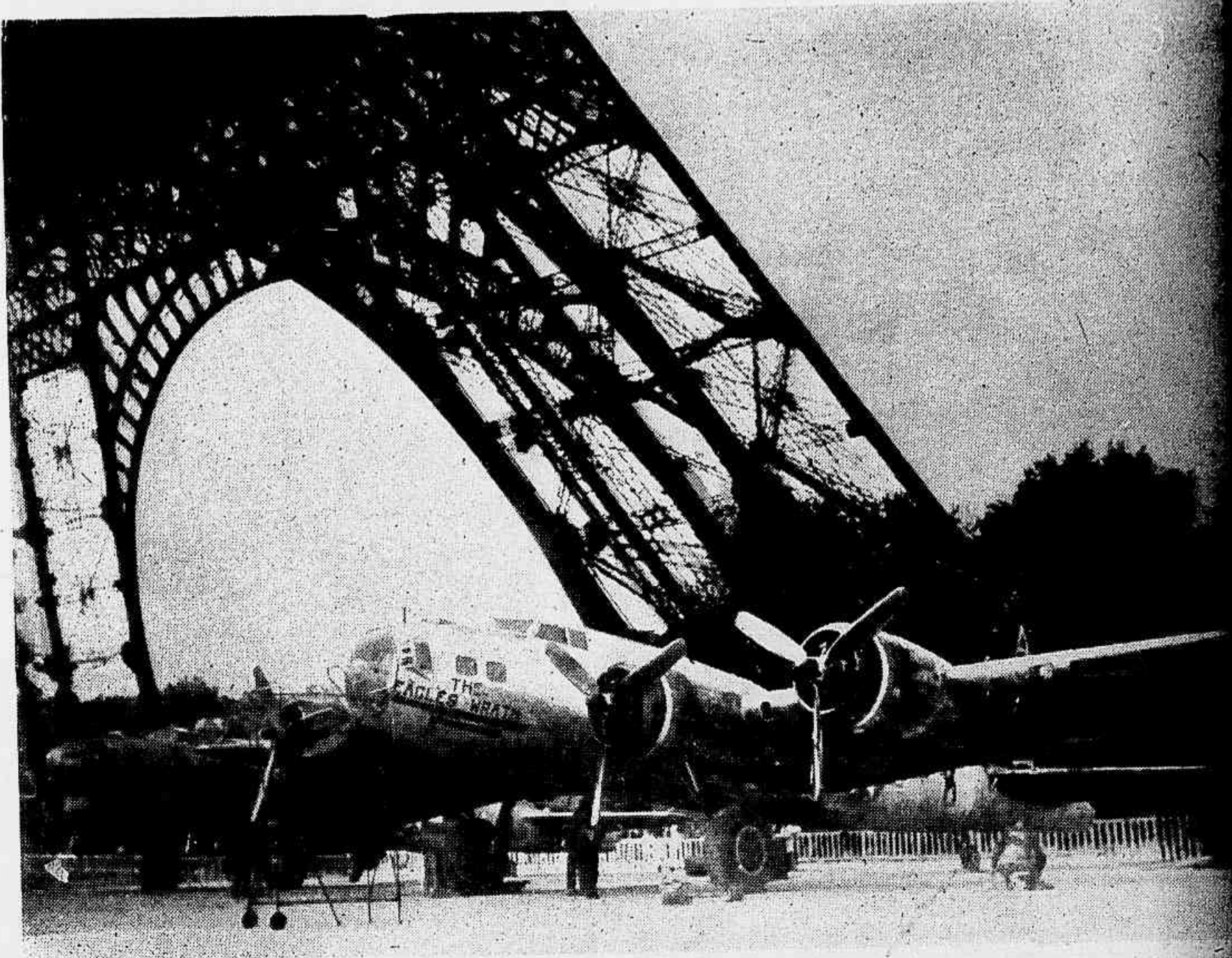


PARIS

Paris redimida, saída das trevas de um terror imenso que durante anos a fio pesou sobre a liberdade de seu povo e sobre a bravura de seus soldados, volta agora à vanguarda da civilização, iluminando novamente o mundo.

Quando, nos dias sangrentos de junho de 1940, os exércitos de Hitler marcharam em passo de ganso sob o Arco de Triunfo, as lágrimas vieram aos olhos dos velhos parisienses, cujos filhos traídos haviam tirado nas terras da Bélgica e nas areias de Dunquerque, rasgados pelas metralhadoras da infantaria nazista, estragados pelas granadas dos "Stukas" mergulhadores. E veio a vingança sórdida do prussiano selvagem, a "revanche" sinistra dos tiranos recalcados. Por toda a extensão dos Campos Elíseos, à sombra dos castanheiros por onde passaram Victor Hugo e Chopin, aterravam os aviões de caça da Alemanha hitlerista, numa afronta grosseira à honra da França e à dignidade do mundo. Pelas esquinas dos "boulevards", que ainda guardam memórias de Zola e Jaurès, os "junkers" prussianos comentavam em linguagem de caserna os sucessos das "panzer-divisions". O "black-out" plúmbeo de uma noite sem estrêla começou a pesar sobre a Cidade-Luz.

Hoje, no lugar mesmo onde aterraram os aviões nazistas, nos maravilhosos Campos Elíseos, abre-se aos parisienses uma exposição dos modelos de aviões de bombardeio e caça que venceram a Luftwaffe na Batalha da França. Nas fotos que aqui reproduzimos, vemos dois aspectos dessa exposição, podendo-se ainda notar o arco básico da Torre Eiffel.





Ele era tão descuidado...

— E cego, além de tudo — dizia o dr. Forster. — Nem parece ver que a mulher...

— Desculpe, meu bem.

— Francamente, David, não sei como é que você pode ser tão descuidado.

Ele ouvia em silêncio, sem protestar.

— O mais curioso — observou o dr. Forster numa roda de amigos — é que David não era assim. Ele nunca foi como o pai, é lógico: Frank Lawton era um dos maiores homens de negócios. David nunca deu para isso, mas daí até tornar-se um perfeito imbecil...

— Eu acho que você está exagerando, Forster.

— Exagerando? Você tem coragem de dizer que eu estou exagerando? Já se esqueceu de que ele não pode jogar bridge sem fazer todos os erros possíveis e imagináveis? E ainda por cima depois, ao levantar-se, derruba a mesa, desastrosamente? Já se esqueceu de que não pode tomar chá sem deixar cair a xícara? Já se esqueceu de que não pode fazer nada, absolutamente nada, sem enganar-se, sem errar, sem provocar uma catástrofe?

— Bem...

Mas era difícil fazer com que Forster parasse de falar.

— E, além de burro, cego. A mulher vai fugir com o outro. Eu fui preveni-lo. Sabe o que ele me disse? Disse: "Não acredite no que dizem as más línguas, doutor". E nisso havia, evidentemente, um insulto dirigido a mim, uma vez que eu também o digo. Mas não se pode zangar com ele: é o maior desastrado do século.

— Que negócio é esse de fuga? Kate vai abandonar David?

— Então você não sabia? Com Steve Connor dentro de casa, fazendo o que quer, man-

dando mais do que o marido? Eu não sei como David atura aquilo.

— Mas como é que você sabe que ela vai fugir com Steve?

— Vim a saber do caso por puro acaso. Um de meus clientes, que é banqueiro, informou-me de que Steve ia partir para as Bermudas.

— Você quer dizer que ele vai com a mulher de David?

— Sim.

— Mas baseado em que você afirma isso?

— Baseado no que me disse outro cliente, o dr. Fromley.

— Quem é esse?

— Dono da companhia de navegação. Eu, naturalmente, perguntei a ele se sabia que Steve ia num de seus navios. Ele disse que não era verdade. Eu não quis contradizê-lo, mas pedi para ver a lista de passageiros. E descobri: "Cabine 7 — Mr. e Mrs. Smith"...

— E' um nome comum.

— Mas ninguém me tira da cabeça que é para Steve Connor e Kate Lawton.

— Tolice.

— Pois não é. Eu fui falar com David, como disse. Sabe o que ele me respondeu?

— Imagino.

— Não. Não imagina, porque isso é inimaginável. Ele disse, muito calmamente, que sabia que Steve ia para as Bermudas com nome suposto e com uma mulher...

— Não era, com certeza, a mulher dele.

— Steve informara seu grande amigo, David, que era uma mulher atôa, que...

— Pronto. Está tudo esclarecido.

— Nada disso. Steve Connor disse-me, a mim, senhores, a mim que aqui estou, e esses

olhos que a terra há de comer quase arrebataram de tanto arregalar-se. Disse o Steve: "Vou-me embora com a mulher de David".

— "Você vai casar com ela", perguntei. Ele riu, cínico: "Casar, nada. Não quero que ela se divorcie. Vou divertir-me. Depois devolvo-a ao marido". Steve Connor não faz segredo disso.

— Mas não teme o marido?

— Quem teme David? Quando ele souber que Kate o abandonou, é capaz de começar a chorar feito uma criança, que como criança já ele está.

— Que coisa terrível!

O dr. Forster balançou a cabeça:

— Patética é o que é.

Todos sabiam que Forster era um mexeriqueiro, mas desta vez ele parecia ter provas do que afirmava. A festa de despedida de Steve foi muito concorrida. Foi David quem a ofereceu, em sua casa. Kate estava evidentemente nervosa. Falava alto de mais e ria sem razão. Forster suspirou e sacudiu os ombros.

— Afinal de contas, por que me inquietar com os problemas alheios?

Falara alta, e um dos convidados respondeu:

— E' isso, por que?

Forster abanou a cabeça, sem perceber a perversidade.

David organizava sempre um concurso, uma competição, durante suas festas, e não deixava de distribuir prêmios de grande valor. No dia da festa de Steve era um concurso de tiro. Um broche de diamantes era o prêmio para as damas; uma cigarreira de ouro o que o cavalheiro que melhor atirasse ganharia.

Steve ia ganhar o prêmio, não havia dúvida. Atirara seis vezes. As seis balas tinham atingido a mosca.

Ninguém reparou, a princípio, que David ia atirar com um revólver de marca antiga, coisa velha e feia.

— Cuidado, meus senhores: David vai atirar! — disse uma môça, com pretenso terror.

Os convidados, meio brincando, meio a sério, afastaram-se.

— Sabe-se lá que novo desastre ele vai causar.

David atirou. Todos os tiros foram longe do alvo.

Houve risos.

— Qual, David, você não dá mesmo para isso!

Era a voz de Steve.

David voltou-se sorridente. Mas se eu tivesse um alvo mais perto, assim como você, a essa distância, já sabe: click! E o revólver dispararia.

Dizendo isso ele puxou o gatilho, e a arma disparou.

Houve um grito.

David, muito surpreendido, murmurou:

— Desculpe, meu bem.

A velha desculpa que ele dava depois de fazer alguma coisa desastrosa.

★

O comentário da imprensa foi: "Um acidente lamentável. O descuidado mr. Lawton não reparou que o revólver que ele tomara para atirar tinha sete balas, em vez de seis. Uma brincadeira que teve fim trágico".

Todos se convenceram de que David era mais do que desastrado. Ele estava positivamente penitente:

— Que coisa horrível! Steve, meu melhor amigo.

Mas o dr. Forster vira a expressão de seus olhos no momento em que ele disparara. Um acidente? E se aquela fama de descuidado fôsse um plano, longamente premeditado, para justificar aquele último e mais terrível "acidente"? Na verdade, eis um mexerico que o dr. Forster não ousou fazer... Era perigoso.

PERDÃO, MEU BEM Conto de E. WALLACE

LILLI MARLENE, A CANÇÃO PRISIONEIRA

A HISTÓRIA DA MELODIA ALEMÃ QUE OS INGLÊSES CONHECERAM NOS CAMPOS DE PRISIONEIRO — UMA ORDEM QUE CHEGOU TARDE E UMA DECISÃO CURIOSA — O PROBLEMA DOS DIREITOS AUTORAIS E A COMISSÃO DE BENS INIMIGOS — AGORA, ELA CHEGOU AO BRASIL

NASCE UMA CANÇÃO!

As histórias são sempre curiosas, principalmente em se tratando de uma que diz referência a uma das mais populares canções destes últimos anos e que teve a prioridade de surgir nas horas tardias das noites sem lua, quando o sopro suave da brisa vinha amenisar o calor sufocante do solo africano.

Mas vamos à história... Era uma vez uma canção na marcha alemã que os próprios soldados do Afrik Korps cantavam à noite em torno dos fogos do acampamento. Pois, um dia, os "super-homens" do chamado Raposa do Deserto transformaram-se em "kriegsgefangene" (uma palavra comprida que quer dizer: prisioneiros de guerra), indo conhecer as amarguras de um campo de concentração aliado, onde ficaram à espera de que a paz voltasse a reinar entre os homens de boa vontade, sem contudo deixarem de cantar a melodia em aprêgo.

Os "tommys" do quinto e oitava exércitos britânicos, que rondavam em volta dos arames farpados, ouvindo os prisioneiros entoar a tal canção, logo se fizeram de amores pela mesma. "Lilli Marlene" — este o nome da canção — tor-

nou-se um "passo" de igual sucesso ao "Lambeth Walk" e ao "Tipperary", a ponto do Comando Britânico proibir que a dita fosse cantada. Era tarde, porém. Os americanos já a haviam transformado num endiabrado "fox-trot", e toda a Broadway cantava:

Underneath the lantern
by the barrack gate,
Darling I remember
the way you used to wait
T'was there that you
whispered tenderly,
That you lov'd me,
you'd always be,
My Lilli of the lamplight
MY OWN LILLI MARLENE.

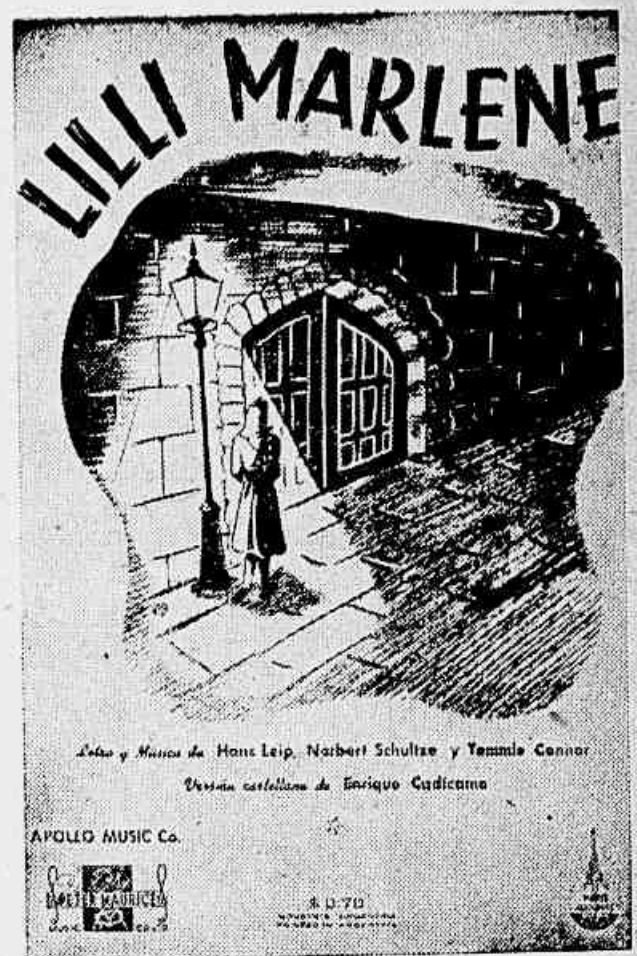
Orders came for sailing
somewhere over there,
All confined to barracks
was more than I could bear,
I knew you were waiting
in the street,
I heard your feet,
But could not meet,
My Lilli of the lamplight
MY OWN LILLI MARLENE.

Por ARMANDO MIGUEIS

Time would come for roll call
time for us to part,
Darling I'd caress you
and press you to my heart;
And there'neath that far
off lantern light,
I'd hold you tight,
we'd kiss "Good-night"
My Lilli of the lamplight
MY OWN LILLI MARLENE.

Resting in a billet
just behind the line,
Even tho' we're parted
your lips are close to mine
You wait where that lantern
softly gleams,
Your sweet face seems,
to haunt my dreams,
My Lilli of the lamplight
MY OWN LILLI MARLENE.

Só existia uma solução para o Estado Maior Aliado: fazê-la prisioneira. E com isto começou uma nova era para a prisioneira "Lilli Marlene". Do deserto africano, onde sua popularidade se fez entre o roncar do canhão e a nostalgia dos campos de concentração, ela alçou vôo, indo provocar os londrinos e demais sú-



ditos britânicos e despertando o interesse das editoras musicais, mas...

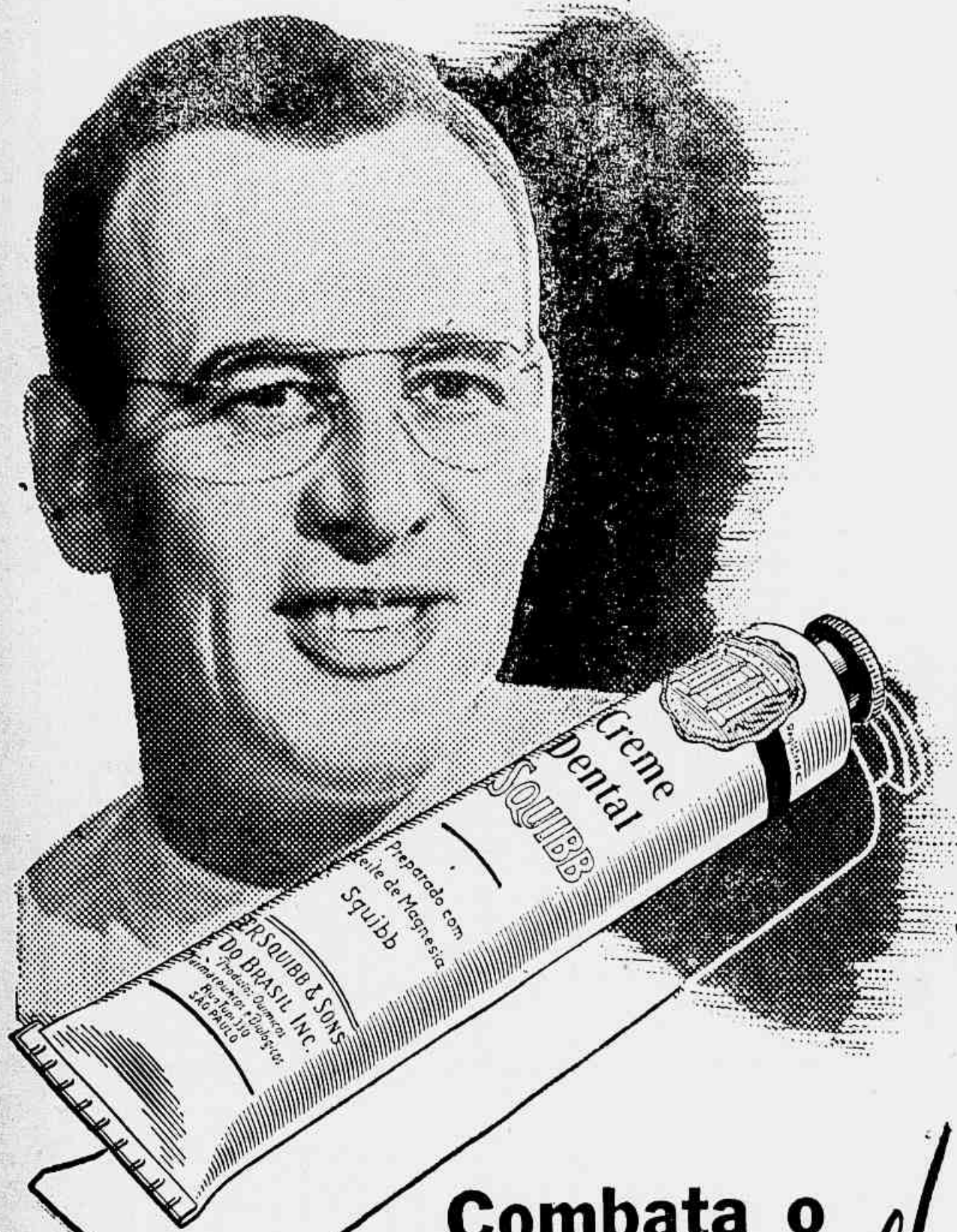
O PROBLEMA DOS DIREITOS AUTORAIS

A canção prisioneira tinha um autor, embora o mesmo fosse de raça ariana. Como tal, não era justo que seus direitos autorais fossem sonegados. Cuidou-se então de resolver o problema, chegando-se à solução de que os direitos seriam recolhidos à Comissão de Bens Inimigos.

"Lilli Marlene", que chegara a ser impressa pelos estabelecimentos "Apolo Music" de Berlim, apareceu no país de Churchill, numa edição da "Editorial Peter

(Continua na pág. 47)





Combata o

Inimigo Invisível!

O mais traiçoeiro dos inimigos dos seus dentes não é visível. É a acidez bucal de origem bacteriana. Esse "Inimigo Invisível", que age noite e dia, secretamente, pode atacar o esmalte dos seus dentes e causar cáries. Para auxiliar no combate à acidez de origem bacteriana, você deve limpar os dentes pelo menos duas vezes por dia. Mas faça questão de usar o dentifrício certo — o Creme Dental

Squibb! Squibb não é um dentifrício comum. Contém Leite de Magnésia — ingrediente cujo contato concorre para a neutralização dos ácidos.

E o Creme Dental Squibb é delicioso, estimulante. Uma agradável sensação de frescor invade a boca, o paladar se renova. É um prazer combater o "Inimigo Invisível" com o Creme Dental Squibb. Adquira hoje esse hábito saudável.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

Livros

Mãe, sonetos de Afonso Lopes de Almeida — Rio de Janeiro.

Dona Júlia Lopes de Almeida teve um destino todo de beleza e esplendor. As flores da vida estavam, de longe, à sua espera: cercaram-lhe o berço; adornaram-lhe os primeiros sorrisos; perfumaram-lhe os primeiros sonhos. Filha dum varão à antiga magnânimo e insigne, a quem o Império consagrou com o título de Visconde de São Vicente, Júlia Lopes, pouco além de criança ainda, engrandeceu com um livro o próprio nome. Os *Contos infantis*, adotados nas escolas e tirantes em várias edições, a tornaram admirada pela inteligência de muitos mestres, amada por incontáveis corações de criança. Sempre a graça e o fulgor. Outras páginas: de romance, novela, crônica de teatro, educação cívica, lições do amor e do culto da terra a iriam tornando cada vez mais formosa e ditosamente ilustre. Casou e em um poeta. Consórcio absoluto e para todo o sempre, como o significou, entre outros hexâmetros de paixão eterna, a quadra tão famosa:

*As nossas almas já
Se uniram de tal sorte
Que nem a própria morte
No-las desunirá.*

Também o primogênito veio ao mundo poeta. Foi este Afonso Lopes de Almeida que nos dá hoje o livro *Mãe*, todo de louvores acrisolados, religiosos. Já muito antes, na primeira mocidade, ele impregnara de filial devoção os quatorze versos que vieram servir de pórtico ao templo agora construído:

*Aqui minha alma cheia vêm pulsando
De sonhos, cheia de poesia, cheia
Como as águas do mar, que pela areia
Vão as línguidas ondas espraçando.*

*Sentes aqui, onde o meu ser que anseia
Fui em versos e lágrimas vasando,
Minha alma em cada verso latejando
Como o sangue lateja em cada veia!*

*Eis porém que a teus pés todo me humilho
Baixa os olhos de Mãe para o teu filho:
Que esse olhar me console e me bendiga.*

*Todo me envolva num astral fulgor,
Minha Mãe, minha Mãe, minha Mãe,
Tres vezes minha Mãe, do meu amor.*



Dona Júlia faleceu no mais lindo, embora tão triste, dia que o mez de Maio já trouxe a esta cidade. E no dia seguinte, a bem dizer, Filinto de Almeida, cantor inspirado e nobre artista, principiava a compor o livro-elegia a que lhe havia de dar o nome. Ai se encontra a joia peregrina de sentimento e valor, qualificada por Alberto de Oliveira — depois de *Alma minha* de Camões, e de *Foi-se-me pouco a pouco amolecendo*, de João de Deus — o terceiro soneto de amor viúvo na língua portuguesa. Mas Dona Júlia continuava em plena vida e radiosamente. Sua filha Margarida, com dedos de místico enternecimento, lhe passou a figura, em tudo fidalga, para o bronze que está no Pantheon feito de árvores do Passeio Público. E justamente um dos livros de Júlia Lopes de Almeida se intitula *Árvore*. ... Aqui temos agora, joias de amor órfão, os sonetos *Mãe*. Em setenta dessas gemas de poesia reluz em safira, topázio, esmeralda ou diamante a mesma exaltação, como cintila em ametista pura a mesma saudade. Nenhuma delas deixa de traduzir uma sensibilidade extrema em correspondência com um alto talento. Quer nos versos criados antes quer nos realizados depois da partida daquela que entre os vivos sempre ficaria, o filho se mostra bem legitimamente senhor da herança augusta de inteligência e emotividade. Como escolher entre estas páginas? Abinós o livro ao acaso. Saindo a intitulada *Os órfãos*:

*Tu, que gêmeas perdido no caminho;
Tu, que páras e hesitas, com receio;
E tu, que acabrunhado vais sózinho,
Cheio de trevas, de incertezas cheio,*

*Ouvi: meu coração é como um ninho!
Vinde a mim, abrigai-vos no meu seio!
Quero aquecer ao seu calor, vizinho
Ao meu supremo bem, o mal alheio!*

*Ajuda, Mãe, teu filho a dar consolo
Aos que nunca dormiram, pequeninos,
No tépido aconchego do teu colo!*

*E aos que encarando a vida com assombro,
Na hora da dor terrível — são destinos —
Homens, nunca choraram no teu ombro!*

DO FUNDO DO VALE UMA VOZ CANTOU, versos de Rodolfo Neves — Rio de Janeiro, 1945.

A voz augusta que vem do fundo do vale imaginado pelo Sr. Rodolfo Neves começa entoando uma série de sonetos. Poderiam estes ser realmente musicados e orquestrados, como fez Alberto Nepomuceno aos de Orlando Teixeira. Trazem já consigo cativante sonoridade. Em alguns é lúgubre a ideia, mas sempre a fôrma lhes vale e os dois elementos se fundem em harmonia. Figura entre esses sonetos o intitulado *Super-homem* de acentos trágicos, dolorosíssimos, que afinal se convertem em notas de hino a um possível Messias vitorioso:

*Por entre desesperos e gemidos
A vida corre como um furacão!
— Os desesperos não serão vencidos!
— As dores não desaparecerão!*

*Os braços para o céu surgem erguidos,
Erguidos todos a pedir perdão;
Caem prostrados os que estão feridos,
Beijando a terra com a fronteão!*

Novos

*E a vida vai, em lances sucessivos,
Nessa obstinação dos séres vivos
Do mal que se levanta contra o bem?*

*Se alguém vencer esse peder profundo,
Será um homem sem igual no mundo:
— O próprio mundo dominou também!*

De certa ária em diante, a voz canora lastima as desigualdades do mundo e, com especial insistência, os contrastes da riqueza ociosa e gozadora perto da pobreza que labuta e desespera. De repente vieram-nos à lembrança os versos do Alencar das *Maíãs* na recita de caridade:

*...que eu veja dum lado a fome
e do outro a indigestão!*

Em verdade, bastante mudaram as coisas entre aqueles tempos e os que vão correndo... Hoje em dia, os ricos em geral trabalham como mouros, sob a ameaça de perder o que têm, enquanto os chamados pobres vão conquistando dias ou semanas de menos "horas" e ganhos mais avultados. Os poetas, porém, não se dão por socialmente satisfeitos. Continuam a defender com extrema exaltação a causa do operário mal remunerado; e no arroubo combatente chegam a esquecer-se de si mesmos — pois, se os versejadores houvessem de viver do seu trabalho, por mais nobre e esforçado que este fosse, deixariam simplesmente de viver, isto é: morreriam de fome; e até as obras nascidas do seu gênio, sem eles que as imprimir à própria custa. Mas o seu desinteresse material atinge a sua limitação. Contentam-se com a glória ou aquilo que assim se lhes afigura. Eles, sim, é que pouco mudaram do cantor da *Flor de Martirio* até à presente data. E é sem as rimas grotescas de Alencar, mas com o seu sentimento inflamado, e agora um tanto antiquado, de justiça, que a voz inspiradora do presente livro ressoa em numerosas páginas como nesta que se intitula *De um dos lados do rio*:

*O rio passa corlando
A cidade em dois pedaços...*

Na distancia de dois passos!

*Eu fico sempre pensando,
Numa intima tortura,
No que vejo dos dois lados:*

*— Aqui somente fartura;
Maravilhas de outros mundos;
E palácios encantados;
E mulheres seminuas!*

*— Ali, a lama das ruas;
E famílias mal vestidas;
E meninos vagabundos
Entre mulheres perdidas!*

*O rio passa corlando
A cidade em dois pedaços...*

...Na distancia de dois passos!

VIOLA QUEBRADA, versos regionais de Camillo de Jesus Lima — Editora Combate — Bahia, 1945.

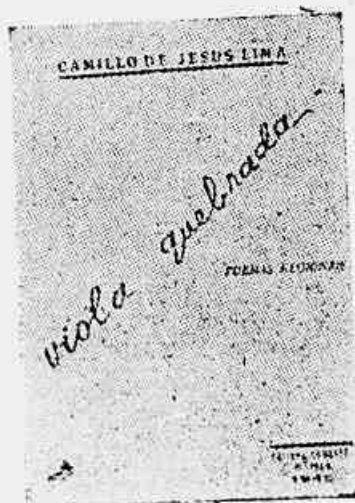
Os amigos do Sr. Camillo de Jesus Lima, que resolveram publicar em livro as suas obras dispersas e já, em cumprimento desse programa, nos deram os *Poemas* e os *Novos Poemas*, agora nos oferecem a "Viola quebrada". Trata-se, desta vez, de composições do gênero regional, e certamente algumas das quais, se não todas, inspiradas pela "tabaroinha morena de olhos de conta", a quem o poeta faz tão sentida dedicatória. O discípulo apaixonado da escola parnasiana que é o Sr. Jesus Lima com a mesma sinceridade ardente cultiva a maneira sertaneja de versejar. Nas suas redondilhas se multiplicam as imagens de amor, de ciúme, de festa e de melancolia, tais como, abraçado à viola, as improvisaria o mais bem dotado cantor daquelas paragens. E as páginas presentes se comparam, por todos os títulos às mais sugestivas do Sr. Catulo da Paixão Cearense que também, e entre muitas outras pessoas, figura nas dedicatórias do presente livro.

O título *Viola quebrada* vem da primeira poesia. Conta esta o caso do Macambira que, tendo fugido dos horrores da seca, chegou, só com a sua viola, a certa localidade, onde o representante policial, irritado com a cantoria, lhe despedaçou o rústico e dulcuro instrumento. Macambira desata em protestos e queixumes, com os quais — o formato não é grande — enche quatorze páginas; notando, porém que o outro, arrependido, limpa uma lágrima, muda o tabaréu de sentimento a seu respeito e por fim até lhe agradece a brutalidade:

*Não chora, qui eu guardo os cacos
Pra amô e querê bem.
Coisa miô pode havê
Do qui a gente podê lê
O qui leve e já não tem?*

*Deus qui pague anê, seu miço,
Sua raiva e crueldade.
Meu patrão, cime: quebrô
Minhi vidô, meu amô,
— Uma violô de verdade.
Mas comigo anê deixou
A lei qui não morre nunca.*

*Qui estê cômigo na corô,
Sempre cheia de bôntade
Tô qui ninguém quebra,
Félica qui não embre,
Pelo nome de cidade!*



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



**Não canse os braços,
use Brasso!**



A. W. I.

No toucador...



Após o banho
Dê à sua cutis
uma agradável
sensação de
frescor, com
uma leve fric-
ção de Água de
Flórida. Perfu-
mada, desodorante, antissética e esti-
mulante da circulação sub-cutânea,
Água de Flórida mantém a pele fres-
ca e perfumada o dia todo... A venda
em todas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA



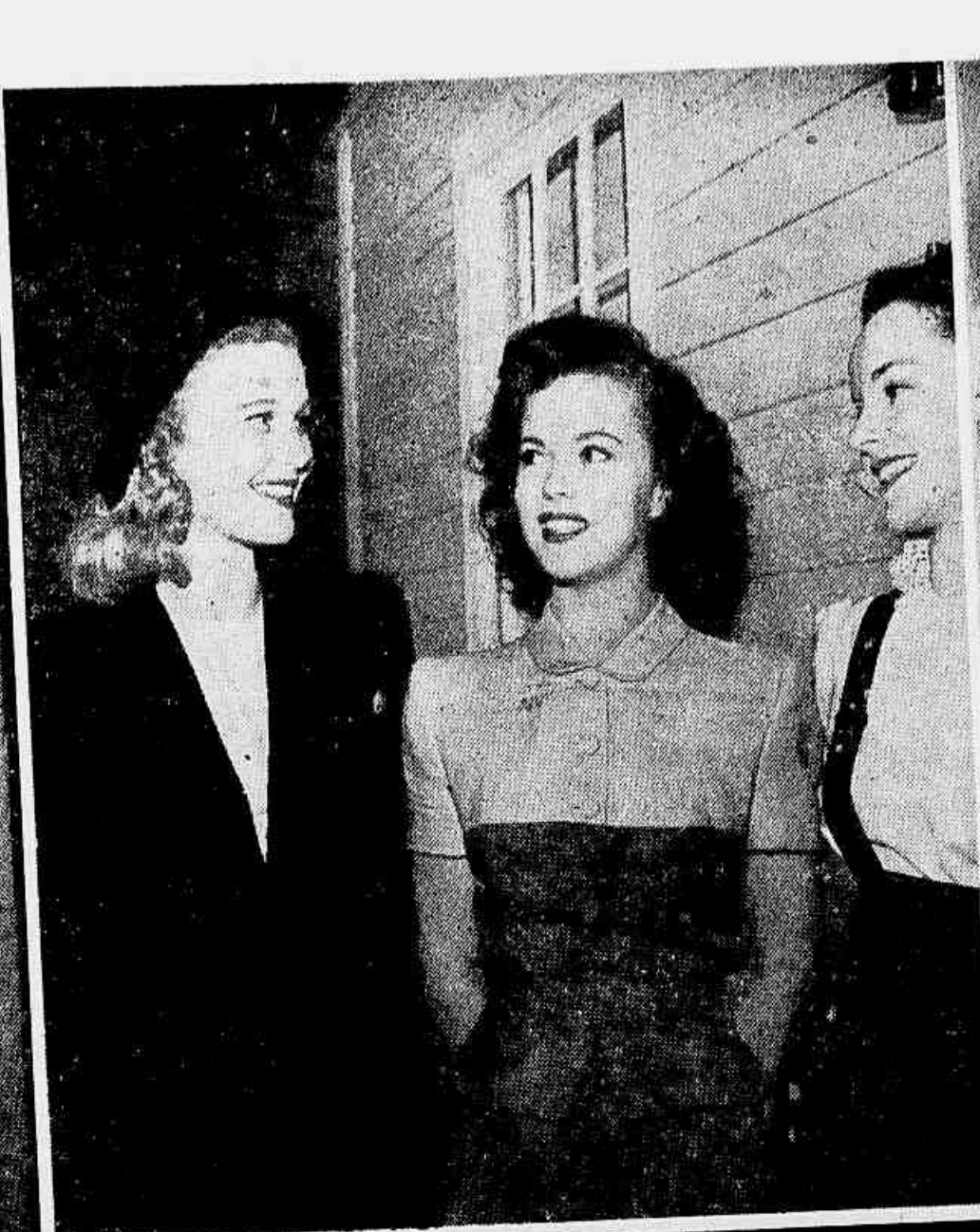


Evita Muñoz, pequena "estrela" do cinema do México, em companhia de Margaret O'Brien, da Metro, durante o encontro de ambas em Hollywood. A garotinha americana ofereceu um almoço à sua colega mexicana e discutiram, por algum tempo, modas infantis, predileções de alimentação, as melhores marcas de bonbons, etc. Evita acabou convidando Margaret a visitá-la em seu país natal, para lhe retribuir as homenagens.

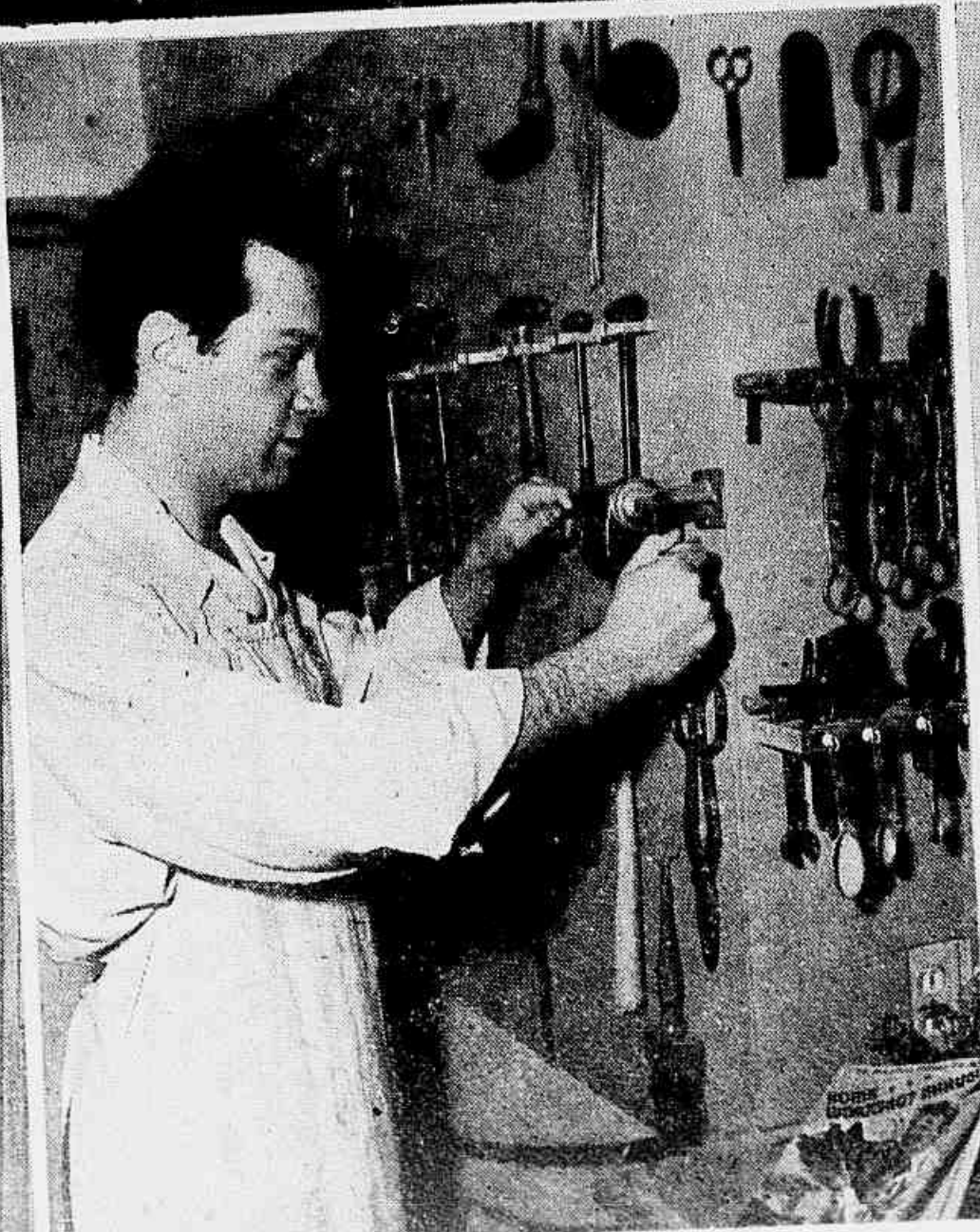
Aqui está a filhinha do Cidadão Kane, no colo de sua bonita mamãezinha. Chama-se Rebeca, e Rita Hayworth sente-se a mais feliz das mulheres e a artista mais querida... do marido. Orson Welles, o rotundo e simpático cineasta, "double" de escritor, do "radioman" e de outras atividades, está preocupado, desde agora, com o futuro da "mulherzinha inesquecível"...

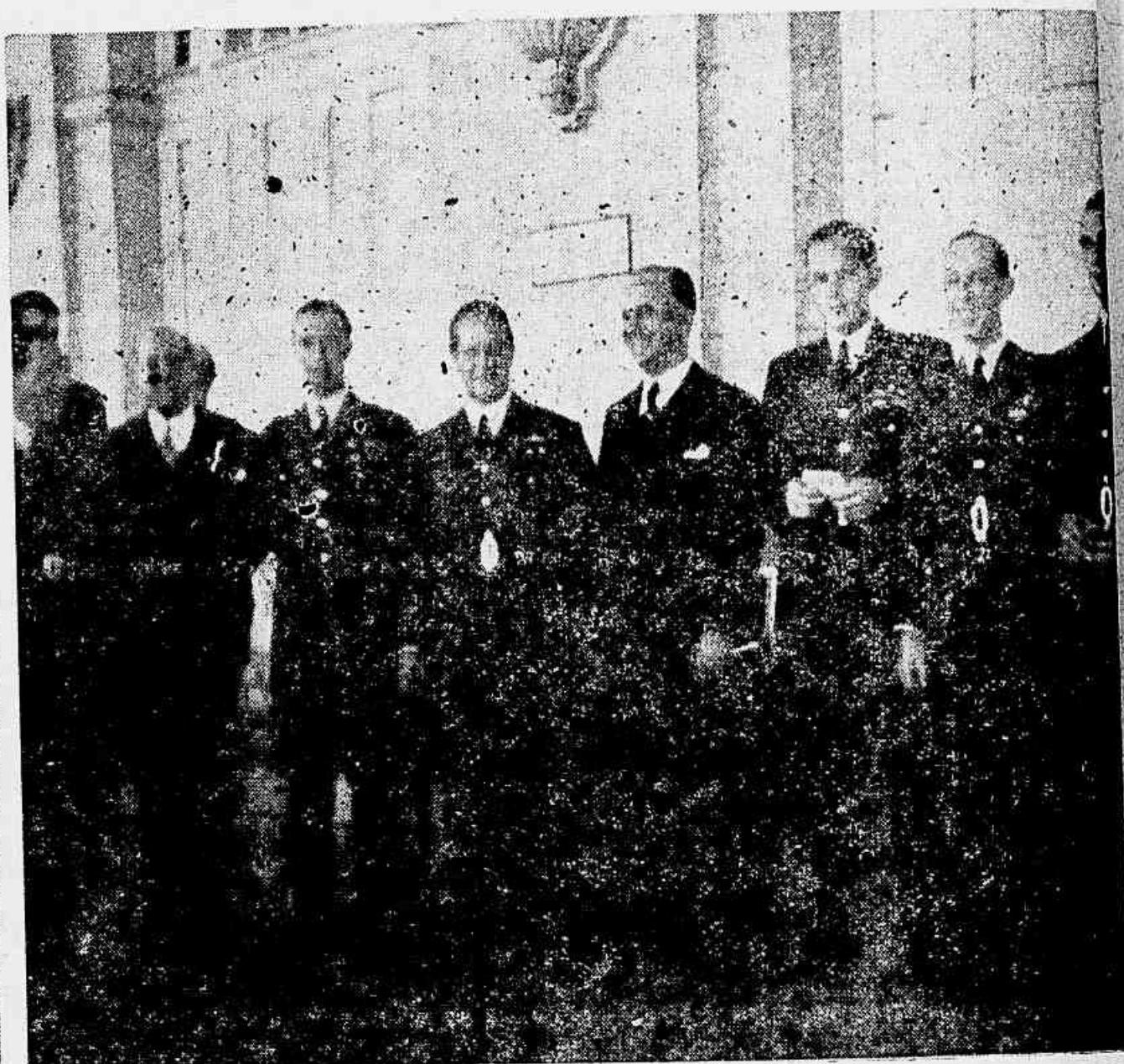


Na página em frente, da esquerda para a direita e de cima para baixo: 1) Jean Arthur beija Charles Coburn, depois de havê-lo "condecorado" com a medalha que o Comitê Nacional do Dia do Pai lhe conferiu por julgá-lo "o mais perfeito pai do cinema". 2-3) As três mais populares intérpretes de "Kiss and Tell": Shirley, detentora do papel no cinema, ladeada por Joan Caulfield e Janet Waldo, que fizeram o mesmo papel no teatro e no rádio. 4) Cornel Wilde, que fez Chopin em "A noite sonhamos", recebe lições de arco-e-flecha para posar "O Filho de Robin Hood". 5) Lee Bowman, auxiliado por Leslie Brooks, pintando brinquedos velhos para as crianças pobres, no Natal. 6) Charles Vidor explica a Irene Dunne e Alexander Knox um momento mais romântico de "Passaram-se os anos". 7) Rita Hayworth com o guarda-chuva borrifado de água, para fingir chuva, pois a chuva autêntica não é "fotogênica". 8) Alfred Drake, protagonista de "Três semanas de amor", com Janet, nos intervalos de filmagem banca o mecânico e quebra tudo! 9) Phil Harris e Leslie Brooks atarefados na confecção de sapatinhos e agasalhos para um bebê que ela e Tony Shay, seu marido, esperam receber da Cegonha, em novembro...



A REVISTA EM HOLLYWOOD





Jockey Club Mundano

O ministro Salgado Filho ao desembarcar no Aeroporto Santos Dumont, de regresso de Londres, foi recebido por grande número de amigos, entre os quais se notavam todos os membros da diretoria do Jockey Club Brasileiro, que levaram as boas vindas ao seu presidente, logo ao se dar sua chegada ao Brasil. No Hipódromo da Gávea, foi o titular da Aeronáutica homenageado pelos seus companheiros de diretoria, tendo-se essa manifestação de apreço extendido também à sua exma. senhora. Fixamos nesta página alguns aspectos dessas homenagens.



**KOLYNOS
REALÇA**

**TODA A
SIMPATIA
DE UM
SORRISO!...**



PORQUÊ DA' BRILHO e LIMPA os DENTES!

Um sorriso simpático é fator de vitória... e Kolynos comprova esta afirmação. Kolynos é um creme dental que garante a beleza de seu sorriso e a perfeita higiene da boca. O brilho, a saúde, a fortaleza de seus dentes podem ser mantidos com o auxílio de um creme dental completo, como é Kolynos. A homogeneidade da sua

composição oferece a quem o usa o mesmo sabor agradável e os mesmos efeitos benéficos até o fim do tubo.

Basta um centímetro de Kolynos na escova seca para limpar bem os dentes, protegendo-os contra as bactérias resultantes da fermentação dos alimentos. Kolynos custa muito menos e dura muito mais.



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

**REALCE a simpatia
de seu sorriso
usando o CREME
DENTAL
ANTISSÉTICO!**

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".

Os Distúrbios Glandulares na Mulher e o seu Tratamento Moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher.

Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é **PANSEXOL "F"**. Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado

do com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. **PANSEXOL "F-MININO"** encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO
Remetemos, pelo Reembolso postal
Cr\$ 25,00 o vidro
Produtos Panvital - Rua da Estrela, 6
RIO DE JANEIRO



DIAGNÓSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
Exames de sangue, escarro e fezes. Vacinas autógenas
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
Rua São José, 85, 4.º andar Salas 405-406
(Edifício Candelária) — Fone 22-2717

Este pesadelo não tem fim?

Pratos e panelas não dão sossego à dona de casa... Que trabalho enjoado! Ainda bem que, agora, as coisas melhoraram. Também na pia o Sabão Minerva está fazendo maravilhas, eliminando a gordura, removendo a fuligem e deixando as louças e panelas, num instante, clareadas e limpinhas! No tanque ou na pia Minerva é sempre o mesmo sabão de confiança, que não

empedra, nem esfarea, e custa pouco porque rende m-u-i-t-o mais! Ao comprar Sabão Minerva, procure no carimbo o retrato de Dona Minervina — a Lavadeira Feliz!



DONA MINERVINA AFIRMA:

Lava mais!

O Sabão Minerva lava três dúzias de roupa enquanto outros lavam apenas duas.

Elimina os germes!

Indicado especialmente, portanto, para asroupinhas do bebê!

Rende até o fim!

Porque não empedra nem esfarea e é o mesmo sabão de confiança até o último pedacinho!



Sabão MINERVA sai barato porque protege o que lhe é caro!

ESPORTES

O VERDADEIRO SENTIDO

A policultura esportiva já não é mais um mito no desenvolvimento das atividades especializadas nos principais centros. Está claro que nenhuma modalidade conseguiu tamanha atração de espetáculo para as grandes massas como registra o futebol.

Porém o que mais interessa no plano normal do desenvolvimento físico da nova geração não é ser "esportista" por assistir somente aos jogos. O objetivo é o "esportista" na verdadeira acepção da palavra praticar e apoiar com a sua presença as competições dos esportes que aprecia.

Num rápido exame pelas colunas dos jornais se verificará a amplitude do movimento contínuo que já atingiram o hipismo, o atletismo, a natação, o basquete, o tênis de mesa, o iatismo, o tênis, o vôlei, o tiro e outras tantas modalidades.

Nestes esportes o número de praticantes se multiplica dia a dia, graças a uma orientação técnica bem dirigida no sentido de um aprimoramento ascendente no gráfico das possibilidades humanas de melhoria de tempos, distâncias e padrões de jôgo.

O que se torna necessário é um trabalho de doutrinação, para fazer sentir às grandes assistências do futebol que é preciso, além de assistir aos jogos, praticá-los também, para sentir como é fácil criticar os atletas, a todo instante, do ângulo de uma arquibancada, aonde o único esforço físico que se realiza é conseguir permanecer de pé durante horas no meio de uma multidão mal acomodada.

Levy Kleiman



C I N E M A

A propósito de "Vidas Solidárias"

O lançamento de um filme nacional constitui sempre motivo de animadas controvérsias. Se o ambiente não andasse de tal maneira conturbado com a agitação política, o simples fato de ser levado à tela uma desprestigiada produção cinematográfica feita dentro das nossas fronteiras, seria bastante para agitar os elementos e provocar um temporalzinho bem razoável. A turma é francamente do barulho, da contradição, não sendo nada fácil encontrar duas opiniões conciliatórias. No caso, pode aplicar-se "el cuento" daquela canção de Tito Guizar: "Yo digo que sí, me dicen que no". Se alguém afirmar, numa rodinha de família ou de botequim, que o filme da Atlantida, afinal de contas, "é bem passável", na certa surgem dois ou três interlocutores rebatendo e afirmando que "é uma droga". Mas, se apregoar o contrário, é também inversa a opinião da parte contrária. Cinema, no Brasil, parece quase só existir para justificar o velho "slogan" do "eu sou do contra". Os próprios comentaristas de jornal divergem e, não raro, utilizam a seu favor, hoje pró, amanhã contra, os mesmos argumentos que das vezes anteriores terão jogado para o tabuleiro da discussão. Quem vai ao cinema, em geral, procura um divertimento e, ao abandonar o recinto de projeção, não quer mais pensar no filme assistido. Isso, porém, quando o filme procede de qualquer parte do mundo, porque sendo feito no Brasil cada espectador é um crítico improvisado, julgando-se o mais autorizado, competente e imparcial. Sua imparcialidade situa-se quase sempre no terreno "do outro lado". Não foi um brasileiro, mas um norte-americano, nosso amigo, quem levou a efeito, nesse particular, a mais interessante experiência. Anunciado um filme nacional, começou por não o assistir. Mas quando lhe perguntaram se o tinha visto e se gostara, respondeu afirmativamente. Foi um Deus nos acuda! Só encontrou quem o rebatesse. Quando, porém, horas mais tarde, em outro grupo, lhe repetiram a pergunta, emitiu então um conceito desfavorável. P'ra quê! Dessa vez quase foi atômica e arrasado. E depois, quantas vezes lhe indagavam se havia gostado de tal filme brasileiro, repelia-se o ataque. De nada valia pender para a esquerda ou para a direita, porque os interlocutores eram sistematicamente "do contra", do lado oposto à sua opinião. Resultado: nosso amigo norte-americano escreveu uma crônica para certa publicação "yankee", na qual assegurava, até certo ponto com inteira justiça, que o maior inimigo do cinema brasileiro... é justamente o brasileiro.

★

Essa arenga vem a propósito do filme número oito estreado pela "Atlantida". Com todos os defeitos originários das deficiências de ordem técnica do nosso cinema, sem capital vultoso, sem bons laboratórios e tendo até, nestes últimos tempos, que enfrentar o impasse maior do racionamento de filme-virgem, "Vidas Solidárias" foi um passo adiante na produção dos estúdios da rua Visconde do Rio Branco. Não adianta dizer que tenha sido bom, porque logo encontraremos quem rebata a afirmativa, mas também seria perigoso afirmar o contrário. Para resolver o assunto da melhor maneira, aqui fica um alvitre: ninguém mais faz crítica ao filme nacional. Quando um dêles for estreado, fica estabelecido que cada brasileiro irá assisti-lo e guardará, para si mesmo, o conceito e as conclusões críticas a que tiver chegado. Serve assim?

Pelo menos os renitentes vão deixar o dinheiro na bilheteria, e isso é o que mais interessa aos produtores do filme. — C.

Mario Brasini em "Vidas Solidárias"



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILIMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - 5.º. And.

Nome

Rua

Cidade

R S

Feliz
Descoberta
ANTISARDINA
creme miraculoso

LABORATORIO
ANTISARDINA

Caixa Postal, 80
CURITIBA - PARANÁ



Senhores:

Em sinal de gratidão pelos benefícios que obtive com o uso de ANTISARDINA, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a ANTISARDINA que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

(a.) Ivopete Jacyra Nascimento
(Firma reconhecida)

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flach, 163-Blo. T. 29-2840
ÓLEO — LOÇÃO



CRÈME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

Mmes. EVA e SYLVIA

(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
no seu Instituto de Beleza
Rua Ouvidor, 138, 1.º — Tel. 42-8774
— Insc. S. N. F. M. —

**O primeiro
sabonete do bebê**

*deve ser o primeiro
em Pureza e
Qualidade*

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



*Sabonete
de Reuter*

I-A

SR-1



Frances Gifford, da Metro, toda em branco e preto, nos oferece, com o seu belo sorriso, um modelo bem interessante. Observem o talho gracioso da jaqueta listrada de negro e arrematada com pequenos botões pretos.

PREFIRA
AGUA DE COLÔNIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLÔNIA CLÁSSICA

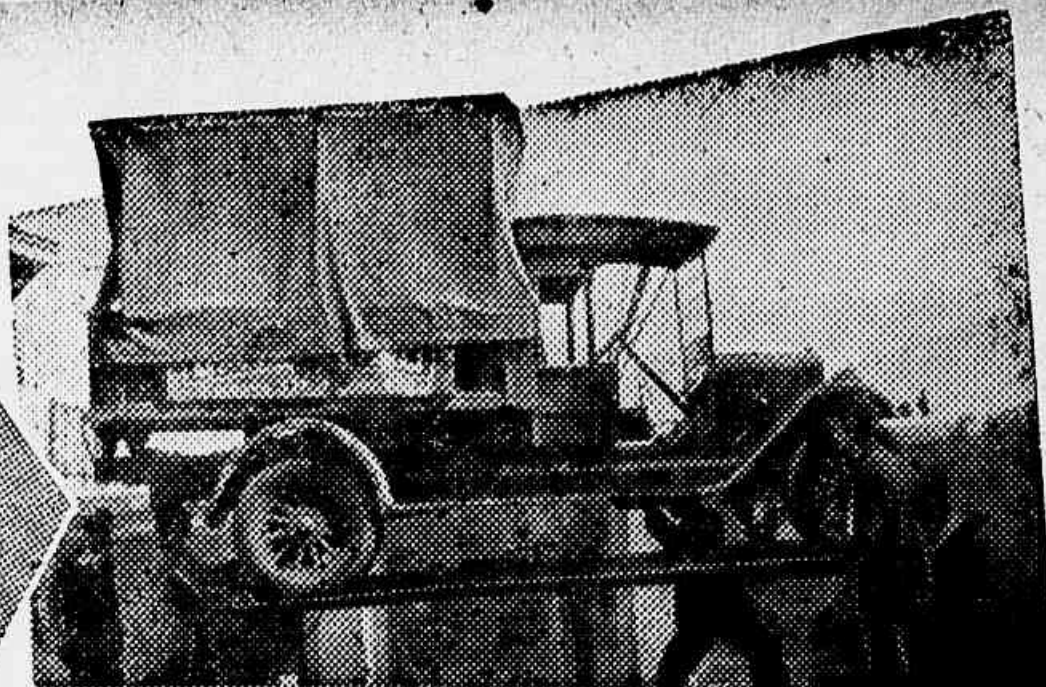


AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER

Esso SUPRINDO PETROLEO AO BRASIL

Em '28 este era o melhor equipamento existente no país



Antes da guerra, cada ano a indústria automobilística enchia os jornais com os anúncios de seus novos modelos e aperfeiçoamentos. Assim é que chegamos dos carros-vovós, cuja "velocidade" máxima exigia do motor apenas 400 rotações por minuto, aos carros modernos cujo motor tem de dar 4.000 rotações p.m., para atender às alucinantes velocidades da nossa época. É lógico que, com 400 rotações p.m., um motor era bastante menos exigente em lubrificação do que os modernos motores de 4.000 rotações. Antigamente, o equipamento para lubrificação era mínimo e os pontos a lubrificar eram poucos, meia duzia se tanto.

funções exigiram novos lubrificantes. Novos lubrificantes significam, por sua vez, novos métodos e novo equipamento de produção, bem como novo e custoso equipamento nos Postos de Serviço.

Para a pesquisa dos lubrificantes adequados a essas novas funções, é preciso ter um enorme exército de químicos, como o que a Organização Esso possui. E para proporcionar esses lubrificantes aos veículos que deles precisem, é necessário ter um adequado serviço de distribuição, que abranja o país inteiro. Esse serviço é o que colocamos à sua disposição, em qualquer ponto do Brasil, por intermédio dos Postos de Serviço e Revendedores Esso.

Agora, porém, a média é de 35 pontos diferentes a serem lubrificados num carro. Os aperfeiçoamentos introduzidos criaram novas funções mecânicas, e essas

Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio (ondas longas e curtas); Record, de S. Paulo; Inconfidência de M. Gerais, B. Horizonte; de F. Alegre e Radio Clube de Pernambuco, de Recife (ondas longas e curtas).



Este é o equipamento da já famosa Lubrificação Esso Verificada, um sistema de lubrificação verdadeiramente científico, que dá a cada função mecânica o seu lubrificante adequado.

Graças à assistência de uma lubrificação constante e perfeita, registrou-se o caso de 2 carros de uma empresa rodoviária de M. Gerais que percorreram cerca de 500.000 km sem precisar abrir o motor.

Esso STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL



McCann

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL ELIMINA A CASPA - EXITO GARANTIDO



MODAS

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Eis aqui uma ótima sugestão apresentada pela elegantíssima Donna Reed, da Metro. Graciosíssima esta indumentária para uma corrida de bicicleta pelas avenidas de Copacabana. O colete branco e a pequenina gravata dão uma nota extremamente pitoresca a este esplêndido conjunto.



GENGIVAS MOLES
GENGIVAS IRRITADAS
GENGIVAS INFLAMADAS
GENGIVAS SANGRENTAS

Não se descuide da terrível

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas
- 4 podem contrai-la

Milhares de pessoas estão sendo ameaçadas pela devastadora Piorrêia, com o horrível encolhimento das gengivas e afrouxamento dos dentes.

Observe o aviso da natureza. Gengivas sensíveis, gengivas que sangram um pouco quando V.S. escova os dentes, são os sinais de perigo.

Proteja-se agora contra a Piorrêia usando o método experimentado Forhan's. Faça massagem nas gengivas e escove os dentes duas vezes ao dia com FORHAN'S, o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrêico do Dr. R. J. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram melhoras positivas em apenas 30 dias de uso deste tratamento simples.

Visite seu dentista com regularidade. Siga seus conselhos. E comece hoje mesmo a usar Forhan's, para dentes mais limpos, brilhantes e sãos e gengivas mais firmes.

Escove os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

"Não espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's - use Forhan's e evite a piorrêia."



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAMENTO RECENTES ME-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4600 - RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

VARIZES

EM SENHORAS

E HEMORROIDAS EM GERAL

NOVO TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para tratamento, com ótimos resultados, de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação na dose de três colheres das de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorroidários internos e externos, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba juntamente o líquido, para debelar tanto varizes como hemorroidas! Não encontrando nas farmácias e drogarias, peça diretamente ao depositário: Caixa Postal, 1874 — São Paulo.



EVITE ISTO!



Hemo-Virtus

"LILLI MARLENE", a canção prisioneira

(Continuação da pág. 34)

Maurice, obtendo estrondoso êxito de venda.

Da loura Albion a composição de Norbert Schultz, Hans Leip e Tommie Concor

passou à França, interpretada que foi ao microfone da emissora "Paris Mondial", pela famosa estrêla cinematográfica Marlene Dietrich, por sinal nascida na terra de Goethe.

Buenos Aires, com seus tangos repletos de nostalgia e suas melodias de arrabalde, não ficou indiferente ao sucesso de

"Lilli Marlene", daí, numa bela noite os ouvintes de poderosa estação portenha escutam o locutor anunciar: "numa versão castelhana de Enrique Cadícamo, ouviremos, na voz de Luíza Barrios, "Lilli Marlene". E aos ouvidos de quantos sintetizavam a "peérre" em aprêço chegaram estes versos:

Bajo la linterna, frente a mi cuartel
sé que tú me esperas, mi dulce amado
[bien...

y tu corazón al susurrar.
Bajo el farol, latiendo está...
Lilli... Mi luz de Fé...
eres tú... Lilli Marlene...

II

Cuando llega un "parte" y debo marchar
sin saber, querida, si puedo regresar...
y se que me esperar siempre fiel
bajo el farol, frente al cuartel...
Lilli... Mi luz de Fé...
eres tú... Lilli Marlene...

III

Si en el "frente" me hallo, lejos Ay! de ti
algo que tus pasos se acercan junto a
[mi...

y sé de que allá, me esperas tú
junto al farol... plena de luz
Lilli... Mi dulce bien
eres tú... Lilli Marlene...

Vinha, assim, à América do Sul, "My Lilly of the Lamplight" (seu nome em inglês), trazida pelas edições Fermata, cuja congênere na França, a "Paris Mondial", adquirira seus direitos autorais para o continente americano.

Talvez à falta de melhor divulgação da bonita letra escrita pelo conhecido humorista do "broadcasting" bandeirante, a canção surgida no fragor das batalhas travadas entre as tropas de Rommel e Montgomery, ainda não logrou alcançar o êxito obtido na Inglaterra, França, Estados Unidos e Argentina, embora a Fermata do Brasil tenha se esmerado em sua parte gráfica.

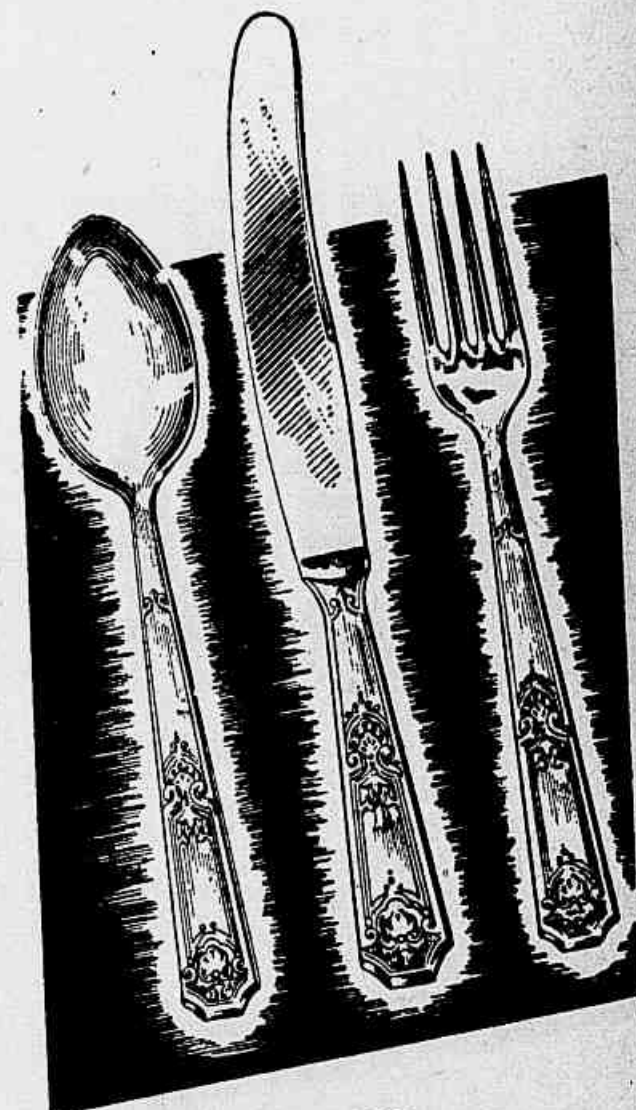
Agora que os nossos pracinhas regressam do campo da luta, e muitos deles também cantaram a "Lilli Marlene" na Itália, aqui divulgamos a versão brasileira da atraente canção dos prisioneiros alemães que, no dizer de "La France Nouvelle", "Comme tous les prisonniers de guerre allemands, Lilli Marlene se porte bien".

Lembro-me bem
Daquele lampeão
Junto ao quartel
Ao lado do portão...
Lá me esperava sempre alguém...
Meu coração pulsava então,
Ao ver Lili Marlene
Ao ver Lili Marlene

Agora aqui
Eu fico a meditar
Se ao quartel
Jamais eu regressar
Se haverá outro alguém
Junto ao lampeão
Em meu lugar
E tu, Lili Marlene
E tu, Lili Marlene

Mas o clarim
Fazia-me sofrer
Era hora então

Silvo
limpa e lustra
sem "riscar"
a prataria!



Silvo
LÍQUIDO PARA
POLIR PRATARIA

Ao mesmo tempo
LUSTRA e LIMPA
a Prataria!

De eu me recolher...
Dizia então: "adeus, meu bem"
Sei que estará
nos sonhos meus
Só tu, Lili Marlene
Só tu, Lili Marlene

Se eu morrer
Ainda mesmo assim
O meu amor
Jamais terá um fim...
Minh'alma então irá do além
Junto ao lampeão
Junto ao portão
P'ra ver Lili Marlene
P'ra ver Lili Marlene...

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!

Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.



O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA



Mesa da Embaixada Egípcia

BOITE ATLANTICA

A cidade caminha para o Pôsto Seis, no ondular macio de suas curvas jovens. A cidade noturna nos leva para o Pôsto Seis por entre as luzes da paisagem civilizada. Lá, no fim da praia, a cidade guarda a sua grande jóia, o seu adereço mais precioso de "urbs" moderna: arte, elegância, espírito, aristocracia do "grand-monde" e da intelectualidade. Lá é a "boite" atlântica. A "boite" que recebeu o "cachel" de uma doçura toda diferente, uma doçura que envolve as nossas noites na noite quente do seu encantamento. Uma taça de "champagne". Uma roda de amigos. "Causeries" dispersas ao som da música. Em torno, "tout Rio" nos seus expoentes máximos. No palco um "show", que é uma renda leve de arte, entretecida de grandes nomes internacionais: o Trio Mixteco, com a radiosa mocidade de Carmen Molina — rosa do México, gloriosa e bela que Walt Disney colheu para enfeitar o filme "Você já foi à Bahia?"; Gloria del Rio, com suas canções dolentes, seus claros olhos quebrados de languor, sua voluptuosa figura; e o quadro "Alucinação de ébrio", todo trememente de bailados e de música. Uma taça de "champagne". Uma roda de amigos. E a noite da "boite" embala os nossos sonhos melhores no vago sonho de sua doçura diferente.

Mesa dos funcionários da Embaixada Francesa.



LUIZINHA — Isto deve ser tão difícil! Depois é um perigo tão grande viajar em tempo de guerra.

JOSEFA — Talvez seja melhor ele vir embora, mesmo se ariscando um bocão, do que ficar por aquelas bandas. O negócio parece que vai ficar feio!

LUIZINHA — Deus que olhe por ele, pelo meu Netuno! Eu me preocupo tanto com ele! Eu não posso estar feliz sabendo os riscos que ele vai passar.

(Música)

TIA ALZIRA — Aí está a sua cama. Veja se dorme. Eu sei que você está acostumado a dormir em quartos de luxo, mas por pouco tempo não lhe custa compartilhar a pobreza de sua avó.

ANDRÉ — Oral! Não diga uma coisa dessas! Eu estou me sentindo tão bem aqui! Não há riqueza que se compare ao aconchego de uma amizade!

TIA ALZIRA — Lá isto é verdade. Entre um palácio cheio de riquezas mas vazio de amor, e uma casa simples mas cheia de ternura, não há que escolher.

ANDRÉ — E é preferível a gente sentir frio junto a uma lareira apagada mas tendo ao nosso lado o calor de um outro afeto, do que estar sozinho e esquecido dentro de um palácio. Aquece o corpo, mas não aquece o coração!

TIA ALZIRA — Bem! Você já está ficando romântico! E os homens só ficam românticos quando bebem, quando amam de mais ou quando estão com sono.

ANDRÉ — Então eu tenho dois motivos: amo de mais e estou com sono!

TIA ALZIRA — Para o amor eu creio que já dei remédio. A história que lhe contei, de Luizinha, de sua mãe, o parentesco que você descobriu, tudo isto lhe deve ter animado bastante, não é? Agora é só ter paciência e esperar. Deite-se e durma. Até amanhã. Aí está a cama que lhe arranhei. Trate de dormir. Até amanhã.

ANDRÉ — Mas... Será que eu vou poder dormir depois de tantas emoções? Não. Eu sei que não vou dormir!

TIA ALZIRA — Espere um pouco. Ou melhor, vá se acomodando. Daqui a pouco eu lhe trarei um chazinho de sabugueiro e você vai ver como vai dormir. Até já. (Passos; porta).

(Acorde musical)

(Porta abre; fecha; passos)

TIA ALZIRA — Pronto! Aqui está seu remédio. (Chamando baixinho) André! André! Pois não é que ele já dormiu! Ah! Os homens! São sempre os mesmos! Eles são sempre assim... Primeiro dormem! Primeiro comem! Para depois... sentir... Mas garanto que a Luizinha a estas horas ainda está de olhos arregalados e esperando por ele!...

(Ruído de máquina de costura)

TIA ALZIRA — Qual! Veja se eu havia de adivinhar uma coisa dessas! Se eu podia imaginar que hoje ia ser obrigada a coser um vestido de seda e com tanta pressa! Esse negócio de arranjar neto, doutor, dá trabalho, hein, seu André?

ANDRÉ — E se eu ia imaginar que a Luizinha era minha prima! Que a Luizinha era filha do tio Luiz!

TIA ALZIRA — Quanta surpresa, hein? E a pobre da menina é capaz de dar um desmaio quando souber que a selvagem da tia Alzira é a futura bisavó de seus filhos.

ANDRÉ — Ela vai ficar é contentíssima. Ela sempre me dizia que a estimava muito. E é isso o que me anima. Agora eu já não me sentirei tão intimidado para lhe dizer que sou um...

TIA ALZIRA — Cale a boca! Deixe de tolices. Luizinha não vai dar importância a uma coisa dessas e nem a dona Heloisa. Ela já sofreu muito para compreender que essas coisas não têm o mínimo valor. E ela bem deve saber a santa que foi a sua mãe. Bem, deixe-me acabar esta costura. Nós temos que seguir amanhã, e eu quero aprontar a minha fatiote para me apresentar toda elegante pelo braço do meu neto, o dr. André! (Máquina costurando).

(Música)

JOÃO (criado de Geraldo) — Bom dia, doutor!

GERALDO — Bom dia, meu velho. Que há de novo?

JOÃO — O dr. Luiz telefonou de São Paulo perguntando se o senhor não iria embarcar hoje. O senhor vai mesmo a São Paulo?

GERALDO — Qual! O Luiz há de ser uma eterna criança. Eu vou sair agora. Tenho um cliente para ver. Telefone para São Paulo e diga ao Luiz que eu seguirei por esses dias.

JOÃO — Ah! E' verdade, doutor. O "chauffeur" quando chegou hoje de São Paulo deixou este envelope, que o dr. André esqueceu no automóvel.

GERALDO — Deixe-me ver. Eu vou guardar. Está aberto, não é? Mas... o que é isto? Meu Deus! Que coisa impressionante!...

(Encerramento)

CAPÍTULO XXXI

LOCUTOR — André vai para a casa de tia Alzira, onde vem a saber que ele nada mais é que o neto de tia Alzira. Ela acalma-o dizendo que ele deve deixar a Luizinha sossegada em S. Paulo, porque ela precisa muito de ajudar sua mãe; resolver a sua questão. Parece que agora nada mais impedirá a realização dos seus sonhos. Depois de tantos sacrifícios é justo que o prêmio seja compensador. E o capítulo terminou quando João, o velho criado de Geraldo, dizia:

(Música)

JOÃO (criado de Geraldo) — Bom dia, doutor.

GERALDO — Bom dia, meu velho. Que há de novo?

JOÃO — O dr. Luiz telefonou de S. Paulo perguntando se o senhor não iria embarcar hoje. O senhor vai mesmo a S. Paulo?

GERALDO — Qual. O Luiz há de ser uma eterna criança. Eu vou sair agora. Tenho um cliente para ver. Telefone para S. Paulo e diga ao Luiz que eu seguirei por esses dias.

ANDRÉ — Estou. Eu estou com uma pressa medonha. E' isso mesmo. Ande mais ligeiro. Eu tenho a impressão de que você está andando tão devagar!...

JOSÉ — Qual nada, dr. André! Nós saímos do Rio às nove da manhã, são nove e meia da noite e já estamos quase em Santos! Puxa! Eu nunca na minha vida corri tanto como desta vez. Se o senhor não ficasse de vez em quando na direção eu acho que não aguentava.

(Automóvel em disparada)

(Música)

(Ruído de vento forte; passos na areia)

TIA ALZIRA (monologando) — Arre! Que manhã tão fria! Não gosto de sair com um vento destes. Um sacrifício assim eu só fazia mesmo por muita amizade ou então para ver uma doente! Hul! Que vento, meu Deus! Mas... quem é aquele homem que vem ali? Eu conheço aquela cara!

ANDRÉ — Bom dia, tia Alzira! Como foi bom encontrar a senhora!

TIA ALZIRA — Bom dia. Mas quem é o senhor?

ANDRÉ — Não está me reconhecendo? Eu sou...

TIA ALZIRA (atalhando) — Ah! Parece que é o tal Netuno, não é?

ANDRÉ — Justamente. Eu vim para ver a Luizinha. Eu preciso falar imediatamente com a Luizinha. A senhora quer me levar até a casa dela? Eu estou ansioso, eu tenho uma pressa enorme de falar com Luizinha!

TIA ALZIRA — Então o senhor tem pressa, o senhor está ansioso, não é?

ANDRÉ — Sim. Eu estou numa ansiedade que a senhora nem pode imaginar!

TIA ALZIRA — E' engraçado! Depois de tanto tempo o senhor de repente fica assim afobado, é? Por que é que só agora o senhor vem aparecer?

ANDRÉ — Porque só agora eu soube que estava sendo injusto com a minha Sereia. Mas... por favor! Leve-me! Eu preciso falar com Luizinha! Vamos à casa dela! Leve-me até lá!

TIA ALZIRA — Eu levava, se pudesse. Mas, infelizmente, o senhor chegou tarde de mais. O senhor chegou tarde, moço...

ANDRÉ — Cheguei tarde? Por que?

TIA ALZIRA — Chegou tarde, sim. Chegou tarde porque a Luizinha...

(Encerramento)

CAPÍTULO XXX

LOCUTOR — No capítulo passado ficamos sabendo que Geraldo é o pai de André, com quem tem uma explicação sobre a senhora da Casa Branca. Ficou tudo esclarecido sobre Luizinha. André viu que tinha agido mal silenciando, ou melhor, repudiando aquele amor que era puro e que ele considerava falso. Resolve embarcar para S. Vicente, e ter uma explicação com ela e suplicar-lhe até o seu perdão. Geraldo anima-o dizendo que quando uma mulher ama verdadeiramente está sempre pronta a perdoar. E André, animado com as palavras de seu pai, vai a S. Vicente. Geraldo começa a achar graça nos caprichos do

destino, pois chegou à conclusão de que a sua futura nora nada mais é do que a filha da mulher que fez ressuscitar a alma de seu cunhado Luiz. André, chegando a S. Vicente, vai imediatamente à colônia dos pescadores, onde se encontra a residência Casa Branca, e pelo caminho encontra tia Alzira, que o reconhece. E aí iniciamos o capítulo XXX.

(Ruído de vento forte)

TIA ALZIRA — E' engraçado! Depois de tanto tempo o senhor de repente fica assim afobado, é? Por que é que só agora o senhor vem aparecer?

ANDRÉ — Porque só agora eu soube que estava sendo injusto com a minha Sereia. Mas... por favor! Leve-me! Eu preciso falar com Luizinha! Vamos à casa dela! Leve-me até lá!

TIA ALZIRA — Eu levava, se pudesse. Mas, infelizmente, o senhor chegou tarde de mais. O senhor chegou tarde, moço...

ANDRÉ — Cheguei tarde? Por que?

TIA ALZIRA — Chegou tarde, sim. Chegou tarde porque a Luizinha...

ANDRÉ (atalhando) — Mas o que há com a Luizinha? Houve alguma coisa com a Luizinha?

TIA ALZIRA — Se houve! Coitada da Luizinha!

ANDRÉ — Oh! Meu Deus! Não me deixe nesta angústia! Por favor! Diga! Que foi que aconteceu?

TIA ALZIRA — Mas então o senhor não sabe?

ANDRÉ — Não sei. Palavra que não sei. Mas diga, diga de uma vez.

TIA ALZIRA (sarcástica) — Então o senhor não sabe que a Luizinha foi abandonada pelo namorado? Por um malvado que veio a S. Vicente só para perturbar o sossego da pobre menina?

ANDRÉ — Oh! Por favor! Não me fale assim! Eu vou lhe explicar o que houve, e a senhora vai me desculpar. Mas antes de tudo eu preciso falar a Luizinha! Quer ir comigo até a casa dela? Vamos. Eu lhe peço. Vamos imediatamente!

TIA ALZIRA — Não adianta. O senhor não vai encontrar a Luizinha.

ANDRÉ — Mas... então onde está a Luizinha? Ela não está em S. Vicente?

TIA ALZIRA — Escute, rapaz. Eu estou morrendo de frio. Nós estamos perto de minha casa. Eu vou lhe dar notícias de Luizinha. Mas não posso aguentar este vento gelado. Vamos até a minha casa. Lá nós conversaremos melhor.

ANDRÉ — Vamos, então. Mas vá me contando o que há com a Luizinha. A senhora não vê a minha aflição?

TIA ALZIRA — Espere um pouco. Deixe-me em casa.

(Transição musical)

TIA ALZIRA — Bem. Aqui está a minha choça. Vamos entrar. (Porta que abre e fecha) Sente-se aqui neste banquinho. Assim. Aqui estamos melhor e mais agasalhados, o senhor não acha?

ANDRÉ — Estamos, sim. Estamos. Muito obrigado. Mas, minha senhora, eu não posso mais esperar. Vamos ao assunto. Por favor! Diga-me o que há com Luizinha?

TIA ALZIRA (trabalha) — Os homens são muito ingratos! O senhor diz que não pode mais esperar e não se lembra que a pobre menina esperou tanto tempo e sofreu muito mais!

ANDRÉ — Então, pelo que vejo, a senhora está me castigando? Mas eu não posso perder um minuto. Fale de uma vez! Que foi feito de minha Sereia? Eu vim numa corrida louca do Rio até aqui para falar com ela imediatamente, e a senhora me retém dessa maneira? Oh! Diga, por favor! Onde posso encontrar a Luízinha?

TIA ALZIRA — A Luízinha saiu hoje de madrugada no automóvel do Zé Pedro.

ANDRÉ — Mas diga para onde ela foi! Diga! Eu fui correndo ao seu encontro!

TIA ALZIRA — Espere! Tenha calma! Ela foi a S. Paulo. Mas o senhor vai fazer o favor de não perturbar a sua viagem. O senhor não viu que eu estava ganhando tempo? Luízinha foi a chamado de sua mãe. E o senhor, se gosta mesmo da pequena, vai esperar, calmamente, que ela chegue lá para ir falar com ela. (Enérgica) O senhor não vai interromper a sua viagem!

ANDRÉ — Não. Tenha paciência. Eu vou alugar um carro e apanhar a Luízinha no caminho.

TIA ALZIRA (enérgica) — Não faça isso! Eu lhe peço que não faça isso!

ANDRÉ — Mas por que? Que mistério é esse?

TIA ALZIRA — Deixe a menina seguir sossegada. Ela foi ajudar sua mãe num assunto muito sério. Ela vai sofrer uma emoção muito grande, e não custa nada o senhor esperar que as coisas caminhem para depois aparecer. O senhor não será capaz dêsse sacrifício tão pequenino?

ANDRÉ — Pequenino não é; mas se a senhora acha necessário eu esperarei.

TIA ALZIRA — Então, já que me faz essa promessa e eu confio na sua palavra, vou lhe contar o que Luízinha foi fazer em S. Paulo. Deixe passar uns dois dias e vá procurá-la depois. O senhor promete que espera êsses dois dias?

ANDRÉ — Prometo.

TIA ALZIRA — Está bem. Muito obrigada. Lembre-se de que muito mais tempo a pobrezinha o esperou, chorando noite e dia, sem comer e sem dormir, e só agora, há poucas semanas, por um milagre de Deus, foi que ela melhorou!

ANDRÉ — Pobre da minha Sereia! E eu lhe fazendo uma tamanha injustiça! A senhora acha que ela vai me perdoar?

TIA ALZIRA — Ora, meu amigo. O coração das mulheres é um oceano de perdão! E pobre dos homens se não fôsse assim. Uma mulher quando gosta de verdade, está sempre disposta a perdoar. E a Luízinha é uma mulher completa. Tão completa que tem de ser fraca diante do amor! (Ruido de tempestade) Hum! Que tempestade! Fizemos bem em vir até aqui.

ANDRÉ — Deixe a tempestade e me fale de Luízinha. Ela tem sofrido muito por minha causa?

TIA ALZIRA — Os homens são todos iguais!... Com que vaidade o senhor me faz esta pergunta. Pois alegre-se: a Luízinha tem sido uma vítima da sua ruindade.

ANDRÉ — Não foi ruindade, minha senhora. E' que houve um mal-entendido. Eu soube que havia uma môça

do S. Vicente num hotel em S. Paulo, uma môça com o sobrenome Casa Branca. Soube que essa môça andava namorando e pensei que fôsse a Luízinha.

TIA ALZIRA — Ah! Então foi isso, é?

ANDRÉ — Foi isso. E até eu vou lhe mostrar a carta que contava essa história e que foi a causa dêsse engano tão desastroso. Espere um momento. Eu a trago sempre no meu bolso. Está aqui nesta carteira.

(Ruido súbito e forte de porta que abre)

TIA ALZIRA — Ah! Esta ventania! Esta ventania! Pois não é que arrebentou a porta? E' preciso fechar a porta, senão o vento me destelha a casa. Com licença. (Passos)

ANDRÉ — Não se incomode. Deixe que eu vou fechar. Um momento. (Passos)

TIA ALZIRA — Olhe, meu rapaz! Os seus papéis voaram todos para o chão. Eu vou apanhar.

ANDRÉ — Não se incomode. Depois eu os apanho. Primeiro deixe-me fechar esta porta. (Passos; rumor de madeira, etc.)

TIA ALZIRA — Esta ventania sempre me dá prejuízo! Da outra vez me rebentou a janela. Também isto nem é casa. Isto é mais um barracão. (Ruido de porta que fecha)

ANDRÉ — Pronto. A porta agora está bem segura. Oh! Por que não deixou que eu apanhava os papéis? A senhora se cansando...

TIA ALZIRA — Qual nada, meu filho! A tia Alzira é uma velha forte. Eu não troco os meus sessenta e cinco anos por muita mocidade gasta que anda por aí. Olhe. Aqui estão os seus papéis. Aqui está tudo direitinho. Olá! Um retrato de mulher? Sim, senhor! Será da Luízinha?

ANDRÉ — Não. Não é da Luízinha. E' o retrato de minha mãe, que eu infelizmente não conheci. A senhora quer ver? Aqui está. Pode ver. Veja como era bonita a minha mãe!

TIA ALZIRA — Então deixe-me pôr os óculos para ver melhor. (Pausa) Meu Deus! Meu Deus! Mas... essa é que era a sua mãe?

ANDRÉ — Sim. Mas o que há? A senhora conheceu minha mãe?

TIA ALZIRA — Se conheci? Esta... esta... era a Zenaide! (Chora)

ANDRÉ — Sim. Ela se chamava Zenaide. Mas... que tem a senhora? E por que está chorando? Diga-me. Por que está chorando?

TIA ALZIRA — Eu estou chorando porque esta môça... Esta môça era...

(Intervalo)

ANDRÉ — Diga! A senhora conheceu minha mãe?

TIA ALZIRA — Sim. Zenaide era minha filha!

ANDRÉ — Então, neste caso...

TIA ALZIRA — Você é neto da tia Alzira!

ANDRÉ — Mas... que surpresa! Deixe-me abraçá-la!

TIA ALZIRA — Venha, meu menino! Que seja você o mensageiro do perdão que eu não pude pedir à minha filha!

ANDRÉ — Perdão? Que lhe fez a senhora?

TIA ALZIRA — Fiz o que fazem muitas mães: não soube compreender e não soube perdoar. E' horrível isto, meu filho, mas infelizmente é uma verdade. Justamente as mães, as responsáveis pela vida de suas filhas, são as primeiras que as enzolam quando cometem uma fraqueza. E foi êste o meu crime. Minha filha apaixonou-se, seguiu um caminho errado e eu, quando descobri a sua falta, escorracei-a como se escorraça a um cão. Aí então ela se amparou ao braço daquele mesmo que a fizera errar, e nós nos separamos para sempre! Desgostosa com tudo aquilo, deixei a Zenaide no Rio e vim me esconder aqui nesta colônia. Alguns anos depois eu estava arrependida. Tinha saudades de minha filha! E êste argumento venceu todos os outros. Fui ao Rio procurá-la. Aí então eu soube que a minha Zenaide morrerá!

ANDRÉ — E por que não procurou o seu neto? Minha infância teria sido bem mais agradável a seu lado.

TIA ALZIRA — Ninguém me disse que eu tinha um neto. Só hoje, tão tarde, é que eu venho a saber da sua existência! E êste foi o meu maior castigo!

ANDRÉ — Por que não procurou meu pai? Ele lhe contaria tudo, e é bem possível que, ao invés de me entregar a estranhos, me tivesse entregue à senhora. E eu teria tido uma infância melhor!

TIA ALZIRA — Seu pai! Eu não consenti nem que sua mãe me dissesse o nome de seu pai. Atirei-a fora de casa às primeiras palavras de sua confissão. E quando fui procurá-la só consequi ter notícias dela pelos nossos antigos vizinhos, que também apenas sabiam que ela morrera. Ela sempre foi muito discreta. (Chorando) Viveu discretamente e discretamente morreu! Veja, pois, que você tem muito que me perdoar!

ANDRÉ — Eu vejo na senhora a minha segunda mãe. E às mães tudo se deve perdoar.

TIA ALZIRA — Quem dera que tôdas as mães também pensassem assim e tivessem sempre essa boa vontade para com seus filhos e principalmente para suas filhas! Ah! André, a gente só começa a compreender a vida quando já não tem mais tempo para viver!

(Música)

(Ruido de automóvel na estrada)

LUIZINHA — Parece um sonho, Zefinha! Será mesmo que, dentro de algumas horas, eu vou conhecer o meu pai? Ele é moreno, não é, Josefa? E tem, também, os olhos verdes como a mamãe?

JOSEFA — Sim, Luízinha. Por isso é que você tem os olhos tão verdes e tão bonitos. E você é o retrato de sua mãe quando tinha a sua idade. Eu nunca vi coisa tão parecida!

LUIZINHA — E se meu tio é, como você pensa, o pai de André, êles também são parecidíssimos, não é, Zefinha? Eu nunca vi duas pessoas tão iguais. Naquele dia na rua do Ouvidor, quando eu o avistei naquela porta, parecia que eu estava vendo o André de cabelos grisalhos. (Automóvel tangendo nas curvas).

JOSEFA (mais alto) — Que é isto, Zé Pedro? Não precisa fazer maluquice! Nós saímos de madrugada para não ter que correr.

ZÉ PEDRO — Então de seu médico, Zefinha. Você sabe que eu sou um grande moterista. Que é isto? Perdeu a confiança em mim, sua tola?

JOSEFA — Tolo é você com êsse convencimento. Está convencido que é o rei dos volantes.

LUIZINHA — Que é isto, Zefinha? Vocês agora deram p'ra brigar?

JOSEFA — E' o Zé Pedro que está ficando rabugento! Ele está ficando velho.

ZÉ PEDRO — Rabugenta é você, e quem está ficando velha é você! (automóvel parando).

LUIZINHA (rindo) — Mas será possível, Zé Pedro, que você chegue a parar no meio da estrada para brigar?

JOSEFA — Os homens são assim mesmo, Luízinha. Antigamente, quando a gente viajava junto, êle parava no caminho para me beijar. Agora êle pára só para discutir e implicar. (Chora)

LUIZINHA — Está vendo, Zé Pedro? Você está fazendo a Josefa chorar.

ZÉ PEDRO — Zefinha! Desculpê-me, sim? Você já sabe que eu não gosto que me chame de velho. Cada pessoa tem a sua fraqueza... Você bem podia respeitar a minha, não é? Depois... eu ainda não tenho cinquenta anos, estou forte, tenho saúde. Por que você vive me chamando de velho?

JOSEFA — Você não me chama de velha? E não sabe que eu ainda nem tenho quarenta anos?

LUIZINHA (rindo) — Olhe, Zé Pedro. Eu estou achando muita graça nesta brincadeira de vocês. Mas me parece que devemos continuar a viagem, não é? Lembre-se de que a mamãe está nos esperando e que eu estou ansiosa por chegar a São Paulo.

(Automóvel movimentando)

ZÉ PEDRO — Você tem razão, Luízinha. Desculpe, sim? (Automóvel seguindo)

JOSEFA — Em tudo isso há uma coisa de que eu estou gostando muito, Luízinha!

LUIZINHA — O que é, Josefa?

JOSEFA — Eu vejo que você está alegre, e isto me dá tanta alegria!

LUIZINHA — Depois do que você me contou e depois que você me deu essa esperança do tio Geraldo ser o pai do meu André, eu criei tanta esperança! André será mesmo meu primo? Não parece um sonho tudo isto?

JOSEFA — Eu não lhe dizia que a vida ainda lhe reservava muitas surpresas? Eu posso quase lhe garantir que André é o filho de Geraldo.

LUIZINHA — Por isso é que êle se envergonhava de me dizer quem era. Por causa do seu nascimento... E por que será que êle zangou comigo, hein, Zefinha?

JOSEFA — Alguma desconfiança, alguma tolice que o dr. Geraldo, se for mesmo o seu pai como nós pensamos, há de lhe tirar da cabeça.

LUIZINHA (entristecendo) — Mas êle está tão longe! Oh! Zefinha! E' preciso não esquecer que o André está na Europa e que a Europa está em guerra!

JOSEFA — Mas quem sabe se êle, quando souber que não teve razão, não dará um jeitinho p'ra voltar?

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 em todo o Brasil, não podendo ser vendida por preço maior.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

"Continuação da pág. 7)

Simões de Oliveira; "No Cemitério", de Maria Lúcia Simões de Oliveira; "Vida errante", de J. T. Murinho; "Um Conto Verdico", de Hercília Surrage Cardoso; "A Laposa Preta", de Jeremias Breves; "Na Estrada da Vida", de Tié Garcia; "A História de Ahmed-el-Kibir", de E. Mikhail; "Miséria Dourada", de Lucy Ribas; "O Bilete", de Ismael P. Rebouças; "Copacabana", de Henrique Oscar (2.ª versão do conto já enviado); "Dia Triste" de Conchita Lara; "Franqueza", de Claudio Benedito; "Sombras da Morte", de José Brandão; "Uma Conta Bem Cobrada", de Cardoso Filho; "Os Olhos Verdes", de Luis Lopes; "Culpado?", de Walkyria Sant'Iago; "O anúncio", de Luis Mota Mercier; "A Porta Estava Fechada", de Milton de Moraes Emery; "Sangue de Bugre", de Isa Andrade e Souza; "Rogerio Dias", de Joaquim Alvares Leite; "Loura ou Morena?", de Marcelo Guarany; "O Jacuí", de Salvador Amato Neto; "O Último Capítulo", de Neli Ferreira; "Sarabanda", de João de Carvalho; "Juventude", de João de Carvalho; "A Outra", de G. Silveira; "O elo Perdido", de G. Silveira; "E a Vida Continuou", de G. Silveira; "Guapiara", de

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém

MUSICA - bailado

Continuação da página 21

O "ballet" de Gliere, arranjado por Schwesoff e dotado de uma nova coreografia, pareceu-me irregular. Há trechos, inegavelmente, de grande efeito, porém a própria música, a meu ver, é simplesmente agradável — nada de extraordinário. Por outro lado, não posso deixar de salientar a significação política do "ballet", habilmente explorada pelo coreógrafo. Dirão que política nada tem a ver com dança. E' questão de opinião. Afinal de contas, um homem, só porque entra no teatro não se despe de suas opiniões. Se isso é um bem ou um mal é outra questão: o fato, entretanto, é autêntico. Todos nós que acompanhávamos ansiosamente as notícias da guerra, alguns até participando da luta no "front" da Itália, não podemos deixar de apreciar devidamente a inspiração louvável do argumento. Querendo homenagear as Nações Unidas, Schwesoff idealizou uma história simbólica e adaptou a música do "ballet" comunista de Gliere.

Da forma que nos foi apresentada, a história conta o amor de um marinheiro russo por uma chinesa maltratada por um japonês. Quando o russo parte, o japonês volta a molestar a moça, que é salva por dois amigos do russo: os marinheiros americano e inglês.

★

Destacaremos, em primeiro lugar, Julia Horwarth, como Taya-Hoa, a chinesa. E mais uma vez Nathaniel Stoudenmire sobressai como "O dançarino da Fita" e o "Primeiro Phoenix". Vladimir Irman está à vontade nas acrobacias. Schwesoff confiou-lhe um papel adequado e ele soube aproveitar a oportunidade, sobretudo no terceiro quadro.

Roberto Lyra Filho

Perfume
Flarpa
de Gally

Persistente como a saudade!
★
Agradável como a música!
★
Voluptuoso como o amor!

Água de Colônia - Extrato - Loção

A VENDA EM TODO O BRASIL

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
 RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
 Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

A fuga de Mr. Charles

(Continuação da pág. 23)

Ray bateu a porta.

Assim que se viu só, Mr. Charles começou a agir. Chegara o momento. Não era possível adiar mais sua fuga. Com gestos precisos, sem atropelos, como quem já tivesse ensaiado tudo aquilo muitas vezes, começou a preparar-se. Tomou a chave do cofre, abriu-o

e passou a fortuna de Fay Endicott para uma pasta de couro. Em seguida colocou numa valise seu macacão de piloto. Estava pronta a primeira parte dos preparativos.

Tocou, depois, a campainha e avisou o criado:

— Parker, vou voar para Paris esta noite.

— Está fazendo mau tempo, senhor.

— Ora! ora! Já voei com tempestades.

Mr. Charles tivera o cuidado de estabelecer sua reputação como piloto amador.

— Mande chamar o carro.

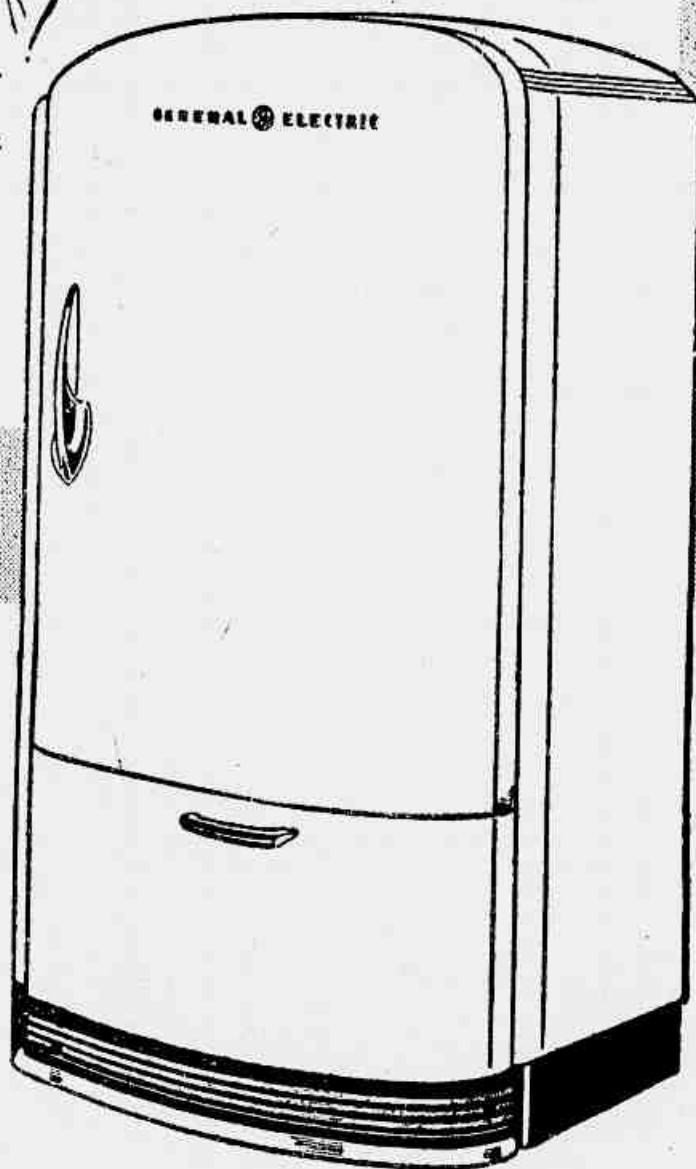
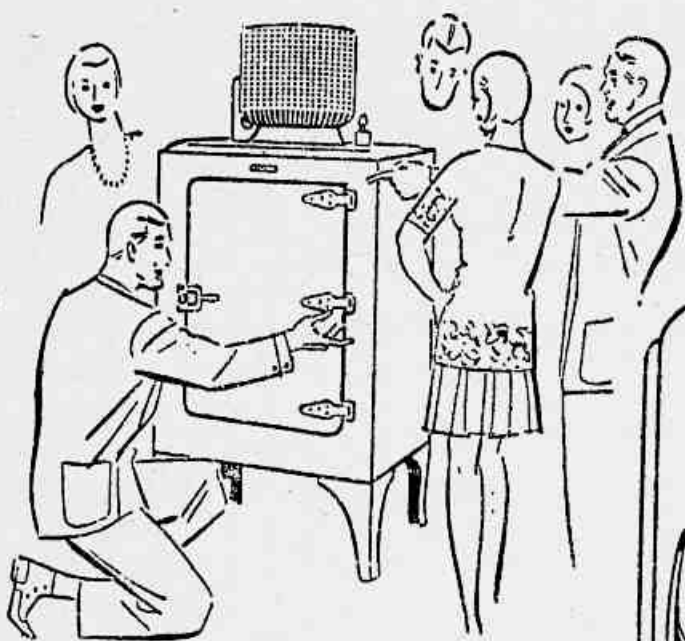
— O chauffeur já se retirou, Mr. Charles.

— Não vou precisar dêle. Quer me fazer o favor de tirá-lo da garage?

— Sim, senhor.

No aeroporto, Mr. Charles tomou o avião

Um dia, em 1925...



CHEGOU ao Brasil um aparelho novo: o refrigerador G. E. hermeticamente fechado. Não uma simples geladeira elétrica mas, sim, algo que representava o fruto de muitos anos de pesquisas.

O Novo Refrigerador chegou e vendeu. Apreciado e popularizado, confirmou a tradição do monograma G-E e ocupou, no seu lar, um lugar difícil de substituir. Trate-o com a consideração que lhe merece um amigo fiel e dedicado e assim ele o servirá por muito mais tempo, mesmo porque — no momento — a General Electric ainda está mobilizada para o esforço de guerra.

Ouçam todas as quartas-feiras, às 16 horas, na Rádio Nacional, PRE-8, na frequência de 980 kcs., "BAZAR FEMININO" com HELENA B. SANGIRARDI. Oferta da General Electric.

...Encabece sua lista de compras com um refrigerador G-E de após-guerra, no qual serão incorporados os aperfeiçoamentos técnicos que a ciência obteve nestes últimos anos.

REFRIGERADORES

GENERAL  ELECTRIC



E

m São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

e voou para a costa. Lá, com muita pena, deixou cair o aparelho no mar e saltou de paraquedas. Estava arranjado o "desastre", na cerração. Nadou para a costa, mudou a roupa, trocando o macacão por um terno que já escondera em lugar apropriado, pelas redondezas. Em seguida jogou ao mar o macacão preso a um peso. Uma bicicleta escondida, também ali perto, levou-o até a estrada. Numa valise, preparada de antemão, ele tinha um estojo para barbear-se. Tomou a navalha, o pincel, ensabou o rosto e fez a barba que deixara crescer durante a sua última estadia em Londres. Rapou os bigodes. Com esse recurso simples, Mr. Charles estava quase irreconhecível para aqueles que o tinham conhecido nos últimos três anos.



CHEGA AO RIO UM DOS DIRETORES DA CIA. KOLYNOS. DOS ESTADOS UNIDOS, FABRICANTE DO CREME DENTAL KOLYNOS — Pelo avião da Panair acaba de chegar de São Paulo o sr. John M. Burns, diretor da Cia. Kolynos, dos Estados Unidos, fabricante do creme dental Kolynos. Na gravura vemos um flagrante do sr. Burns ao descer do avião que o trouxe a esta Capital.

Moças e senhoras "chics"



embolço Postal. A' venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.

A "Depilina Sarah" destrói os cabelos superfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2398 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Remessa.

Assobiando alegremente, êle dirigiu-se para a casa que comprara. A história da maneira pela qual a adquirira era curiosa. Um notário francês tivera ordem de comprar a residência em nome de M. Alphonse de Lacretelle, morador na Provença. Este M. Alphonse, naturalmente, nunca existiu. Era Mr. Charles que, assim, conseguira que ficasse provado que aquela casa de campo, em Surrey, na Inglaterra, fôra adquirida por um cavalheiro francês. Mandara um casal de criados franceses para tomar conta da casa, e ia, agora, tomar posse.

Pedalandando lentamente, Mr. Charles sorria, imaginando as expressões das fisionomias de Fay, Ray e Mark ao procurarem o dinheiro e encontrarem somente uma casa vazia. O dinheiro estava agora na valise, ao seu lado. Era uma fortuna considerável e permitia-lhe viver confortavelmente o resto de sua vida.

— "Bonjour, monsieur".

— "Bonjour, madame. C'est bien ici la maison de M. Alphonse de Lacretelle?"

— "Mais, oui, monsieur. Il n'est pourtant pas là".

— "Je le sais. C'est à dire: c'est moi, Alphonse de Lacretelle".

A criada saiu correndo para prevenir o marido de que o patrão chegara. Alphonse (ou Mr. Charles — êle já tinha tido outros nomes) instalou-se.

★

Uma semana mais tarde os jornais ingleses publicaram a notícia do afogamento de Mr. Charles, cujo corpo fôra cuspidado do avião quando êste caíra no mar. Mr. Charles, ao que parecia, estava em má situação financeira. Falava-se, mesmo, em mais um caso rumoroso, como o Ponsonby, que terminara nos tribunais. Aludia-se ao nome dos Endicott, mas eram só alusões. Por outro lado, dizia-se que, muito provavelmente, vendo-se perdido, em uma má situação, Mr. Charles se suicidara toman-

do seu avião e atirando-se ao mar.

— "Ils ont oublié le parachute" (esqueceram o paraquedas), murmurou M. Alphonse em francês, ao ler a notícia. Para evitar um acidente que o traisse, êle só falava francês.

— "Mr. Alphonse!"

A criada estava agitada.

— "Qu'est-ce qu'il-y-a?"

— "C'est un policier, monsieur, qui veut vous parler".

A criada, verdadeira francesa da província, tinha horror de policiais.

— "Fais-le monter" (manda-o subir).

Mr. Charles sentou-se à mesa e abriu a gaveta. Um revólver estava ali, carregado. Que falha haveria no seu plano? Como ha-

viam descoberto seu paradeiro? Era impossível! E, no entanto, ali estava o policial.

— Bom dia, M. Alphonse.

Como? O policial falava em francês?

— Bom dia.

— Sr. Alphonse, eu queria pedir um grande favor ao senhor... isto é... eu... Nós, os policiais desta cidade, damos todos os anos um baile em benefício dos colegas mais necessitados e... e vendemos ingressos... Se o senhor quisesse contribuir... bem, nós sabemos que o senhor está aqui há pouco tempo... mas temos vigiado bem a casa na sua ausência...

Ao embaraço natural do pedido juntava-se a dificuldade do policial para exprimir-se em



francês (fôra escolhido entre muitos, por ser o único que conhecia um pouco a língua).

Mr. Charles abriu-se num sorriso. A mão que segurava o revólver dentro da gaveta largou-

Continua na pag. 55



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

PaTerraZ

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A VINGANÇA

Continuação da
pagina 29

— Escute, Olavo. E o encontro de hoje? Você não disse que sempre que ela está com você há também outros homens em volta dela?

— Sim, sempre. Exceto uma única vez, em uma festa, quando consegui isolá-la por alguns instantes e beijá-la.

— Beijou-a? Então...

— Pois preferia não o ter feito.

— Não me vá dizer que ela lhe deu uma bofetada...

— Não. Antes me tivesse dado a bofetada. Ela disse-me, desculpando-se pela franqueza, desculpando-se na sua maneira, que estranhava que eu beijassem tão mal, mas que

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

eu beijava como os galãs do nosso cinema. E' de nos arrasar!

— Oh, mas isso...

Nisso não há nada do que você está supondo. Ela foi apenas o que é sempre: pura, espontânea e desconcertante.

— Sim, mas afinal ela hoje concordou em encontrar-se só com você.

— Sim, hoje. E há uma hora quase que me deve estar esperando.



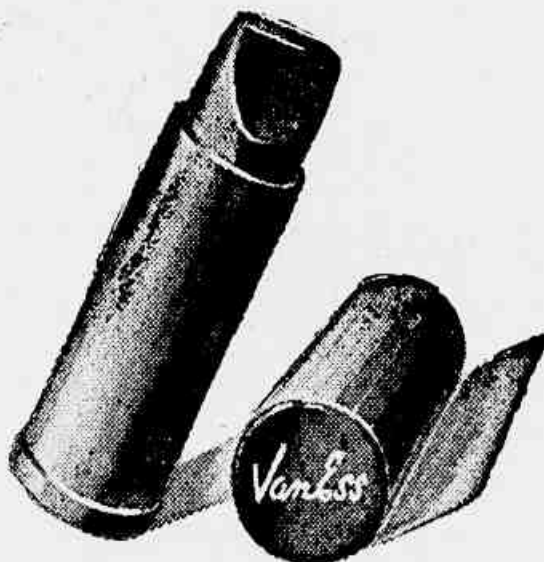
*Apresentar-se... deslumbrar...
e triunfar!*

*Ventura só reservada
à mulher que sabe usar...*

Uma requintada gama de
tonalidades da última moda,
realçadas por uma base exclusiva de
"creme veludo", que suaviza,
protege e embeleza os lábios.

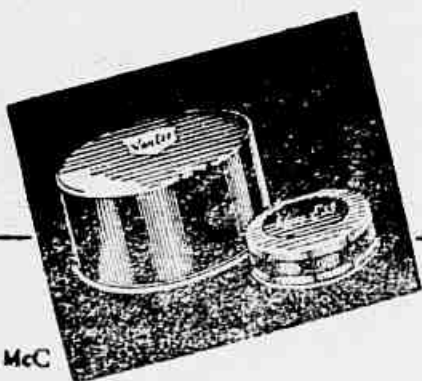
Baton para os lábios

Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!



McC

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS,
que tornarão irresistível a sua cutis.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME

BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

— Ora, por que não me avisou? Eu não o teria prendido.

— Não, foi bom que você me ajudasse a decidir assim. Era o que eu tinha de fazer. Faltar aos encontros é a melhor maneira de corrigir uma mulher como essa. E será também, o que é mais importante, a minha vingança... Ah!... Nunca precisei tanto de vingar de uma pessoa como dessa mulherzinha diabólica. Diabólica ou santa, nem sei. Vingar-me... vingar-me...

Com a placidez de um sádico, estirando-se no sofá, Olavo passou a absorver calada gota a gota, o mel da vingança imaginada contra a mulher que o inquietava. Foi quando o telefone tocou. Deitado como estava Olavo pediu-me:

— Atenda-o.

Apanhei o telefone e ouvi uma vozinha feminina como poucas, perguntar pelo Olavo.

— Diga-lhe que é a Teresa — acrescentou.

Eu dirigi-me a Olavo:

— E' com você. E' a Teresa.

— Teresa! E' ela! — e de um salto arrancou-me o telefone das mãos. Arrependeu-se porém antes de falar:

— Não, — dirigiu-se a mim — completemos a vingança: diga-lhe que saí, que saí em companhia da Lúcia.

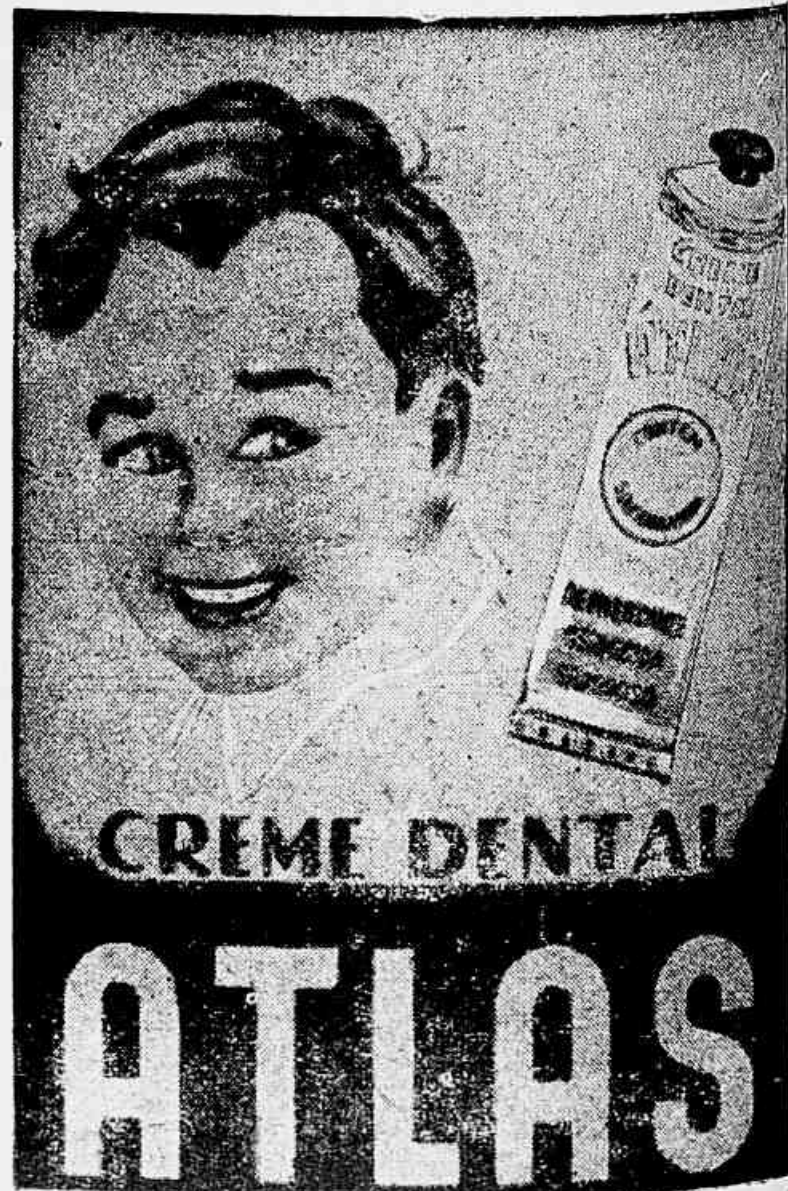
E, declarand otôda a sua delícia com um sorriso mau, arrematou:

— Ela sabe bem quem é Lúcia. Você verá...

Recebi o telefone que êle me entregava e transmiti o recado. Teresa sorriu do outro lado da linha — tenho certeza de que ela sorriu — acrescentou num muxôxo:

— Oh! coitadinho do meu Olavo!... Por favor, diga-lhe que eu não esperava que êle se aborrecesse assim por tão pouco... Êle me conhece e sabe que eu não teria a intenção de fazê-lo esperar atôa. Eu só não compareci porque havia marcado a mesma hora com a manicura e não me lembrava... Afinal, eu não posso lembrar-me de tudo...

E desligou. Eu não reproduzi nada disso a Olavo. Achei melhor.



O caso de Mr. Charles

Continuação da pag. 53

o apressadamente e dirigiu-se para o bolso.

— Com muito prazer, sr...

sr...

— Clath, M. Alphonse.

— Com muito prazer, sr. Clath. Quanto devo subscrever?

— Bem, isso é quanto o senhor quiser.

— Cinco libras?

O policial ficou radiante.

— Magnífico!

Mr. Charles sorriu novamente (como pudera pensar que seu plano falhasse? Com detectives tão imbecis...).

Assinou o nome.

— Bem, muito obrigado — disse o policial.

De repente, porém, apareceu uma expressão estranha no rosto do policial. Mr. Charles ia perguntar o que acontecera, quando sentiu algemas em seus pulsos. O policial fôra rápido.

— Pegámo-lo, afinal, Mr. Geoffrey Charles.

— Oh!

(Então seu plano, seu plano não era perfeito?)

— Mas eu não sou Geoffrey Charles. Não sei quem é este homem. Solte-me! Exijo-o!

— Mr. Charles, confesso que não vim aqui pegá-lo com um

ardil. Não sabia que M. Alphonse era Geoffrey Charles.

— Mas... mas então...

— Então por que o senhor assinou na lista "Geoffrey Charles"?

Mr. Charles não esquecera o menor detalhe: seu plano previra tudo. Tudo menos aquele descuido, que acarretou sua prisão.

Lábios ARDENTES... FACES AVELUDADAS...

O desejo de toda mulher cuidadosa, é manter-se atraente, apresentando uma cutis bem tratada. Realize esse ideal, usando os produtos de Mme.

GRÇA, creados para as mulheres de fino trato. Para limpar a cutis, eliminando sardas e manchas, use o ÓLEO DE VIOLETAS, que torna a sua face aveludada. Ao deitar-se, aplique o CREME ANTI-RUGAS, que enrijece a pele, dando-lhe uma aparência juvenil, eliminando as rugas e a flacidez. Aos seus lábios, o BATON SEMARAP dá um encanto duradouro e uma tonalidade ardente... Use os produtos de Mme. GRÇA, indispensáveis aos cuidados da beleza feminina.



- Rouge
- Pó de Arroz
- Loção Acnea
- Adstringente
- Balsamo Branco

Catálogo gratis pelo Correio

Distribuidores Gerais: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO • Rua da Alfândega, 181 - RIO

A mulher de Paris e de Londres

Paris — (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

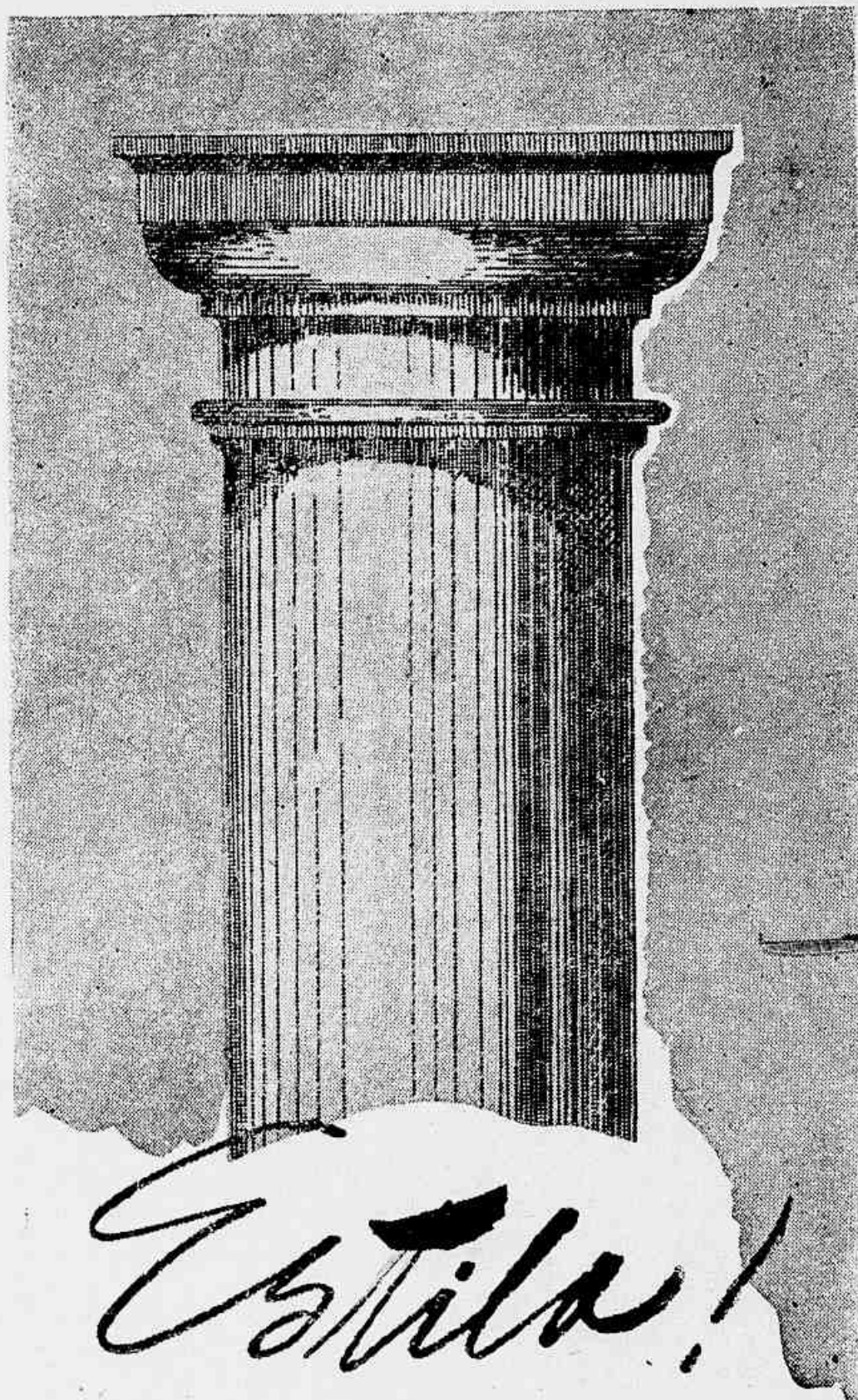
Experimente OKASA e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drograrias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.



Para que seus cabelos despertem murmúrios de admiração...

SHAMPOO E LOÇÃO FIXADORA
"ALLÂNIA"

PRODUTOS DE ALTA CLASSE



Para obedecer rigorosamente às exigências do estilo é preciso um profundo conhecimento de todas as suas características. "Móveis-Suprema" dispõe de técnicos, que não somente executam os móveis no rigor dos estilos, mas também estudam tecnicamente a decoração do seu lar para o seu maior conforto e beleza.

Exposição e vendas
CATETE 103-105
Tel. 25-3173

moveis
A Suprema

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho
compostas inescard

LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.P.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA



Castelo, é necessário chamar-se a menina Luizinha, pois somente ela poderá curar o rapaz do mal que domina.

D. Simão, irmão da marquesa, convence-a para aceder ao conselho do médico, e então, depois de muita luta, vem a Luizinha acompanhada dos pais, que se estabelecem no castelo, modificando o andamento da copa, a ponto de deixar os empregados sem poderem tirar as suas "casquinhas" no vinho... Isto revoluciona a criadagem, que quase chega a fazer greve.

Luizinha, com a sua bondade, chega a tocar um piano que não se abre há vinte e tantos anos, todo o tempo de reclusão da marquesa, tempo que dedicou ao recolhimento de uma paixão que vem à tona, transformando-a completamente com a presença de Simplicio Costa, que outro não é senão o oficial de cavalaria, o apaixonado dos sonhos da senhora marquesa, por quem sofreu durante tanto tempo.

Dá-se a radical transformação no castelo e até o pássaros tornam a cantar.

A marquesa é agora uma mulher diferente. Voltam a sua graça e mocidade quase chegando ao ridículo.

O COSTA DO CASTELO

A comédia portuguesa "O Costa do Castelo", que a Companhia Jaime Costa está apresentando neste fim de temporada, é de autoria de João Bastos e da mesma foi extraído o filme, com o mesmo título, exibido já em nossas capitais. Foram êstes os seus intérpretes, agora, na apresentação brasileira: Januario, Ramos Junior; Rita, Cora Costa; André, Francisco Dantas; Simplicio, Jaime Costa; Deolinda, Aurea Rios; Rosa Maria, Grace Moema; Agente, José Braga; Luizinha, Nelma Costa; Gastão, Sandro Roberto, Mafalda, Alzira Rodrigues; Francisco, Elpidio Camara; Dr. Miranda, Murilo Gandra; Matilde, Hortencia Silva; D. Simão, Aristoteles Pena; Isabel, Ulda Rezende, Roberto, Adolar Costa.

Simplicio Costa é um bonacheirão, compositor de fados, professor, poeta, pensionista da casa do sr. Januario e d. Rita, pais adotivos de Luizinha, uma menina muito bonita, funcionária de um banco.

D. André, sobrinho da marquesa de Vera-Flôr, apaixonou-se por Luizinha e, trocando de nome, hospeda-se na pensão, tornando-se um dos hóspedes mais simpáticos, graças aos presentes com que diariamente mimoseia a família.

A sra. marquesa, ao sentir o afastamento de d. André do Castelo, procura o seu paradeiro, encontrando-o no ambiente pobre da pensão, onde vai buscá-lo, a tróco de desaforos e de pilulas. D. Gastão acompanha-a nessa missão.

Acontece, porém, que d. André adocece e, a conselho do médico do





culo. O amor é capaz de tudo... Chegam ao palácio mais dois sobrinhos da marquesa e são apresentados a d. Simplicio, já agora fidalgo, descendente dos Costas do Castelo, nobre família cuja árvore genealógica apresenta um tronco descomunamente conhecido pela marquesa.

E' marcada uma "verbena" e procedem-se os preparativos para uma "véspera", os ensaios.

D. Simão, que apresentou Simplicio Costa como fidalgo, já agora acha ser tudo um

absurdo e quer dizer a verdade à senhora marquesa. Tudo é movimento no palácio. Colchas que se desgavetam, foguetes para o ar, flôres em todos os cantos, balões, prendas, sorteios, luzes, algazaras, etc. D. Simão não entende mais nada e quer explodir. Ameaça dar em todos com uma forte bengala, e o pânico se forma...

Na presença de todos, d. Simplicio diz a verdade; d. Simão desmaia e a marquesa declara abdicar da fidalguia e entregar-se de corpo e alma ao seu amado, único candidato ao seu coração ainda em pleno vigor.



CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Agôra muitos usam
DENTADURA POSTICA
com mais comocidade

FIXODENT, um pó alcatifado (não é loi-
de agradável sob r. man em as dent du-
ras po t cas firmes na boca. Para comer
e falar e m mais comocidade, experimen-
te um pouco do FIXODENT sobre sua
dentadura postica. Não fica na boca ne-
nhuma s n açã pegajosa. Combate o
"chão característico de dentadura" —
perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em
qualquer farmácia ou depósito dentário.
Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

87-B

Desperte a Bilis 'do seu Fígado'

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente
um litro de bilis. Si a bilis não corre
livremente, os alimentos não são dige-
ridos e apodrecem. Os gases incham o
estômago. Sobrevem a prisão de ventre.
Você se sente abatido e como que en-
venenado. Tudo é amargo e a vida é
um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará
a causa. Neste caso, as Pilulas Carters
para o Fígado são extraordinariamente
eficazes. Fazem correr esse litro de bilis
e você se sente disposto para tudo. São
suaves e, contudo, especialmente indica-
das para fazer a bilis correr livremente.
Peça as Pilulas Carters para o fígado.
Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 8.00



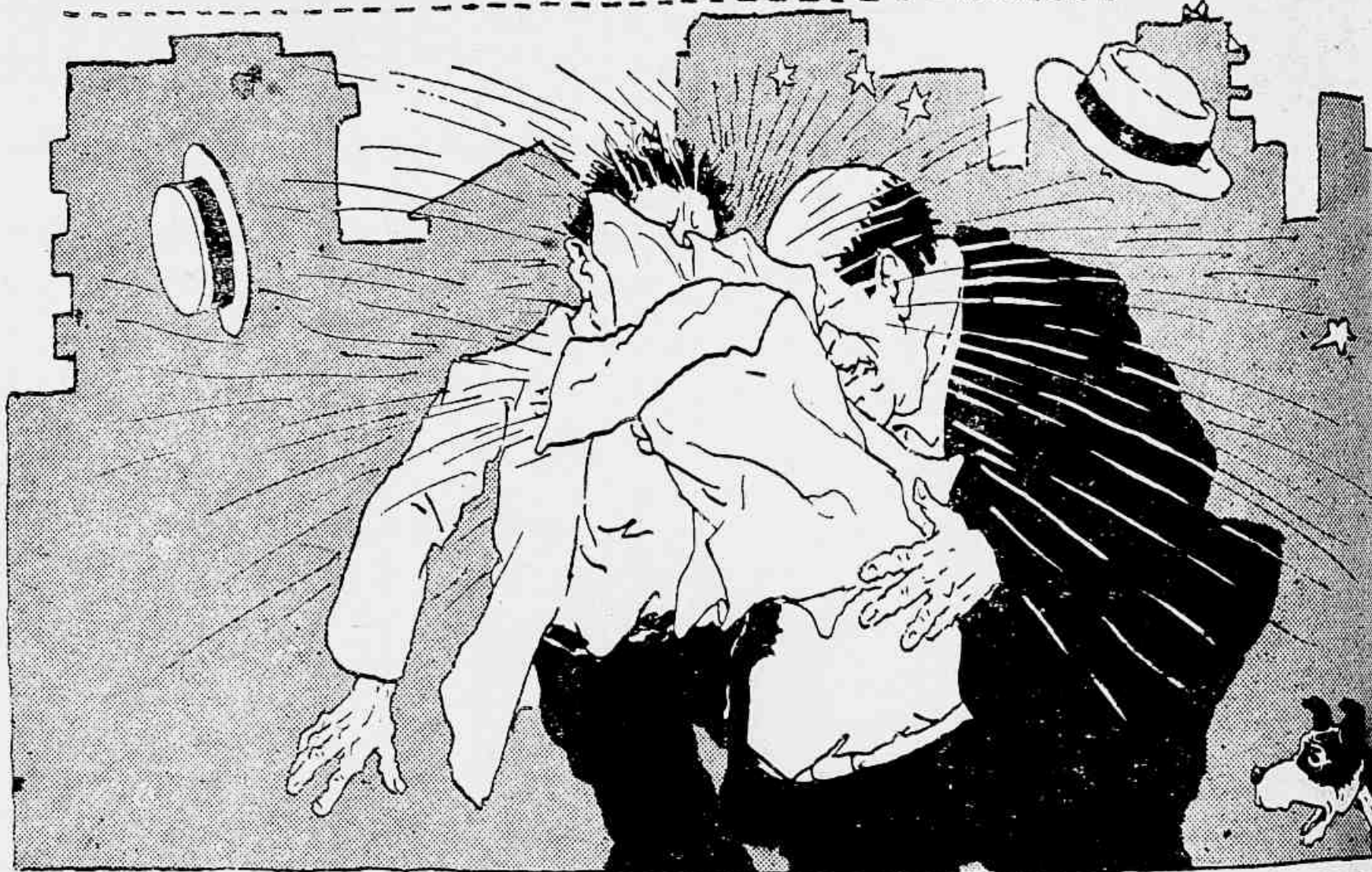
ZIMOLACTOL

GRANADO & CIA
RIO DE JANEIRO

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARGUINO

CHAVÃO CARIOCA

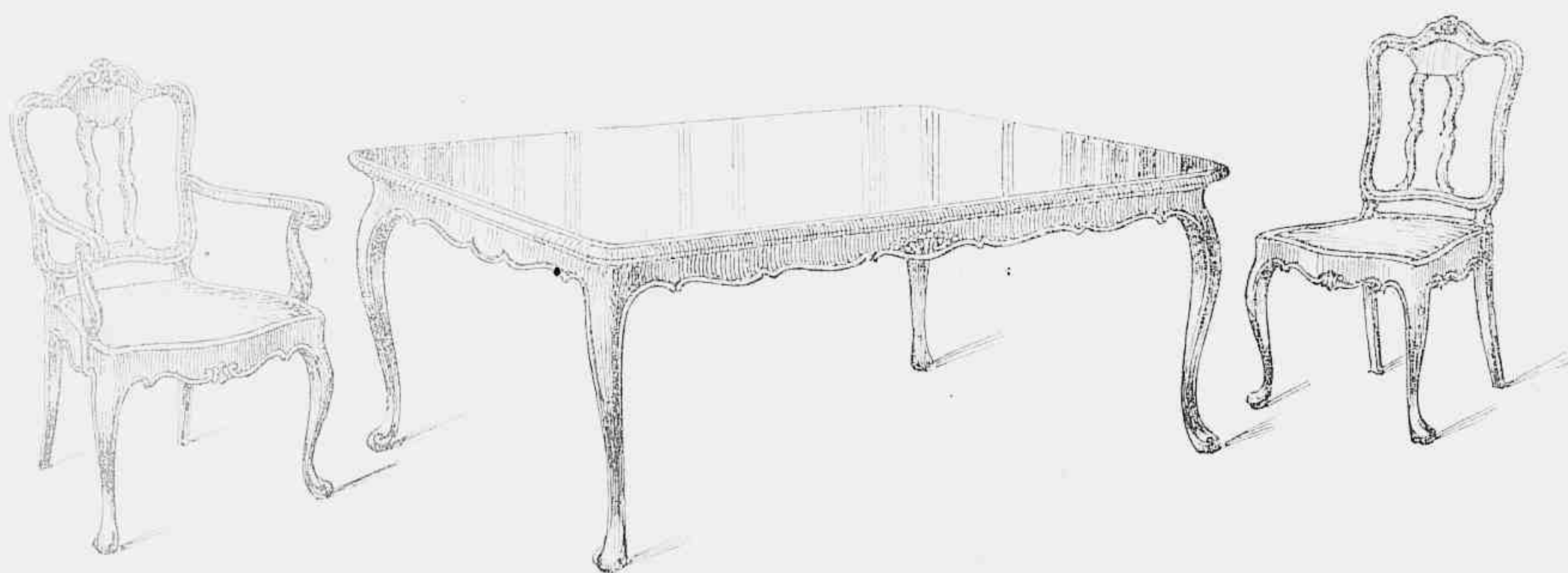


— Não se enxerga?!...

— Seu bruto!...



Os dois: — Você não sabe com quem está falando?!



SALA DE JANTAR

A estilização, nos tempos atuais, é o processo mais fácil encontrado pela técnica moderna, para que se possa, sem prejuízo da estética, construir ou criar um ambiente artístico de acordo com os velhos estilos, sem vultosas despesas monetárias. Apresentamos aqui um modelo de sala de jantar "Queen Anne" estilizado, com cadeiras forradas em couro liso, mesa fixa coberta por uma lâmina transparente. Um "buffet" de portas de cristal e uma larga "étagère" completam o mobiliário deste moderno e belo "dinning-room".

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

CIGARROS
ELMO
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO
ELMO